

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Alice Sonaglio de Vasconcellos

**ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO SOBRE SUJEITOS COM DEFICIÊNCIA
EM PROGRAMAS DA MÍDIA TELEVISIVA**

Porto Alegre
2019

Alice Sonaglio de Vasconcellos

**ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO SOBRE SUJEITOS COM DEFICIÊNCIA
EM PROGRAMAS DA MÍDIA TELEVISIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Alfredo Veiga-Neto

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

VASCONCELLOS, ALICE SONAGLIO DE
ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO SOBRE SUJEITOS COM
DEFICIÊNCIA EM PROGRAMAS DA MÍDIA TELEVISIVA / ALICE
SONAGLIO DE VASCONCELLOS. -- 2019.
142 f.
Orientador: Alfredo Veiga-Neto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. educação. 2. mídia televisiva. 3. inclusão. 4.
governo . I. Veiga-Neto, Alfredo, orient. II.
Título.

Alice Sonaglio de Vasconcellos

**ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO SOBRE SUJEITOS COM DEFICIÊNCIA
EM PROGRAMAS DA MÍDIA TELEVISIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 09 jul. 2019

Prof. Dr. Alfredo Veiga – Neto – Orientador

Prof. Dra. Fernanda Wanderer – UFRGS

Prof. Dra. Kamila Lockmann – FURG

Prof. Dra. Saraí Patrícia Schmidt - FEEVALE

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial, à minha mãe, por todo apoio emocional e financeiro.

Às minhas poucas e especiais amigas – Jéssica e Cíntia –, que, mesmo à distância, sempre se mantiveram presentes, sendo boas ouvintes e companheiras neste processo.

À amiga Gicele, que fiz neste curso e se tornou muito especial para mim. Foi parceira de aulas, reuniões, doces no Antonio e conselheira nas horas vagas.

Às colegas com quem troquei ideias e confraternizei nesses dois anos.

A todos os professores com quem tive aula nestes dois anos, que me proporcionaram espaços para pensar de outros modos, conhecer novos autores e aprofundar-me mais nos que já conhecia.

Ao Grupo de Pesquisa em Educação e Contemporaneidade (GPCC), pelas orientações e contribuições para a construção desta dissertação, bem como pelos espaços de aprendizado propiciados pelos colegas e orientador.

Ao Alfredo Veiga-Neto, meu orientador, pela oportunidade e aprendizados proporcionados.

À professora Adriana Thoma (*in memoriam*), que fez parte da banca de qualificação desta dissertação e com quem tive oportunidade de aprender muito sobre Foucault e inclusão.

Às professoras Fernanda Wanderer, Kamila Lockmann e Saraí Schmidt, que compõem a banca de defesa desta dissertação, pelo aceite e pelas sugestões para a qualificação e encerramento deste trabalho.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

À UFRGS, pela oportunidade de estudar em uma universidade pública, de qualidade e excelência.

RESUMO

A presente dissertação tem como tema os discursos midiáticos sobre as pessoas com deficiência. Escolhi esse tema a partir da percepção da constante participação das pessoas com deficiência em programas de TV. Isso me inquietou com relação à forma como tal participação vinha ocorrendo, pois observei que os discursos midiáticos buscam mostrar as pessoas com deficiência com dificuldades e conquistas semelhantes às de quaisquer pessoas. Assim, acabam aproximando-as da normalidade, tentando gerar uma familiarização de sua presença e circulação na sociedade. A partir disso, o problema de pesquisa foi: como operam as estratégias de governo ético e político nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular* quando tratam das pessoas com deficiência? E, o objetivo geral é analisar as estratégias de governo presentes nos programas televisivos *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. A escolha dos dois programas deu-se em virtude de que neles a pessoa com deficiência se narra, fala de sua vida, o que permite perceber modos de subjetivação. Ressalto que as lentes teóricas utilizadas nesta pesquisa são as dos Estudos Foucaultianos em Educação. Utilizo os conceitos-ferramenta de governo, modos de subjetivação, norma e seus correlatos. Duas noções fundamentais para esta pesquisa são: discurso e dispositivo pedagógico da mídia. Para compor o *corpus* da pesquisa, acompanhei os programas escolhidos pelo período de um ano (2017-2018) e selecionei 39 episódios no total. As participações foram discutidas em três categorias: (1) história de vida, (2) educação e mercado de trabalho, (3) ações solidárias. A primeira abrange as duas atrações e contém as falas da pessoa com deficiência, que discorrem sobre sua vida. Nessa categoria fiz três subdivisões e trabalhei com as tecnologias assistivas como uma possibilidade de borramento de fronteiras; o esporte, como um meio de enfrentar e superar as dificuldades impostas pela deficiência e a vivência da sexualidade como uma conquista alcançada. Já na segunda categoria, são consideradas reportagens do programa *Encontro com Fátima Bernardes* realizadas por qualquer pessoa, referentes à educação e ao mercado de trabalho. Aqui, a educação e o mercado de trabalho são apresentados como espaços fundamentais para as pessoas com deficiência e como meio para a superação dos preconceitos. Na terceira, são problematizadas as reportagens que divulgam ações solidárias em prol do atendimento das necessidades da pessoa com deficiência, as quais considero que têm a função de conduzir subjetividades inclusivas. Percebe-se uma normalização da pessoa com deficiência, que é mostrada com habilidades e dificuldades comuns a todas as pessoas, o

que acarreta um forte borramento das fronteiras entre normal e anormal e uma sensibilização e tentativa de condução das condutas dos telespectadores e convidados, no sentido de que as pessoas com deficiência são capazes e necessitam ser incluídas em todos os ambientes da sociedade. Por fim, destaco que a mídia exerce uma condução das condutas dos telespectadores, operando modos de subjetivação por intermédio da participação de pessoas com deficiência, no sentido de mostrar que essas pessoas são capazes de se superar constantemente.

Palavras-chave: inclusão, mídia televisiva, governo.

ABSTRACT

The present dissertation has as its theme the media discourses about people with disabilities. I chose this theme from the perception of the constant participation of people with disabilities in TV programs. This has brought me concerns about the way such participation has taken place, as I have observed that media discourses seek to show people with disabilities difficulties and achievements similar to those of any people. Thus, they end up bringing them closer to normality, trying to generate a familiarization of their presence and circulation in society. Based on these observations, the research problem was outlined as follows: What governance strategies are present in the Meet Fatima Bernardes and Esporte Espectacular programs when dealing with people with disabilities? The general objective is to analyze the governance strategies present in the television programs Encontro com Fátima Bernardes and Esporte Espectacular. The choice of the two programs was due to the fact that in them the disabled person is told, speaks of his life, which allows to perceive modes of subjectivation. I emphasize that the theoretical lens used in this research is the Foucauldian Studies in Education, which means that it is not a question of seeking absolute truths and / or positioning myself against or in favor of inclusion and participation of people with disabilities in the media, but to question how this has been happening. In this dissertation, I use the concepts-tool of governance, modes of subjectivation, and norm and their correlates. Two fundamental notions for this research are: discourse and pedagogical device of the media (FISCHER, 1997; FISCHER, 2013). To compose the corpus of the research, I followed the meetings with Fátima Bernardes and Esporte Espectacular for a period of one year (2017-2018) and selected 31 and eight episodes, respectively. Participations were discussed in three categories. The first one covers the two attractions and contains the speeches of the person with disabilities, which discusses their life and the various aspects related to it. Already in the second, they are considered articles of the Meeting with Fátima Bernardes carried out by any person, referring to the education and to the work market like spaces fundamental for the person with disability. In the third, the reports that disclose solidarity actions in support of the needs of people with disabilities are problematized. In the analysis, I noticed a normalization of the disabled person, which is shown with skills and difficulties common to all people, which entails a strong blurring of the boundaries between normal and abnormal. Likewise, there is an awareness and attempt to conduct the conduct of viewers and guests, in the sense that people with disabilities are capable and need to be included in all the environments of society.

Finally, I note that the participations seek to conduct behaviors so that the need for people with disabilities to take part in the neoliberal game, consuming goods and services and circulating in society is perceived.

Keywords: inclusion, television media, government

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícias de <i>Globo Esporte</i> , dias 07/03/17 e 25/10/17	16
Figura 2 – Notícia de <i>O Globo</i> , dia 11/06/17.....	16
Figura 3 – Notícia de <i>JC Online</i> sobre o filme <i>Cromossomo 21</i>	17
Figura 4 – Episódio dos programas <i>Encontro com Fátima Bernardes</i> e <i>Esporte Espetacular</i>	18
Figura 5 – Personagem Benê, de <i>Malhação Viva a Diferença</i>	19
Figura 6 – Estela (à esquerda) e Sophia (sua mãe)	19
Figura 7 – Reportagem de <i>Diário do Nordeste</i> , dia 05/05/18	38
Figura 8 – Reportagem de <i>A crítica</i> , dia 09/04/18	38
Figura 9 – Reportagem de <i>Folha Uol</i> , dia 07/05/18	39
Figura 10 – Reportagem de G1, dia 19/04/18	39
Figura 11 – Reportagem de <i>Folha Regional</i> , dia 27/04/18	39
Figura 12 – Reportagem de <i>O Imparcial</i> , dia 27/04/18	39
Figura 13 – Reportagem de <i>Correio do Povo</i> , dia 20/03/19	40
Figura 14 – Reportagem de <i>O Sul</i>	40
Figura 15 – Reportagem de <i>Gaúcha ZH</i> , dia 05/03/19	40
Figura 16 – Síndrome de Down e Autismo	41
Figura 17 – Deficiência Física e Surdez	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Episódios do programa <i>Encontro com Fátima Bernardes</i> com a presença de pessoas com deficiência	27
Tabela 2 – Episódios do programa <i>Esporte Espetacular</i> com a presença de pessoas com deficiência	29
Tabela 3 – Grupos de estudos e pesquisas gaúchos que fazem referência à inclusão no nome	44
Tabela 4 – Algumas leis da inclusão educacional	48

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1. CAMINHOS METODOLÓGICOS	24
2. PARA PENSAR A INCLUSÃO	37
2.1. INCLUSÃO E PROLIFERAÇÃO DISCURSIVA	38
2.2. NOÇÕES SOBRE INCLUSÃO	51
3. PARA PENSAR A MÍDIA	57
3.1. EDUCAÇÃO E MÍDIA	57
3.2. PROGRAMA <i>ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES</i> E PROGRAMA <i>ESPORTE ESPETACULAR</i>	60
4. ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO DE PESSOAS COM E SEM DEFICIÊNCIA NOS PROGRAMAS <i>ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES</i> E <i>ESPORTE ESPETACULAR</i>	66
4.1. HISTÓRIA DE VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO	67
4.1.1. Tecnologias assistivas e as possibilidades de borramento de fronteiras	77
4.1.2. O esporte e as dificuldades enfrentadas e superadas	86
4.1.3. A vivência da sexualidade: uma conquista alcançada	92
4.2. EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E MERCADO DE TRABALHO: ESPAÇOS FUNDAMENTAIS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	100
4.2.1. Mercado de trabalho	112
4.3. ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO PARA SENSIBILIZAÇÃO QUANTO ÀS NECESSIDADES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134

APRESENTAÇÃO

A inclusão de pessoas com deficiência¹ está na ordem do dia, ou seja, vem sendo evidenciada e discutida em diversos espaços sociais, e há uma preocupação com a inserção dessas pessoas em diferentes ambientes sociais, como no mercado de trabalho e nos espaços de lazer. Sabe-se que o modo como tratamos as pessoas com deficiência passou por transformações ao longo do tempo. Nestas linhas introdutórias, darei pinceladas sobre algumas delas. Thoma e Kraemer (2017)² indicam três movimentos importantes para entender como a política de inclusão se constituiu da forma em que está posta hoje em nossa sociedade; são eles: *inclusão como reclusão*, *inclusão como integração* e *inclusão como imperativo de Estado*.

Lobo (2008), na obra *Os infames na história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*, relata que o Brasil, assim como outras colônias europeias, era usado como depósito para indesejáveis e lugar de degredo para os que feriam a lei na mãe-pátria. Nesse sentido, os processos de reclusão das pessoas com deficiência ocorreram, segundo ela, de maneira tardia em relação à Europa, pois as pessoas consideradas moralmente reprovadas “perambulavam livres pelas estradas, pelas periferias e mesmo no interior dos espaços urbanos, com passagens eventuais pelas prisões, caso exibissem comportamento considerado agressivo e indecoroso.” (LOBO, 2008, p. 271).

Thoma e Kraemer (2017) comentam que, desde a época colonial do Brasil (1500-1822), nos primeiros séculos de sua história, encontram-se registros mostrando que as pessoas com deficiência viviam em situação de exclusão: “as famílias as mantinham confinadas em áreas específicas da casa ou eram enviadas para instituições – casas de misericórdia ou prisões – em caso de perturbação da ordem pública.” (p. 25). Thoma e Kraemer (2017) também apontam que, mesmo com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, não houve grandes mudanças em relação à maneira de tratar as pessoas com deficiência. As autoras destacam

¹ Neste trabalho, uso a nomenclatura “pessoas com deficiência” para designar os sujeitos com deficiência porque essa denominação é uma luta do movimento político dessas pessoas, que, de acordo com Siqueira (2010), buscaram novas denominações que pudessem romper com a imagem negativa que as excluía. Segundo a autora, “‘pessoa com deficiência’ passou a ser a expressão adotada contemporaneamente para designar esse grupo social. Em oposição à expressão ‘pessoa portadora’, ‘pessoa com deficiência’ demonstra que a deficiência faz parte do corpo e, principalmente, humaniza a denominação. Ser ‘pessoa com deficiência’ é, antes de tudo, ser pessoa humana. É também uma tentativa de diminuir o estigma causado pela deficiência. A expressão foi consagrada pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2006.” (SIQUEIRA, 2010, p. 16-17).

² O livro escrito por essas autoras e utilizado neste trabalho está na sua versão em espanhol, e a tradução foi feita por mim.

que, entre os movimentos de atenção para com essas pessoas no período do Império, “encontramos o início de atividades destinadas a tratar pessoas alienadas a partir de 9 de dezembro de 1852 no Hospício Pedro II, uma instituição ligada à Santa Casa de Misericórdia, no Rio de Janeiro.” (THOMA; KRAMER, 2017, p. 25). Após esse período, começaram os movimentos e modificações no olhar e na forma de tratar as pessoas com deficiência, que podem ser divididos nos três paradigmas da inclusão propostos por Thoma e Kramer (2017) e mencionados no início desta apresentação, sobre os quais discorro um pouco mais neste momento.

A *inclusão como reclusão*, segundo as autoras, caracteriza-se por ações, políticas, planos e legislação orientados às pessoas com deficiência no Brasil, com a criação de instituições para cegos (1854) e surdos (1857) no século XIX. “Os processos de institucionalização em espaços de reclusão podem ser vistos como os primeiros movimentos para a inclusão, porque até então, o direito à vida dessas pessoas foi negado.” (THOMA; KRAEMER, 2017, p. 16-17). Em instituições, ainda que separadas da sociedade, essas pessoas passaram a ter direito a assistência e educação, o que, conforme as pesquisadoras, se estende até a década de 1950. Alguns exemplos de garantias legais desse período são a Constituição Federal de 1934, que traz em seu texto a educação como direito de todos, a obrigação da escola primária integral e extensiva aos adultos, a educação gratuita nas escolas públicas, a vinculação de uso de porcentagem dos impostos pelos estados, municípios e União em favor da educação escolar e a assistência de alunos necessitados. Ainda de acordo com Thoma e Kraemer (2017), a partir da promulgação da Constituição de 1934, surgirá a necessidade de discutir uma lei para estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, além de um plano nacional de educação. Porém, isso não se materializou.

Posteriormente, a Constituição de 1946, no seu artigo 5º, elaborada após a Ditadura Vargas, garantiu o direito à educação. As autoras afirmam que, nesse período, as ações para as pessoas com deficiência foram garantidas por campanhas, tais como a Campanha Nacional para a Educação do Surdo Brasileiro (Decreto nº42.728/1957), a Campanha Nacional para a Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais (Decreto nº 44.236/ 1958) e a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação para Deficientes Mentais (Decreto nº 48.961/1960).

Por sua vez, a *inclusão como integração*, segundo as mesmas autoras, é composta pelo conjunto de ações políticas, planos e legislações que se caracterizam por guiar e fomentar a participação das pessoas com deficiência na sociedade e na escola. “No entanto, para que essa participação seja eficaz, vai depender das condições do próprio sujeito, que deve, a partir de seus esforços e seus investimentos, adaptar-se aos espaços e tempos pensados para a maioria”

(THOMA; KRAMER, 2017, p. 17). De acordo com Rech (2011), o objetivo da inclusão como integração “era integrá-los [os deficientes] em ambientes escolares o mais próximos possível daqueles oferecidos à pessoa dita ‘normal’” (p. 24). As ações de integração das pessoas com deficiência tornaram-se mais efetivas, principalmente, após o período da ditadura militar (1964-1985), com a Constituição de 1988, que garante o direito à educação e o coloca como dever do Estado e da família. Além dela, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, e a reestruturação da Secretaria de Educação Especial no Ministério da Educação, a partir da década de 1990, fazem parte desse movimento. Rech (2011) diz que,

Através das políticas e ações do Governo Fernando Henrique Cardoso, a ideia de “integração/inclusão escolar” conquista um novo espaço no cenário nacional. A partir do ano de 1999 – início do segundo mandato –, as ações em benefício desses movimentos ganharam destaque e tornam-se prioridade para o Governo no que diz respeito à educação. Dando continuidade aos seus objetivos, a passagem do “movimento de integração escolar” para o “movimento de inclusão escolar” foi sendo pensada de acordo com as condições sociopolíticas do país. (p. 26)

Depois desse período, foram se transformando os modos de tratar as pessoas com deficiência. Pode-se dizer que se inicia um movimento chamado de *inclusão como imperativo de Estado*³ (LOPES; RECH, 2013). Importa mencionar que fazem parte desse período leis que versam sobre educação, mercado de trabalho, inclusão social, acessibilidade, etc. Em relação à educação, é possível citar as seguintes leis: Resolução CNE/CEB nº2/2001, Lei nº 10.172/2001, Resolução CNE/CP nº 1/2002, Lei nº 10.436/2002, Decreto nº 6.094/2007 e Decreto nº 7.611/2011. O documento que considero como destaque para pensar a inclusão escolar nessa lógica é a *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, de 2008, que traz as diretrizes para uma política pública voltada à inclusão escolar. Além disso, há um número considerável de normativas legais para garantir direitos – como o direito à acessibilidade, no Decreto nº 5.296/2004, e ao exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais, no Decreto nº 6.949/2009 –, além de um estatuto da pessoa com deficiência, na Lei nº 13.146/2015, que versa sobre: direitos fundamentais; tecnologia assistiva; direito de participação na vida pública e política; acesso à justiça; crimes; e infrações. Portanto, somado a outros elementos que não foram citados, há um aparato legal que coloca a inclusão como um imperativo de nosso tempo.

Com essas práticas que configuram a *inclusão como imperativo de Estado*, a inquietação em relação aos sujeitos com deficiência, que antes poderia estar mais em pauta dentro das instituições escolares, no momento, expande-se também para outros espaços.

³ Darei atenção para a inclusão como imperativo de Estado no Capítulo 2 desta dissertação.

Por exemplo, ao realizar uma consulta com a palavra “deficientes”⁴ no Blog Saúde⁵, elaborado e mantido pelo Ministério da Saúde, encontrei 24 resultados de reportagens, informativos e notícias que abordam diversos aspectos da vida das pessoas com deficiência, como sexualidade, acessibilidade e aparelhos auditivos. Também foram mencionados programas de educação para saúde, colocando a inclusão de pessoas com deficiência na pauta e as comemorações dos dias de algumas deficiências.

Outro exemplo dessa expansão é o fato de que a inclusão de pessoas com deficiência parece fazer parte também do roteiro de diversos meios de comunicação, como *blogs*, portais de notícias e programas de televisão. Nas imagens abaixo, trago títulos de reportagens recentes que abordam diferentes temas relacionados à vida do deficiente, como mercado de trabalho, superação de dificuldades impostas pela deficiência e sexualidade.

Figura 1 – Notícias de *Globo Esporte*, dias 07/03/17 e 25/10/17.

Aos 15 anos, brasileiro que já passou por 21 cirurgias busca medalha em PyeongChang

Revelação do esqui cross-country paralímpico, Cristian Ribera nasceu com artrogrípse, doença congênita das articulações das extremidades. Atleta é skatista nas horas vagas

Com balé inclusivo, Anitta realiza sonho de atleta paralímpica

Grande destaque do Prêmio Multishow, cantora se apresentou ao lado de Camille Rodrigues, nadadora do Vasco e da seleção brasileira, que é amputada

Fonte: globoesporte.com

Figura 2 – Notícia de *O Globo*, dia 11/06/17.

Mesmo com a lei de cotas, pessoas com deficiência ainda enfrentam dificuldades no mercado

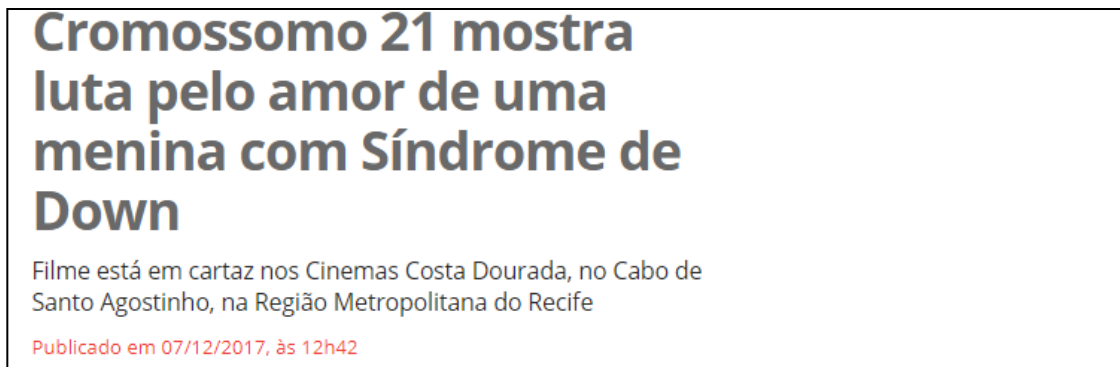
Além da falta de oportunidades, vagas desqualificadas são frequentes

Fonte: *Jornal O Globo*

⁴ A palavra “deficientes” foi utilizada para essa busca porque, ao pesquisar com a palavra “inclusão”, os resultados remetiam à inclusão de medicamentos e práticas no Serviço Único de Saúde (SUS).

⁵ Essa consulta foi realizada em abril de 2017.

Figura 3: Notícia de *JC online* sobre o filme *Cromossomo 21*



Fonte: JC online

As figuras apresentadas mostram assuntos bastante abordados no que diz respeito à vida das pessoas com deficiência, como a superação da deficiência mediante o esporte ou a inclusão na sociedade por meio dele; a inclusão no mercado de trabalho e suas dificuldades; e a vivência da sexualidade no namoro e/ou casamento. Além disso, tenho observado que constantemente os indivíduos com deficiência estão presentes em programas de televisão, como mostra a Figura 4, aos quais são convidados para compartilhar sua história e suas experiências como pessoas com deficiência. Na maioria dessas participações, assim como nas reportagens mencionadas acima, eles são convidados a relatar suas dificuldades e os desafios que superaram para chegar a determinado objetivo. Esses relatos são apresentados como momentos de lutas e superação de obstáculos impostos pela deficiência ou pela sociedade, o que talvez possa inspirar aqueles que estão assistindo às entrevistas.

Figura 4 – Episódios dos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*



Fonte: GloboPlay

Outro espaço da mídia televisiva em que tem sido constante a presença de indivíduos com deficiência são as novelas. Em 2017, por exemplo, a telenovela juvenil *Malhação*, na temporada intitulada “Viva a diferença”, contava com quatro protagonistas, e uma delas era Benê, a qual é descrita, no texto de divulgação da personagem, como “uma jovem diferente e encantadora. Tem um divertido excesso de sinceridade, mas também sofre para expressar suas emoções.” (GLOBO, 2017). No decorrer da trama, não é mencionado que Benê é deficiente, porém, o telespectador pode acompanhar suas idas a psicólogos e a preocupação de sua mãe com a condição emocional da filha. Nos últimos capítulos, a própria personagem conta que possui síndrome de Asperger e explica o que significa ter essa síndrome. No mesmo ano, mas no horário das 21h, na novela *O outro lado do paraíso*, finalizada em maio de 2018, o telespectador convivia com o drama de Estela, interpretada por Juliana Caldas, uma anã que sofria com a rejeição da mãe e da família devido à sua deficiência. Na descrição da personagem, no *site* da novela, é informado que “há anos, ela mora no exterior, onde estuda. Sempre quis retornar ao Brasil, mas a mãe prefere mantê-la longe. Sophia tem vergonha de Estela por ela ser anã.” (GLOBO, 2017b).

Figura 5 – Personagem Benê de *Malhação*, “Viva a Diferença”.



Fonte: youtube.com (Canal da TV Globo)

Figura 6 – Estela (à esquerda) e Sophia (sua mãe)



Fonte: purepeople.com.br

Tais fatos e repercussões sobre as pessoas com deficiência chamam minha atenção porque, além da proliferação desse assunto, a inclusão tem sido meu tema de pesquisa desde a graduação em Educação Física (2011-2014) na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde tive a oportunidade de participar do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e In/Exclusão, coordenado pela Professora Kamila Lockmann, no Instituto de Educação da FURG. Na época, desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso (TCC) nessa temática.

Naquele trabalho, intitulado *Percepções dos Educandos com Deficiência em Processo de Inclusão sobre suas aulas de Educação Física nas Escolas Municipais de Rio Grande/RS*⁶, entrevistei e observei quatro alunos que estavam em processo de inclusão em escolas municipais de Rio Grande, em diferentes bairros e com diferentes deficiências. Essa pesquisa trouxe um grande desafio, que foi o de mostrar a inclusão pela visão dos alunos que estão sendo incluídos; ao mesmo tempo, aumentou minha inquietação com as políticas de inclusão.

Com esse trabalho, pude perceber que o imperativo de Estado da inclusão não pode ser naturalizado e que a inclusão não se resume a estar dentro da escola. O tema da inclusão é complexo e envolve vários aspectos sociais, políticos e econômicos, não podendo ser resolvido com uma simples ocupação do espaço físico. Além disso, percebi que tanto os professores quanto os monitores agem nos processos de normalização do aluno para que ele possa atingir os objetivos da inclusão escolar, que é enquadrar todos dentro de uma mesma lógica e conduta. Por fim, também observei que o processo de inclusão na Educação Física possibilita experiências positivas aos alunos com deficiência, pois proporciona espaço para que os alunos com deficiência se sintam mais livres em relação à disciplina de uma sala de aula convencional, onde necessitam permanecer sentados e atentos na maior parte do tempo.

Após concluir a graduação, tive a oportunidade de trabalhar como *personal trainer* de uma menina com síndrome de Down no período de 2015-2017. Com essa aluna, realizava atividades práticas semanalmente, com o objetivo de manter o peso corporal adequado, além de outras que contribuíssem para uma melhor realização das atividades da vida diária, como exercícios envolvendo equilíbrio e alongamento. Com essa proximidade, também pude conhecer a rotina da família e sua história e, embora não estivesse no meio acadêmico, continuei problematizando questões referentes à inclusão de pessoas com deficiência.

Posso dizer que a inclusão de pessoas com deficiência continua sendo foco de meus interesses, porém, nesta dissertação, afasto-me um pouco do ambiente escolar que havia estudado e proponho abordar os discursos midiáticos sobre as pessoas com deficiência. Tal escolha ocorreu por perceber a constante participação dessas pessoas em programas de TV, o que me trouxe inquietações em relação à forma como isso vinha ocorrendo, pois observei que os discursos midiáticos procuram mostrar as pessoas com deficiência como pessoas normais em relação à norma vigente em nossa sociedade, tentando, ao aproximá-las, gerar uma

⁶ Trabalho orientado pela professora Leila Cristiane Finoqueto e, posteriormente, publicado em: VASCONCELLOS, Alice Sonaglio; FINOQUETTO, Leila Cristiane; MACHADO, Roseli Belmonte; FREITAS, Débora Duarte. *Inclusão e Educação Física no Município de Rio Grande: Reflexões sobre as percepções dos Educandos com Deficiência*. Movimento (UFRGS), v. 22, p.835-848, 2016.

familiarização com sua presença e circulação na sociedade. Essa familiarização e a sensibilização com relação às pessoas com deficiência não são dirigidas a um público em especial, mas a quaisquer pessoas, como pretendo demonstrar nesta investigação.

Penso que é relevante discutir a inclusão de pessoas com deficiência na mídia televisiva porque a mídia exerce uma função pedagógica, no sentido de educar seus telespectadores; embora diferentemente da escola, produz efeitos nas condutas dos indivíduos por ela atingidos. Fischer (1997) diz que há um “dispositivo pedagógico” da mídia. A autora comenta que, a partir da análise dos modos como é construída a linguagem de alguns programas de TV, seria possível caracterizar esse dispositivo, “(...) supondo que um produto dessa natureza se faz ‘pedagógico’ a partir da própria estruturação de seus textos, sons e imagens.” (p. 66). Ainda segundo a pesquisadora, não se trata de separar conteúdo e forma, “(...) mas ao contrário, de investigar a lógica discursiva da mídia em direção à produção de sentidos, a partir do exame de estratégias de linguagem.” (p. 66).

Em relação às pessoas com deficiência, tenho observado que alguns programas, em especial, têm dado maior destaque a elas. Exemplos disso são os programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*, os quais parecem querer mostrar e conformar um jeito de ser pessoa com deficiência. Esses programas exibem as pessoas com deficiência como exemplos de superação, seja por meio do esporte, como é o caso do *Esporte Espetacular*, seja mediante mudanças de hábitos, construção de uma família e vivência da sexualidade, entre outros fatores exibidos no *Programa Encontro com Fátima Bernardes*. Por esse motivo, escolhi esses dois programas para compor o lócus desta pesquisa, e também por notar que há uma convocação e um chamado à sensibilização do público em geral quanto às histórias das pessoas com deficiência. Entendo que isso é um modo de conduzir as condutas dos telespectadores, convidados e plateia e, portanto, pode ser um modo de governo (VEIGA-NETO, 2002), conceito que aprofundarei no decorrer desta dissertação.

A partir dessas observações, o problema de pesquisa foi delineado da seguinte forma: *como operam as estratégias de governo ético e político nos programas Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular quando estes tratam das pessoas com deficiência?* Para tentar responder essa pergunta, o presente estudo tem como objetivo geral: *analisar as estratégias de governo que estão presentes nos programas televisivos Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular*. Ainda, há três objetivos específicos:

- Analisar as estratégias de governo presentes nas participações de pessoas com deficiência nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular* que se dirigem às pessoas com deficiência.

- Analisar como são colocadas em funcionamento as práticas de condução das condutas que se destinam às pessoas sem deficiência.
- Problematizar as estratégias de governo utilizadas pela mídia televisiva em relação às pessoas com deficiência.
- Problematizar os modos de subjetivação utilizados pela mídia televisiva para sensibilizar as pessoas sem deficiência com relação às capacidades, necessidades e potencialidades da pessoa com deficiência.

Para realizar a análise dos materiais e tentar cumprir esses objetivos, tenho por base os Estudos Foucaultianos em Educação, o que, para Veiga-Neto (2016), significa “um texto que pergunta acerca do que se pode pensar a partir de Michel Foucault” (p. 4). De acordo com o autor, realizar uma pesquisa com um olhar foucaultiano quer dizer ir à oficina de Foucault para apanhar conceitos-ferramenta ou para respirar a atmosfera que o filósofo nos deixou. Nas palavras de Veiga-Neto,

Por conta do “olhar”, fica o entendimento de que se pode ir à oficina de Foucault para apenas apanhar alguns de seus conceitos-ferramenta ou para, ali, respirar a atmosfera que o filósofo deixou à nossa disposição. Em qualquer caso, busca-se, no seu pensamento, o estranhamento frente ao lugar-comum; buscam-se, também, outras maneiras possíveis de significar tudo aquilo que já parecia ter um significado sólido, acabado, tranquilo e bem sabido. (VEIGA-NETO, 2016, p. 4)

Ao dirigir um olhar foucaultiano para o que está sendo produzido nos programas televisivos a respeito das pessoas com deficiência, não pretendo julgar no sentido de dizer se é positivo ou negativo, mas problematizar de que modo estão ocorrendo as participações dessas pessoas em programas de televisão. Para isso, pretendo utilizar os conceitos-ferramenta de governo, modos de subjetivação, e norma e seus correlatos. Esses conceitos-ferramenta serão explorados no Capítulo 1 desta dissertação. Ademais, discurso e “dispositivo pedagógico” da mídia mostram-se como noções fundamentais para o trabalho.

Esta dissertação é composta por quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Caminhos metodológicos”, discorro sobre os percursos para a construção e desenvolvimento desta pesquisa, contemplando a pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, os conceitos-ferramenta e as noções fundamentais para a pesquisa.

No Capítulo 2, intitulado “Para pensar a inclusão”, em um primeiro momento, apresento a proliferação discursiva a respeito das pessoas com deficiência e de sua inclusão, a partir de três âmbitos, a saber: o midiático, o acadêmico e o legal. Em um segundo momento,

comento sobre as noções teóricas importantes para pensar a inclusão na contemporaneidade e nesta dissertação.

O terceiro capítulo, “Para pensar a mídia”, está dividido em duas partes. Na primeira – “Educação e Mídia” –, discuto os conceitos relacionados com educação e mídia a partir de autores que me ajudaram a pensar esta pesquisa. Na segunda – “Programa *Encontro com Fátima Bernardes* e Programa *Esporte Espetacular*” –, faço uma descrição dos dois programas televisivos que compõem o material de análise.

O quarto capítulo, nomeado “Estratégias de governamento de pessoas com e sem deficiência nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*”, está dividido em três seções. A primeira refere-se às participações das pessoas com deficiência nas duas atrações analisadas, em que falam sobre sua história de vida e os diversos aspectos a ela relacionados. Na segunda seção, discuto as participações no programa *Encontro com Fátima Bernardes* em que quaisquer pessoas se referem à educação e ao mercado de trabalho como espaços fundamentais para a pessoa com deficiência. Na terceira seção, trago falas das duas atrações analisadas em que pessoas sem deficiência expõem ações solidárias que realizam em prol do atendimento das necessidades das pessoas com deficiência, como distribuição de próteses e cadeiras de rodas, entre outras.

Encerro este trabalho com as considerações finais, trazendo os últimos apontamentos da investigação empreendida aqui, além de algumas justificativas e pensamentos sobre outros modos de fazer esta pesquisa e de ultrapassá-la.

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, discorro sobre como pensei esta pesquisa, trazendo a busca que realizei no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o problema de pesquisa, os objetivos, o material de pesquisa, além dos conceitos-ferramenta e as noções fundamentais que compõem o trabalho.

Inicialmente, no projeto de pesquisa, realizei uma busca no Portal de Teses e Dissertações da CAPES para conhecer o que estava sendo produzido sobre inclusão e mídia. Porém, na ocasião da qualificação, foi sugerido que realizasse uma nova pesquisa, utilizando, em vez de “mídia”, “televisão”, sendo este um termo que ajudaria a chegar em trabalhos mais próximos do que intencionava fazer. Segui a sugestão e realizei essa nova busca, sobre a qual comentarei um pouco a partir de agora.

Nessa nova busca, utilizei os descritores “inclusão + televisão” e encontrei 38.711 teses e dissertações. Essa quantidade de trabalhos tornou necessário um refinamento, que fiz utilizando as opções “área do conhecimento: educação” e “nome do programa educação”, resultando em 4.306 trabalhos. Segui a sugestão da banca examinadora e utilizei os últimos 10 anos (2008 – 2018), o que resultou no número final de 3.049 teses e dissertações, sendo 2.317 dissertações de mestrado acadêmico, 14 dissertações de mestrado profissional e 718 teses de doutorado⁷.

A partir desses resultados, constatei, assim como na pesquisa realizada para o projeto de pesquisa, que a maior parte dos trabalhos se referia ou apenas à inclusão, ou à televisão e educação, ou à inclusão digital, e surgiram trabalhos que falavam de tecnologia assistiva, resultado que não tinha sido obtido na pesquisa anterior. Porém, também teve trabalhos como a dissertação de Tardelli (2008), intitulada *A televisão, o surdo e a escola: relações possíveis*, que utiliza a televisão como possibilidade de aprimorar a qualidade educacional dos surdos e como material auxiliar no entendimento e assimilação do conteúdo pedagógico. Nesse trabalho, a autora entrevistou professores de surdos e alunos surdos que frequentaram a escola e a universidade e que tinham o hábito de assistir a programas de televisão. Os resultados desse estudo mostraram que os alunos não só assistem a produções televisivas, como também são capazes de reproduzir elementos dessas produções em suas vivências na escola e de usá-los nas relações sociais e de aprendizagem. Embora a dissertação de Tardelli tenha objetivos

⁷ A divisão nesses três tipos de trabalho é feita pelo Portal de Teses e Dissertações da CAPES.

diferentes dos meus e trabalhe com um tipo de deficiência específico, penso que é interessante por usar a televisão, relacionando-a com a educação e as pessoas com deficiência, o que faz com que se aproxime deste trabalho.

Outra dissertação que também fala de televisão, mas como possibilidade de inclusão social, é a de Linhares (2008), intitulada *Contribuições da telenovela à inclusão social de alunos com deficiência: um estudo de caso a partir da recepção da telenovela América*, que objetivou refletir sobre como a televisão pode contribuir na inclusão social de alunos com deficiência, a partir da recepção da telenovela *América*. A autora realizou um estudo de caso com alunos de uma escola pública de Ceilândia, buscando analisar a representação social que a telenovela veiculou sobre a inclusão social e as representações sociais dos alunos sobre os personagens com deficiência.

A dissertação de Haas (2015) – *Monstros que educam e pouco assustam: diferença e normalização em divertidas animações* – está inscrita no registro teórico dos Estudos Culturais em Educação, utilizando, assim como nesta pesquisa, ferramentas conceituais dos Estudos Foucaultianos. O autor analisou animações produzidas entre 2001 e 2013, com o objetivo de compreender de que modo a diferença foi tratada pelas animações. Foram analisadas cinco animações – *Monster High*, *Hotel Transilvânia*, *Monstros S.A.*, *Um Monstro em Paris* e *Frankenweenie* – a fim de identificar de que maneira monstros e humanos são posicionados nas tramas dessas animações, discutindo-se processos de normalização da diferença. A partir dos achados da pesquisa, o autor problematiza a questão dos limites instáveis entre o monstro e o humano.

Além desses trabalhos que falam sobre televisão e, por isso, se relacionam com esta pesquisa, também encontrei trabalhos que falam apenas de inclusão, mas que se mostram produtivos para ajudar-me: a dissertação de Corrêa (2017) e a tese de Menezes (2011). Na dissertação *A inclusão como estratégia de governo: a condução da conduta dos sujeitos normais*, Corrêa (2017) problematiza, a partir de documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), como os discursos da inclusão escolar colocam em funcionamento estratégias de governo que operam sobre os normais. A autora mostra que os documentos oficiais analisados põem em funcionamento estratégias inclusivas de governo que agem tanto sobre o docente quanto sobre o discente normal. Esse trabalho aproxima-se bastante desta dissertação justamente por isso, já que, embora a autora fale de documentos do MEC e do ambiente escolar, essas estratégias podem ser percebidas fora deles, como pretendo mostrar aqui. Isso porque levar a pessoa com deficiência a um programa de

televisão parece não ter o objetivo de influenciar apenas seus pares, mas também os sujeitos normais, como tentarei demonstrar ao longo deste trabalho.

A tese de Menezes (2011), *A maquinaria escolar na produção de subjetividades para uma sociedade inclusiva*, também se refere à escola e mostra uma análise de inspiração genealógica sobre as práticas operadas pela escola, compreendida como maquinaria de normalização a serviço do Estado para a produção de subjetividades inclusivas. Menezes (2011) também utiliza as teorizações de Michel Foucault e, a partir da análise de diferentes materiais escolares, compreende que a inclusão, como um imperativo da atual racionalidade política, encontra na aliança com a escola possibilidades de produção de subjetividades adequadas ao modo de vida da sociedade contemporânea, gerida pela governamentalidade neoliberal. Mesmo que Menezes trabalhe no ambiente escolar, penso que seu conceito de subjetividades inclusivas pode ser ampliado para ambientes não-escolares, tal como o material que analiso nesta dissertação.

Após apresentar essa nova pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, as percepções que tive sobre a constante participação de pessoas com deficiência em diferentes programas de televisão, as contribuições da banca de qualificação e a definição do material de pesquisa, meu problema de pesquisa delinea-se assim: *como operam as estratégias de governo ético e político nos programas Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular quando estes tratam das pessoas com deficiência?* Para tentar responder essa pergunta, formulo um objetivo geral e três específicos. Objetivo geral: *analisar as estratégias de governo que estão presentes nos programas televisivos Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular.*

Objetivos específicos:

- Analisar as estratégias de governo presentes nas participações de pessoas com deficiência nos programas *Encontro com Fátima Bernardes e Esporte Espetacular* que se dirigem às pessoas com deficiência.
- Analisar como são colocadas em funcionamento as práticas de condução das condutas que se destinam às pessoas sem deficiência.
- Problematizar as estratégias de governo utilizadas pela mídia televisiva em relação às pessoas com deficiência.
- Problematizar os modos de subjetivação utilizados pela mídia televisiva para sensibilizar as pessoas sem deficiência com relação às capacidades, necessidades e potencialidades da pessoa com deficiência.

É importante mencionar que, no momento da qualificação, trouxe um grande número de possibilidades de materiais de pesquisa, dentre eles, telenovelas, programas de entrevista, programa jornalístico esportivo e uma série sobre pessoas com deficiência. Porém, como a minha intenção era trabalhar com as estratégias de governamento a partir da participação de pessoas com deficiência, os programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular* mostraram-se mais produtivos para atender aos objetivos desta pesquisa. Nesses programas, são apresentadas tanto a convocação e a sensibilização do público, quanto as histórias dos sujeitos com deficiência, o que permite olhar para esses aspectos. As telenovelas, por exemplo, não permitiriam analisar os processos de subjetivação das pessoas com deficiência.

Após essa definição, no momento da qualificação, já contava com uma tabela com as pautas do programa *Encontro com Fátima Bernardes* e, com a escolha do programa *Esporte Espetacular*, também construí uma tabela com os programas que tiveram a participação de pessoas com deficiência, com a mesma delimitação temporal de um ano.⁸ Abaixo, mostro as tabelas dos dois programas, sobre os quais discorrerei mais detalhadamente no Capítulo 3 desta dissertação.

Tabela 1 - Episódios do programa *Encontro com Fátima Bernardes* com a presença de pessoas com deficiência

Data	Pauta⁹
28/06/17	Capacete especial traduz comandos cerebrais para a direção do carro. Fátima experimenta capacete para movimentar carro virtual com a mente. Livro mostra potencial de crianças com Síndrome de Down.
05/07/17	ONG promove a doação de cadeiras de rodas em Festa Junina. Matheus é cadeirante e fala sobre a inclusão no mercado de trabalho.
11/07/17	Cafeteria promove inclusão de pessoas com Síndrome de Down. Cássia se apaixonou por Rodrigo, que tem Síndrome de Down. Deficiente visual luta para se superar no ambiente de trabalho.
18/07/17	André não ouve, não vê e não fala, mas se comunica com a família. Nathália é cega e reconhece as pessoas pela voz e pelo tato. Deficiente visual se emociona ao sentir o desenho da filha.

⁸ O programa *Encontro com Fátima Bernardes* foi acompanhado de 26 de junho de 2017 a 26 de junho de 2018, e o programa *Esporte Espetacular*, de agosto de 2017 a agosto de 2018. A diferença de datas ocorre devido à disponibilidade deste último na plataforma *globoplay*.

⁹ Os títulos aqui apresentados são os que apareceram nos vídeos do *site*: gshow.com/encontro. Além disso, há outras pautas nos programas, mas escolhi apresentar aqui apenas aquelas em que as pessoas com deficiência estão presentes.

07/08/17	Marcos Petri tira dúvidas na internet sobre sua rotina como autista. Cadelinha ajudou no desenvolvimento de menino autista.
10/08/17	Alexandre e Fernanda lançaram canal de vídeos musicais com tradução em LIBRAS.
15/08/17	Fernando Fernandes lança livro sobre sua trajetória no esporte. Mãe se inspira na deficiência da filha para criar e distribuir próteses.
28/08/17	Mariana nasceu sem parte do braço e criou hábitos para melhorar a autoestima. Carla é cadeirante há 21 anos e fala sobre a vida sexual dos deficientes.
20/09/17	Grupo reúne bailarinos com ou sem deficiência física.
11/10/17	Cães-guias foram os cupidos no romance de Genival e Kátia.
17/10/17	Fonoaudióloga e professor de Libras surdo contam sua história de amor.
23/10/17	Juliana Caldas estreia na TV em “O Outro Lado do Paraíso”. Liana Hones visita escolas para conversar com crianças sobre nanismo.
31/10/17	Kareemi teve um dos braços amputados depois de acidente.
03/11/17	Ceci completou prova de corrida com muletas e emocionou a internet. Cordel em homenagem à menina com PC.
06/11/17	Encontro discute o tema da redação do ENEM: “Educação de surdos”.
07/11/17	Amália conta como superou a perda da visão do olho esquerdo aos 20 anos. Rayane conta como lidou com a perda da perna após acidente.
28/11/17	Carla representou o Brasil no Miss Mundo Cadeirante. Pais ensinam filha cega a ter autonomia.
01/12/17	Convidados conversam sobre Síndrome de Down. Bailarino com Síndrome de Down integra balé da Anitta. Inclusão pelo trabalho. Poesia com rapadura contempla as diferenças.
08/12/17	Gigante Leo e Carol Portela falam sobre sua história de amor. História de Gigante Leo inspirou o filme “Altas expectativas”.
19/12/17	Ciclista venceu a tetraplegia e conseguiu voltar a pedalar.
21/12/17	Universitários de Minas Gerais criam projeto para resgatar autoestima de crianças com deficiência intelectual.
22/12/17	Marcelo é projetista mecânico e doa próteses infantis.
01/02/18	Lak Lobato voltou a ouvir graças a transplante coclear.
05/02/18	Laís Souza conta como a música ajuda em suas sessões de fisioterapia. Laís Souza se aventurou em voo de parapente no ES.
21/02/18	Apaixonada por livros, Marina aprendeu braile aos 6 anos.

	Ana trabalha em projeto que incentiva a literatura acessível para todos os públicos. Crianças tiram dúvidas sobre a rotina dos cegos.
21/03/18	Hoje é Dia Internacional da Síndrome de Down.
27/03/18	Menino de 8 anos se emociona ao ganhar aparelho auditivo. Jhonny perdeu a audição aos 10 anos e é professor de dança.
02/04/18	Hoje é Dia Mundial da Conscientização do Autismo. Gustavo Borges realiza sonho de menino autista.
12/04/18	Maria Eduarda tem 9 anos e escreveu livro sobre amizade com menino autista.
08/05/18	Laís Souza participa de corrida “Wings for life”. Ronaldo descobriu paixão pela pintura depois de ficar tetraplégico.
22/05/18	Alessandra conseguiu ter um filho após ficar tetraplégica.

Fonte: Autoria própria.

Tabela 2 – Episódios do programa *Esporte Espetacular* com a presença de pessoas com deficiência

Data	Quadro	Título
15/10/17	Superação	Menino de Goiás supera problemas físicos e se torna campeão de ciclismo.
10/12/17	Valor em jogo	O esporte usado como ferramenta de inclusão.
17/12/17	Superação	Nado sincronizado adaptado transforma jovens em exemplos de superação.
07/01/18	Valor em jogo	Conheça Augusto Delfino, formado em Educação, apesar de sofrer de Paralisia Cerebral.
28/01/18	Sobre rodas	Fernando Fernandes apresenta o wakeboard adaptado.
	Valor em jogo	Laís Souza se aventura em desafio nas montanhas voando de parapente.
01/04/18		Depois do preconceito do pai, ginasta com deficiência encontra irmã medalhista olímpica.
05/08/18	Sobre rodas	Fernando Fernandes vai ao encontro de vulcão no Havaí.
19/08/18		Nadadora paralímpica estrela nova abertura do fantástico.

Fonte: Autoria própria.

Com a definição do material de pesquisa e as tabelas construídas, os programas foram transcritos por mim, relidos e separados em três categorias, que correspondem às seções que apresento no Capítulo 4: (1) história de vida, (2) educação e mercado de trabalho e (3) ações solidárias. A primeira, contempla falas em que as pessoas com deficiência contam sobre sua história de vida e os diversos aspectos relacionadas a ela, nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. Ela foi subdividida em três subcategorias, que se referem a três assuntos recorrentes, são eles: as tecnologias assistivas e a possibilidade de borramento de fronteiras, através delas; o esporte como meio para enfrentar e superar as dificuldades impostas pela deficiência e a vivência da sexualidade como uma conquista alcançada. A segunda, é composta por falas de quaisquer pessoas no programa *Encontro com Fátima Bernardes* que se referem à educação e ao mercado de trabalho como espaços fundamentais para a pessoa com deficiência. E, a terceira, contempla falas de pessoas sem deficiência, nos dois programas, que expõem ações solidárias que realizam em prol do atendimento das necessidades das pessoas com deficiência.

Fiz essa divisão porque percebi dois direcionamentos/focos diferentes. Quando a pessoa com deficiência é convidada ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*, principalmente, ela fala sobre os diversos aspectos da sua vida, uma vez que sua participação é bastante explorada. Por outro lado, nas categorias 2 e 3, quando outras pessoas vão falar da pessoa com deficiência, como na importância do ambiente escolar, ações beneficentes, etc., o foco está na ação que a pessoa sem deficiência está realizando ou precisa realizar e, algumas vezes, na explicação sobre aquela deficiência. Já no programa *Esporte Espetacular*, o foco, majoritariamente, está na pessoa com deficiência e na superação de sua condição mediante uma modalidade esportiva ou acesso a ela. Porém, ainda assim, há uma explicação sobre a deficiência, sua causa, tratamento e dificuldades, feita pela própria pessoa com deficiência.

A partir dessas constatações e divisões de seções do material de pesquisa, no Capítulo 4 desta investigação, faço uma análise das falas. Nele, opero com os conceitos-ferramenta, que abordo abaixo, e exploro algumas ideias e noções trabalhadas por autores que contribuíram com o meu entendimento sobre a inclusão de pessoas com deficiência e com a construção desta pesquisa.

Agora, trago as questões teórico-metodológicas desta pesquisa, isto é, os conceitos-ferramenta com os quais vou operar na análise dos materiais de pesquisa. Considero pertinente reforçar que penso inclusão de pessoas com deficiência pelo viés da perspectiva foucaultiana, que fundamenta metodologicamente esta pesquisa. Ou seja, não se trata de

posicionar-me a favor ou contra a inclusão, nem de procurar verdades absolutas a respeito dos materiais trabalhados, mas de problematizar de que forma a inclusão de pessoas com deficiência está sendo exibida nos programas analisados, o que abordo mais detalhadamente no Capítulo 2.

Utilizo o termo “perspectiva” para designar o pensamento de Michel Foucault, pois, como comenta Veiga-Neto (2007), é mais prudente e correto entender o pensamento desse filósofo dessa forma. Além disso, o autor aponta que,

Se quisermos adotar uma perspectiva foucaultiana, não devemos partir de conceitos, nem devemos nos preocupar em chegar a conceitos estáveis e seguros em nossas pesquisas, já que acreditar que eles tenham tais propriedades é acreditar que a própria linguagem possa ser estável e segura – uma suposição que não faz o mínimo sentido nessa perspectiva. Muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras. (VEIGA-NETO, 2007, p. 19)

Para realizar esta pesquisa, não parto de conceitos fixos e estáveis, tampouco de resultados garantidos em relação ao material que analiso, e as atrações televisivas são percebidas em sua singularidade histórica. Como sugere Fischer (2007), ao considerar o objeto de investigação dessa forma, “nos defrontamos não mais com as coisas em si, mas com produtos do discurso, um discurso que transforma, pois que está vivo em multiplicadas lutas, em inúmeros jogos de poder.” (p. 45-46).

De agora em diante, discorro sobre alguns conceitos e noções que me auxiliam a pensar esta pesquisa. As noções são entendidas aqui como conceitos importantes para o trabalho e compõem seu fundo teórico, mas não são ferramentas com as quais vou operar na análise dos materiais. Em um primeiro momento, abordo a noção de discurso, que Foucault trabalhou em *A Ordem do Discurso*, aula inaugural no Collège de France ministrada em 2 de dezembro de 1970, e a noção de “dispositivo pedagógico” da mídia, trabalhada por Fischer (1997). Por fim, entro nos conceitos-ferramenta – governo, modos de subjetivação, e norma e seus correlatos – que contribuíram para o entendimento e problematização das estratégias de governo e modos de subjetivação presentes nos programas estudados, que parecem buscar uma familiarização com a existência de pessoas com deficiência nos mais distintos meios sociais, educando cada um para esse propósito.

Foucault trabalhou com a noção de discurso pela primeira vez em *A Arqueologia do Saber*, obra publicada em 1969, em que fez inúmeras considerações sobre o discurso, entendendo-o como ação, objeto, interação, prática, fragmento de história e um conjunto de

enunciados. Segundo o filósofo, o discurso é “constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência”. (FOUCAULT, 2017, p. 131).

Contudo, para este trabalho, mostra-se mais potente o entendimento de discurso conforme proferido por Foucault em sua aula inaugural no Collège de France. Nessa aula, Foucault supõe que, em toda sociedade, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 2014, p. 8). Ainda, o filósofo comenta que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2014, p. 10). Entendo que essa compreensão seja mais apropriada para esta pesquisa, uma vez que intento conhecer as estratégias discursivas utilizadas pela mídia televisiva em relação às pessoas com deficiência, e essas estratégias vão além do que está sendo dito, incluindo as imagens exibidas, o cenário, os demais convidados, a plateia – elementos que entendo como parte do discurso, tal como quero problematizar.

Embora a noção de discurso se mostre fundamental para meu trabalho, ela não é considerada um conceito-ferramenta. Isso porque não vou operar com essa noção nas análises dos materiais encontrados, mas ela serve de suporte conceitual para esta dissertação.

Outra noção primordial é a de “dispositivo pedagógico” da mídia, desenvolvida por Fischer (1997), sobre a qual comentei na apresentação. Essa autora chegou a essa ideia a partir de análises dos modos como é construída a linguagem de alguns programas de TV: “nesse mapeamento, começa a caracterizar-se o que poderíamos denominar ‘dispositivo pedagógico’ da mídia, particularmente da televisão, supondo-se que os meios de informações constroem significados e atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais.” (FISCHER, 1997, p. 60). Apesar de Fischer ter analisado materiais destinados a adolescentes para construir esse conceito, penso que ele se encaixa nos propósitos desta pesquisa. Ressalto que, assim como com a noção de discurso, não operarei com esse conceito; no entanto, trata-se de uma noção importante para a constituição do trabalho que realizei.

A partir daqui, trago os conceitos-ferramenta desta pesquisa, anunciados anteriormente. O primeiro deles é o de governamento – termo que Veiga-Neto (2002) sugere utilizar nas traduções dos cursos de Foucault, nos casos em que estiver sendo tratada a ação ou ato de governar. O autor faz essa sugestão para evitar uma confusão com a palavra

“Governo”, que se refere à “instituição do Estado que centraliza ou toma, para si, a caução da ação de governar.” (VEIGA-NETO, 2002, p. 15).

De acordo com Castro (2009), a noção foucaultiana de governo possui dois eixos: o governo como relação entre sujeitos e o governo como relação consigo mesmo. Sobre o primeiro sentido, Foucault comenta:

ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis. Ele trabalha sobre um campo de possibilidades aonde vem inscrever-se o comportamento dos sujeitos que atuam: incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, entende ou limita, torna mais ou menos provável, no limite, obriga ou impede absolutamente. Mas ele é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que atuam ou são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p.243).

Nesse sentido, governar consiste em conduzir condutas. No entanto, a condução de condutas não ocorre de maneira unilateral, quer dizer, no momento em que conduzimos a conduta do outro, estamos também nos conduzindo. Foucault trabalha com as noções de governo, na aula de 8 de fevereiro de 1978, no curso *Segurança, Território e População*. Nessa aula, o filósofo comenta que a palavra “governar” abrange um vastíssimo campo semântico, pois pode referir-se ao controle exercido sobre si e sobre os outros, sobre seu corpo, sobre sua alma e sua maneira de agir, a um processo de troca que passa de um indivíduo a outro. Porém, alerta que

Quem é governado são sempre pessoas, são homens, são indivíduos ou coletividades. Quando se fala da cidade que se governa, que se governa com base nos tecidos, quer dizer que as pessoas tiram sua subsistência, seu alimento, seus recursos, sua riqueza, dos tecidos. Não é portanto a cidade como estrutura política, mas as pessoas, indivíduos ou coletividade. Os homens é que são governados. (FOUCAULT, 2008, p.164)

Entendo que esse conceito é potente para pensar esta dissertação, uma vez que a participação de pessoas com deficiência nos programas televisivos analisados parece ter a intenção dessa condução em diversos sentidos, ou seja, conduzir o sujeito normal em relação à familiarização, inclusão e aceitação da pessoa com deficiência e conduzir a pessoa com deficiência quanto ao enfrentamento de sua condição e necessidade de sua participação no mercado de trabalho, espaços de lazer e sociedade em geral.

Outro conceito-ferramenta interessante para esta dissertação é o de modos de subjetivação. Segundo Castro (2009), “os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito.”¹⁰(p. 408). Para o autor, ao fazer-se uma retrospectiva na

¹⁰ Neste trabalho, considero sujeito, a partir do entendimento de Foucault, como não estando desde sempre aí, como aquele que se constitui por processos de subjetivação. Segundo Veiga-Neto (2007, p.111), “nos tornamos

obra de Foucault, podem-se distinguir três modos de subjetivação/objetivação dos seres humanos:

1) Modos de investigação que pretendem aceder ao estatuto de ciências, por exemplo, a objetivação do sujeito falante na gramática geral ou na linguística, do sujeito produtivo na economia política. [...] 2) Modos de objetivação do sujeito que se levam a cabo no que Foucault denomina *práticas que dividem* (*pratiques divisantes*), o sujeito é dividido em si mesmo ou dividido a respeito dos outros. Por exemplo, a separação entre o sujeito louco ou o enfermo e o sujeito saudável, o criminoso e o indivíduo bom. [...] 3) A maneira em que o ser humano se transforma em sujeito. Por exemplo, a maneira em que o sujeito se reconhece como sujeito de uma sexualidade. (CASTRO, 2009, p. 408)

De acordo com Veiga-Neto (2007), as pesquisas de Foucault giraram em torno desses três modos de subjetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. Ele explica que a objetivação de um sujeito no campo dos saberes foi trabalhada pelo filósofo no registro da arqueologia, enquanto que “a objetivação de um sujeito nas práticas do poder que divide e classifica” foi trabalhada na genealogia e “a subjetivação de um indivíduo que trabalha e pensa sobre si mesmo” foi trabalhada no registro da ética. (VEIGA-NETO, 2007, p. 111).

Penso que, para operar nesta pesquisa, se mostra interessante trabalhar principalmente com o terceiro entendimento, que trata de quando o indivíduo trabalha e pensa sobre si mesmo e, assim, se torna sujeito. Nos programas analisados, a pessoa com deficiência vai até lá e conta sobre sua vida, explica as suas necessidades, as suas conquistas – com isso, ao falar de si, está sendo sujeito.

O terceiro conceito-ferramenta que utilizo é a norma e seus correlatos na sociedade de seguridade e sociedade disciplinar. A norma permite uma comparação entre os indivíduos, ou seja, por meio dela, pode ser determinado quem é o normal e quem é o anormal. Segundo Veiga-Neto, a norma

É o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto de indivíduos; por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e o conjunto. E ao se fazer isso, chama-se de anormal aquele cuja diferença em relação à maioria se convencionou ser excessiva, insuportável. Tal diferença passa a ser considerada um desvio, isso é, algo indesejável porque des-via, tira do rumo, leva à perdição. (VEIGA-NETO, 2007, p. 75).

sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos. (...)”; para o autor, o filósofo tomou a palavra “sujeito” pelos seus dois significados mais importantes: sujeito assujeitado a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua identidade por uma consciência ou autoconhecimento.

A norma opera de maneira diferente na sociedade de seguridade e na sociedade disciplinar, das quais penso ser relevante abordar algumas características. No curso *Segurança, Território e População* (1978), na aula de 18 de janeiro, Michel Foucault trabalha com essas duas sociedades. Segundo o filósofo, “a disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites.” (FOUCAULT, 2008, p. 58-59). A disciplina é essencialmente centrípeta; ela se centra nela mesma e encerra. Tem por objetivo regulamentar tudo, sem deixar escapar nada. Ela procede dividindo todas as coisas de acordo com um código binário; nessa sociedade, a norma operará como normação, o que

[...] consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar¹¹ consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal, precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p. 75)

Portanto, na normação, o fundamental e o primeiro são a norma.

Já os dispositivos de segurança tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos. Sendo assim, eles deixam fazer, pois se articulam com os dados estatísticos a partir de curvas de normalidade e intervêm de maneira que se trabalhe em cima de um convencimento, e não da negação. Nas palavras de Foucault, “(...) parece-me que se tratava justamente de não adotar nem o ponto de vista do que é impedido, nem o ponto de vista do que é obrigatório, mas distanciar-se o suficiente para poder apreender o ponto em que as coisas vão se produzir, sejam elas desejáveis ou não” (2008, p. 61).

Na sociedade de seguridade, a norma opera como normalização. De acordo com Lopes e Fabris (2013), “a normalização é constituída a partir do normal que é determinado no interior das comunidades e grupos sociais. Isso significa que primeiro está dada a normalidade dos grupos para depois ser estabelecido o normal para ele.” (p. 45). Portanto, pode-se dizer que a normalidade possui fronteiras frágeis, maleáveis e negociáveis.

Ademais, julgo importante mencionar que as duas formas de operação da norma não excluem uma a outra. Conforme Lopes e Fabris (2013), “elas existem em um jogo constante de forças, pois ambas são necessárias junto às artes de governar.” (p. 42). Segundo as autoras, enquanto na sociedade disciplinar emergem dispositivos modernos para descrever, identificar,

¹¹ Foucault, ao final dessa aula do dia 25 de janeiro de 1978, anuncia que a normalização disciplinar será chamada por ele de normação.

posicionar, corrigir e controlar os corpos, nas sociedades de seguridade, emergem estratégias para governar a população a partir de um jogo entre liberdade e segurança.

Diante do exposto, o conceito-ferramenta norma e seus desdobramentos nas sociedades disciplinares e de seguridade parecem fundamentais para pensar esta pesquisa, porque percebi que, nas participações das pessoas com deficiência em atrações televisivas, sua anormalidade é reforçada o tempo todo mediante as diversas tentativas de mostrar esses sujeitos o mais próximo possível da curva de normalidade. Ou seja, ao mostrá-los como capazes de superar seus limites, vivenciar sua sexualidade e participar dos espaços sociais, apesar de sua anormalidade, parece ser frisada a sua possibilidade de viverem como sujeitos ditos normais, mesmo não o sendo.

Neste capítulo, procurei trazer as questões metodológicas que compõem este trabalho, desde a busca no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, problema de pesquisa, objetivos e materiais de pesquisa até os conceitos-ferramenta e noções fundamentais para a análise do material de pesquisa. No capítulo seguinte, aponto alguns elementos para pensar a inclusão como está posta hoje, com a emergência da noção de população, biopoder, biopolítica, in/exclusão e inclusão por circulação. Não são meus conceitos-ferramenta, mas me ajudam a pensar a constituição da inclusão que vivemos hoje. Além disso, trago também um pouco da proliferação discursiva a respeito da inclusão de pessoas com deficiência.

2. PARA PENSAR A INCLUSÃO

Conceitos e teorias existem para serem mergulhados numa prática, para o entendimento de uma realidade que instiga, que acena em sua incompreensibilidade, em sua beleza, poesia ou mesmo em sua potencialidade destrutiva.

(FISCHER, 2007, p. 41)

Inspirada em Fischer, inicio este capítulo, em que abordo os conceitos e teorias que permitiram que mergulhasse nos materiais de pesquisa para entender as estratégias de governo presentes na mídia televisiva sobre as pessoas com deficiência. Utilizo as noções oriundas dos Estudos Foucaultianos para mergulhar no tema da inclusão das pessoas com deficiência e, assim, problematizar a realidade diante de todas as suas potencialidades, tal como aponta Fischer. Com este capítulo, tenho duas intenções.

A primeira intenção, que será desenvolvida no primeiro subcapítulo, é demonstrar de que modo compreendo a inclusão na ordem do dia; a partir de três aspectos – midiático, acadêmico e legal –, trarei elementos que permitem o esboço desse entendimento. Destaco que tal compreensão me permitiu pensar nesta pesquisa, principalmente a partir do aspecto midiático, que trouxe as primeiras inquietações em relação à constante participação de pessoas com deficiência em reportagens de portais de notícias e programas de televisão, por exemplo.

Já a segunda intenção, que compreende o segundo subcapítulo, remete a noções provenientes dos Estudos Foucaultianos, com as quais problematizo a inclusão tal como está sendo realizada em nossa sociedade, no tempo presente. Para isso, utilizo ideias desenvolvidas por Michel Foucault e por autores que, inspirados nele, desenvolveram outras noções para pensar a inclusão.

Portanto, este capítulo é construído a partir de duas intenções. Elas se enlaçam, se cruzam e se sobrepõem, para que eu possa trazer meus entendimentos sobre a temática aqui desenvolvida.

2.1. INCLUSÃO E PROLIFERAÇÃO DISCURSIVA

Nesta seção, tenho o objetivo de mostrar de que modo a inclusão de pessoas com deficiência está na ordem do dia, evidenciando, a partir de três aspectos – *o midiático*, *o acadêmico* e *o legal* –, as proliferações discursivas a seu respeito. Para o primeiro, trago algumas reportagens que demonstram que os diversos assuntos relacionados à inclusão dessas pessoas têm ganhado espaço na mídia. Já para o segundo, exploro um pouco a forma como o meio acadêmico tem se preocupado com essa temática, seja em linhas de pesquisas relacionadas ao tema em programas de pós-graduação em Educação, seja em grupos de estudo e pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por fim, apresento um pouco do que vem sendo discutido sobre inclusão no âmbito jurídico, utilizando leis que tratam não só de direitos relacionados à Educação, mas também de direitos diversos, como acessibilidade, mercado de trabalho e lazer, entre outros.

No aspecto *mediático*, talvez seja possível dizer que, semanalmente, são divulgadas notícias sobre inclusão de pessoas com deficiência versando sobre diversos temas, como, por exemplo, mercado de trabalho, acessibilidade e superação de limites, entre outros assuntos relativos às suas vidas. Na ocasião do projeto de pesquisa, trouxe os excertos abaixo para mostrar essa proliferação discursiva, em que se veem algumas manchetes publicadas em diferentes locais.

Figura 7 – Reportagem do *Diário do Nordeste* de 05/05/18



Fonte: Diário do Nordeste.

Figura 8 – Reportagem de *A crítica* de 09/04/18.



Fonte: A crítica

Figura 9 – Reportagem *Folha Uol* do dia 07/05/18

Tecnologia revoluciona conversa de mãe com filho deficiente

App de comunicação alternativa Livox e smartphone mudaram relações de Jhonatan Santos, 20

Fonte: Folha Uol

Outro assunto bastante explorado nas reportagens, que penso merecer destaque aqui, tem relação com as atitudes ditas inclusivas por parte das pessoas sem deficiência. Por exemplo: uma professora que realiza uma ação inclusiva e é destacada por isso, ou projetos que parecem ser desenvolvidos para provocar uma sensibilização em relação à inclusão de pessoas com deficiência, como podemos observar nas manchetes abaixo.

Figura 10 – Reportagem G1 do dia 19/04/18

Inclusão social e rotina de deficientes será tema de peça no Vasques em Mogi

Espectáculo será apresentado nesta quinta-feira (19) e fará com que o público se sinta no lugar dos deficientes.

Fonte: G1.com

Figura 11 – Reportagem *Folha Regional* do dia 27/04/18

Professora cria projeto de inclusão social na Escola Estadual Dr. José Manoel Lobo

© 27 de Abril de 2018 16:36

Fonte: Folha Regional

Figura 12 – Reportagem *O Imparcial* do dia 27/04/18

Inclusão: Deficientes visuais tiram fotos em oficina

Cinco alunos do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão participaram da Oficina de Fotografia Inclusiva. Com um clique, eles ensinaram o poder da inclusão

Fonte: O Imparcial

Ao retornar para a escrita deste trabalho, empreendi uma nova pesquisa sobre notícias relacionadas a pessoas com deficiência, mas em portais do Rio Grande do Sul, e isso se repetiu, como podemos observar em alguns excertos que trago abaixo. Embora estejamos em

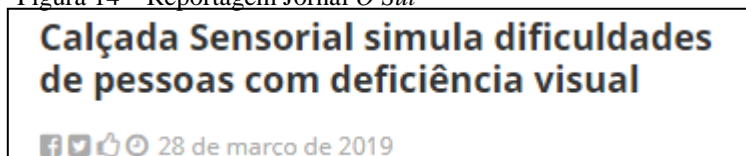
um momento histórico em que as políticas de inclusão parecem estar sendo revistas, inclusive com o fechamento da secretaria que tratava desse assunto no MEC, a realidade parece não se alterar nos artefatos midiáticos. Destaco que, nos portais gaúchos, a maioria das notícias está relacionada a serviços oferecidos às pessoas com deficiência.

Figura 13 – Reportagem *Correio do Povo* do dia 20/03/19



Fonte: Correio do povo

Figura 14 – Reportagem *Jornal O Sul*



Fonte: O Sul

Figura 15 – Reportagem *Gaúcha ZH* do dia 05/03/19



Fonte: Gaúcha ZH

Além do que é divulgado semanalmente em portais, jornais e programas de televisão, existem datas estabelecidas por decretos ou convenções para conscientização sobre determinadas deficiências, quando parece que as reportagens se intensificam – por exemplo, próximo do dia 21 de março, em que se comemora o Dia Nacional da Síndrome de Down. A seguir, trago alguns cartazes alusivos a essa data e às de outras deficiências, publicados no *blog* do Ministério da Saúde e também na página desse órgão federal no Facebook.

Figura 16 – Síndrome de Down e Autismo



Fonte: Blog Saúde (Ministério da Saúde)

Figura 17 – Deficiência Física e Surdez



Fonte: Blog Saúde (Ministério da Saúde)

Percebo que o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, que faz parte do material desta pesquisa, também concede destaque para essas datas. No dia 21 de março de 2018, quando foi comemorado o Dia Internacional da Síndrome de Down, o programa incluiu esse assunto entre suas pautas. A discussão com uma especialista e os demais convidados deu-se em torno da importância da autonomia dos jovens com síndrome de Down, o que Fátima Bernardes apontou como o maior desafio para as pessoas com essa deficiência. A especialista convidada foi Bianca Ramos, coordenadora de Desenvolvimento Institucional do Movimento Down, que falou sobre o assunto.

No mesmo programa, foi exibida uma reportagem sobre um projeto realizado no Rio de Janeiro que promove encontros sociais entre jovens com síndrome de Down e jovens sem a deficiência, sem a presença dos pais, para estimular sua autonomia. Após essa exibição, Fátima recebeu a estudante de Educação Física Bianca, acompanhada da mãe, Gláucia. A estudante compartilhou sua experiência como jovem universitária com síndrome de Down, conferindo um papel de destaque à sua mãe, que contou como estimulava a independência da filha, desde os primeiros passos. Também foi comentada uma exposição de fotos da modelo Tati Biancastelli, idealizada pela fotógrafa Nila Costa, com o objetivo de refletir sobre a importância da autonomia e da inclusão de pessoas com síndrome de Down. Para finalizar, houve um bate-papo com os convidados do programa sobre o tema.

Compreendo que tais entrevistas podem funcionar como estratégias que visam a familiarizar os espectadores com a presença das pessoas com deficiência, e isso se evidencia por meio das falas da apresentadora, dos especialistas convidados, dos assuntos selecionados para falar dessa deficiência e talvez pelo exemplo de pessoa com síndrome de Down que se queira propagar. Há um foco na autonomia desses sujeitos, seja com exemplos ou reportagens, o que pode dar uma ideia de como deve ser a pessoa com determinada deficiência, nesse caso, com a síndrome de Down.

Já o programa *Esporte Espetacular*, que também faz parte do material de pesquisa desta dissertação, não aborda datas específicas, mas possui três quadros em que são exibidas as reportagens com as pessoas com deficiência. O primeiro deles, chamado “Sobre Rodas”, é um quadro especial, apresentado e vivenciado pelo atleta paralímpico Fernando Fernandes. Nesse quadro, Fernando enfrenta inúmeros desafios para adaptar diferentes modalidades esportivas à sua condição de cadeirante, como *wakeboard* e *kitesurfe*, entre outros esportes adaptados para ele, tornando-o o primeiro brasileiro a praticá-los no formato adaptado. Já no segundo quadro – “Superação” –, o programa apresenta histórias de pessoas que se superaram por meio do esporte, e há participação de pessoas com deficiência. O quadro “Valor em jogo”, que é utilizado para apresentar temas relevantes socialmente, também contempla as pessoas com deficiência ao mostrar, por exemplo, o esporte como uma ferramenta de inclusão.

Aqui, parece interessante concordar com a tese de Fischer (2013) de que a TV tem uma participação decisiva na constituição do sujeito contemporâneo. Nas palavras da autora:

Defendo a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. (p. 18)

A televisão, como afirma a autora, pode ser considerada parte integrante e fundamental “de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (p. 19) – e eu acrescento: modos de ser deficiente e modos de ser inclusivo. Em suma, tentei mostrar, mesmo que brevemente, como a mídia vem colocando em evidência as pessoas com deficiência, seja por meio da comemoração de datas de conscientização de determinada deficiência, seja mediante reportagens em que são apresentadas dificuldades, superações e bons exemplos relacionados a essas pessoas.

A partir de agora, tento demonstrar como a inclusão vem tendo visibilidade no *meio acadêmico*. Faço isso trazendo resultados de pesquisas realizadas nos *sites* dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) das Universidades Federais e Estadual do Estado do Rio Grande do Sul e também nos *sites* de grupos de pesquisa cadastrados no Portal CNPq.¹²

No Rio Grande do Sul, existem sete universidades federais e uma estadual; dentre elas, há seis programas de pós-graduação em Educação. Desses, dois¹³ possuem linhas de pesquisa específicas relacionadas à inclusão: na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde a linha se chama Educação Especial, e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde a linha é denominada de Educação Especial e Processos Inclusivos. Porém, isso não significa que nas outras universidades não sejam realizadas pesquisas com essa temática, nem que só são feitas pesquisas nessas linhas; este trabalho, por exemplo, está no PPGEDU/UFRGS, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, a qual não trata unicamente das questões referentes à inclusão. No Grupo de Pesquisa em Currículo e Contemporaneidade, do qual faço parte, há algumas teses e dissertações sobre a temática em foco, como, *Inclusão Escolar e Educação para Todos*, desenvolvida por Iolanda Santos (2010), *Da escola à empresa educadora: a inclusão como uma estratégia de fluxo-habilidade* (2015), de Tatiana Rech, e *A inclusão como rede: uma análise de práticas de professores de educação física na contemporaneidade*, realizada por Roseli Machado (2016).

Embora não tenham linhas específicas, cada universidade federal gaúcha possui pelo menos um grupo de pesquisa e estudos que tem como foco a inclusão, conforme pesquisa realizada no diretório do CNPq. Fiz uma consulta no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil Lattes, utilizando o termo “inclusão” para nome da linha de pesquisa, nome do grupo e palavra-chave da linha de pesquisa, e encontrei 1.181 registros de grupos de pesquisa em todo

¹² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

¹³ Essas informações foram obtidas mediante acesso aos *sites* dos Programas de Pós-Graduação.

o país. Desses, na Educação, estão registrados 501 grupos; no Rio Grande do Sul, são 53, sendo 25 em universidades federais, 10 nos institutos federais, quatro na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e 14 nas universidades privadas.

Julgo importante destacar que, apesar de as universidades que possuem linhas de pesquisa específicas relacionadas à inclusão terem um número maior de grupos (UFRGS, três; UFSM, seis), as que não têm linha específica contam, cada uma, com um grupo que faz referência à “inclusão” no nome. Talvez possa haver mais grupos que tenham “inclusão” como palavra-chave ou na linha, como os números que trouxe acima, porém, para a demonstração dos grupos que faço aqui, detive-me nos que têm “inclusão” no nome, conforme apresentado na Tabela 3. No caso da UFRGS, optei por evidenciar um grupo que faz parte da linha de pesquisa em que estou inserida, com o intuito de demonstrar que as pesquisas são realizadas também onde não há linha de pesquisa específica ou fora delas, como é o caso desta investigação.

Tabela 3 – Grupos de estudo e pesquisa gaúchos que fazem referência à “inclusão” no nome. ¹⁴

Grupo	Universidade	Líderes
Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e In/Exclusão	FURG	Kamila Lockmann
Grupo de Pesquisa SINAI: Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Identidades, Alteridades e Subjetividades	UFRGS	Adriana Thoma
NEPIE – Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar	UFRGS	Claudio Roberto Baptista
TEIAS – Tecnologia em Educação para Inclusão e Aprendizagem em Sociedade	UFRGS	Liliana Maria Passerino e Ana Cristina Cypriano Pereira
GEPAI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Autismo e Inclusão	UFPEL	Siglia Pimentel Höher Camargo
GEPE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial e Inclusão	UFSM	Leandra Possa e Inês Naujorks
GEPEIN – Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia da Educação e Educação Inclusiva	UFSM	Fabiane Costas
GEPEDUSI – Grupo de Pesquisa em Educação, Saúde e Inclusão	UFSM	Silvia Pavão e Ana Claudia

¹⁴ A consulta que deu origem a essa tabela foi realizada em maio de 2018.

		Siluk
IDEIA – Desempenho Escolar e Inclusão Acadêmica	UFSM	Luiz Tolentino Neto
NUEPEI – Escolarização e Inclusão	UFSM	Fabiane Bridi
Educação Especial: Interação e Inclusão Social	UFSM	Tatiane Negrini e Andreia Rech
INCLUSIVE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior	UNIPAMPA	Francieli Brizolla e Claudete Martins
Ciência, Tecnologia, Inovação e Inclusão na Educação	IFSUL	Raymundo Ferreira Filho
Educação e Inclusão	IPA-RS	Marlis Polidori e José Clóvis Azevedo
Educação para a Saúde e Educação Inclusiva	PUCRS	Claus Stobäus e Juan Mosquera
FIPA – Formação Docente, Inclusão e Processos de Aprendizagem	PUCRS	Marlene Rogek
Processos Educacionais, b-learning e Inclusão Digital	UERGS	Gladis Falavigna
GPEPI – Grupo de Pesquisa Educação e Processos Inclusivos	UERGS	Helena Sardagna
Ensino de Ciências e Matemática na Perspectiva da Inclusão	ULBRA	Marlise Geller
GEPI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão	UNISINOS	Maura Lopes e Morgana Hattge
Grupo de Pesquisa Democratização, Inclusão e Gestão na Educação Superior	UNISINOS	Maria Aparecida Rocha e Arthur Jacobus
Lavia - Laboratório de Ambientes Virtuais de Aprendizagem – Observatório de docência, inclusão e cultura digital	UCS	Eliana Soares e Carla Valentini

Fonte: Autoria própria.

Na UFRGS, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, há o Grupo de Pesquisa SINAIS: Sujeitos, Inclusão, Narrativas, Identidades, Alteridades e Subjetividades, coordenado pela professora Adriana Thoma, o qual iniciou suas atividades em 2008 e, “desde

então, vem produzindo conhecimentos através da problematização das estratégias que são utilizadas para a inclusão, subjetivação e governo de sujeitos que compõem os chamados grupos em situação de exclusão, risco ou vulnerabilidade social.”¹⁵. Esse grupo realiza pesquisas no campo dos Estudos Culturais, Estudos Foucaultianos e Estudos Surdos em Educação.

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), há o Grupo de Estudos e Pesquisas em Autismo e Inclusão (GEPAI), formado em 2013 e coordenado pela professora Siglia Camargo. O GEPAI “(...) dedica-se ao estudo do processo de inclusão escolar de pessoas com deficiências, sobretudo estudantes com autismo, visando investigar e desenvolver estratégias efetivas que promovam a verdadeira inclusão destas pessoas no ensino comum.”.

A Universidade Federal do Rio Grande (FURG) conta com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e In/Exclusão¹⁶, coordenado pela professora Kamila Lockmann, desde 2012. O grupo desenvolve ações nos três pilares da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Nos últimos anos, o grupo realizou “reuniões abertas de estudo que visam qualificar a formação de alunos de graduação, pós-graduação e de professores da Educação Básica que participam dos encontros do GEIX”. Há também produção de conhecimento científico vinculado à área da inclusão escolar, veiculado por meio da publicação de artigos em periódicos e livros, bem como mediante participação em eventos nacionais e internacionais da área da Educação. Ainda, esse grupo mantém parcerias interinstitucionais com pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Já na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, desde 2013, atua o Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Diversidade na Educação Básica e no Ensino Superior (INCLUSIVE), sob responsabilidade das professoras Francéli Brizolla e Claudete Martins. A contribuição do grupo está centrada em cinco campos: (1) produção de conhecimento na perspectiva da Educação Inclusiva e do Atendimento à Diversidade; (2) aprimoramento das possibilidades de implementação de Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica e Superior; (3) fortalecimento da rede de trabalho colaborativo entre Educação Básica e o Ensino Superior na Perspectiva Inclusiva; (4) aproximação de pesquisadores e grupos de pesquisa que tematizam o campo teórico da educação na perspectiva inclusiva; e (5) desenvolvimento de pesquisas que privilegiem a construção de conhecimentos fundamentados na tríade ensino-pesquisa-extensão.

¹⁵ As informações detalhadas sobre os grupos foram obtidas nos cadastros realizados no CNPq.

¹⁶ Mais informações sobre o GEIX podem ser obtidas acessando o site: <http://www.geix.com.br/>

Para finalizar esta apresentação, penso ser importante também mencionar aqui o Grupo de Estudo e Pesquisa em Inclusão ¹⁷(GEPI), da UNISINOS, coordenado pela professora Maura Corcini Lopes. Desde 1999, o grupo reúne-se para discutir sobre a diferença. A partir de 2002, começaram a ser desenvolvidas pesquisas sobre práticas de inclusão. Esse grupo, desde então, tem estudado e desenvolvido pesquisas sobre a temática central da in/exclusão, “(...) problematizando a inclusão como celebração da diferença e princípio universal, entendendo-a como campo de tensionamento de verdades que posicionam sujeitos e definem políticas sociais e educacionais”. Embora tenha destacado aqui as universidades federais, esse grupo tem uma grande importância na produção acadêmica relacionada à temática da inclusão.

Penso que esta apresentação sobre a inclusão como temática de estudos e pesquisa em universidades do Rio Grande do Sul evidencia que a inclusão de pessoas com deficiência vem sendo alvo de preocupação não só da mídia, como já demonstrado, mas também do meio acadêmico e de seus pesquisadores. Isso pode ser percebido na quantidade de grupos de pesquisa que têm se dedicado à temática e também no número de programas de pós-graduação com linhas de pesquisa específicas sobre a inclusão.

Quanto ao âmbito *legal*, observa-se que há um grande número de leis que abordam a inclusão de pessoas com deficiência, principalmente nas últimas décadas. Em uma rápida pesquisa, encontrei o portal Inclusão Já, que traz um apanhado das leis relacionadas à educação, e, a partir dele, localizei 15 leis, resoluções ou decretos relacionados com a inclusão, do ano de 2001 até o presente ano (Resolução CNE/CEB nº 2/2001, Lei nº 10.172/2001, Decreto nº 3.956/2001, Resolução CNE/CP nº 1/2002, Lei nº 10.436/02, Portaria nº 2.678/02, Decreto nº 5.296/04, Decreto nº 5.626/05, Decreto nº 6.094/07, Decreto nº 6.571/08, Resolução nº 4 CNE/CEB, Decreto nº 6.949/09, Decreto nº 7.611/11, Lei nº 12.764/12 e Lei nº 13.146/15).

A maioria dessas regulamentações refere-se a assuntos gerais relativos às deficiências, mas algumas têm objetivos específicos associados a uma determinada deficiência e às suas necessidades. É o caso da Lei nº 10.436/02 e do Decreto nº 5.626/05, que a regulamenta, versando sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Nesse documento, são garantidos os direitos dos surdos de aprenderem LIBRAS como primeira língua e português como segunda. O documento trata, ainda, da formação de professores e intérpretes, bem como da organização bilíngue no ensino regular.

¹⁷ Mais informações sobre o GEPI podem ser obtidas no site: <http://gepinclusao.blogspot.com/>

Já a Portaria nº 2.678/02 aprova o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e recomenda seu uso em todo o território nacional. Por sua vez, a Lei nº 12.764/12, também conhecida como Lei Berenice Piana, institui a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Um ponto importante em relação a essa lei é que, no inciso segundo do artigo primeiro, ela considera a pessoa com transtorno do espectro autista como pessoa com deficiência para todos os efeitos legais.

Além disso, nesse conjunto de documentos legais que mencionei, estão incluídas algumas leis da inclusão educacional, as quais trago na tabela abaixo.

Tabela 4 – Algumas Leis da Inclusão Educacional

Lei	
Resolução CNE/CEB nº 2/2001	Determina que os sistemas de ensino devem matricular todos, cabendo às escolas organizarem-se para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) complementar ou suplementar. Admite a possibilidade de substituir o ensino regular por classe especial ou escola de Educação Especial.
Lei nº 10.172/2001	Aprova o Plano Nacional de Educação. Afirma que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir será a construção de uma escola inclusiva, que garanta o atendimento à diversidade humana.”.
Resolução CNE/CP nº 1/2002	Institui Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior. Estabelece a formação docente voltada à diversidade que contemple conhecimentos sobre as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais.
Decreto nº 6.094/07	Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Coloca como diretriz a garantia do acesso e permanência das pessoas com necessidades educacionais especiais nas classes comuns do ensino regular, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas.
Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)	Tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir o acesso ao ensino regular.
Decreto nº 7.611/11	Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado e a

Fonte: Autoria própria

Silva e Henning (2014), no artigo “Entre leis, decretos e resoluções... A inclusão escolar no jogo neoliberal”, fizeram uma análise dos textos dos documentos legais que tratam da inclusão, comentando que houve um deslocamento no entendimento e nas práticas de inclusão a partir do ano de 2007. Esse deslocamento também pode ser percebido na Tabela 4, pois a primeira resolução apresentada admitia ainda a possibilidade de substituição do ensino regular pela classe especial ou pela Educação Especial; progressivamente, as leis vão incluindo metas, como no Plano Nacional de Educação de 2001, para que a situação se modifique e a inclusão ocorra na rede regular. Percebo que, inclusive, há determinação legal para que se invista na formação de professores e intérpretes de LIBRAS. As autoras apontam:

Em suma, o que vimos acontecer, em especial na última década, foi uma enxurrada de produções no campo da inclusão que não só nomearam sujeitos, como delinearam os caminhos que deveriam ser percorridos por eles – e por nós. A ideia de Educação para Todos provocou um deslocamento: o enfoque que inicialmente se dava aos programas destinados a atender diretamente os indivíduos com necessidades educativas especiais passou a ser dado à comunidade como um todo. Mais do que atuar sobre o anormal, investiu-se em políticas de formação continuada de professores e em subsídios teóricos para reformulação dos currículos escolares. (SILVA, HENNING, 2014, p. 861).

Há, ainda, outras leis que não se referem especificamente à inclusão escolar, mas sobre as quais julgo interessante comentar: Decreto nº 5.296/04, Decreto nº6.949/09 e Lei nº 13.146/15. O primeiro regulamenta as leis nº 10.048/00 e 10.098/00, que são leis de acessibilidade. Nesse decreto, são estabelecidas normas e critérios para acessibilidade:

Art. 8º Para os fins de acessibilidade, considera-se:

I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida; (BRASIL, 2004).

O Decreto nº6.949/09 promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada em Nova York em 30 de março de 2007. O propósito dessa convenção, segundo o Artigo 1, é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente. Também estabelece que pessoas com deficiência “são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza

física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (BRASIL, 2009).

A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência - LBI) –, conforme seu artigo primeiro, é “(...) destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Esse estatuto está dividido em dois livros. O primeiro possui quatro títulos e trata de assuntos como “igualdade e discriminação”, “direitos fundamentais”, “acessibilidade” e “ciência e tecnologia”; já o segundo, também com quatro títulos, trata de questões jurídicas mais específicas, como crimes e infrações, tutela e curatela. Para esta discussão, interessa o livro I.

Nesse livro, são tratados assuntos como acessibilidade, ações afirmativas, atendimento prioritário, educação, trabalho, lazer, esporte, cultura e mobilidade. É importante destacar que a acessibilidade é tratada no Título III, onde são garantidos: acesso à informação e comunicação; tecnologia assistiva; e participação na vida pública e política. O entendimento de acessibilidade nesse estatuto é semelhante ao do Decreto nº 5.296/04.

Outro ponto que a LBI aborda é a garantia de acesso e permanência do deficiente no mercado de trabalho. Isso é tratado no Capítulo IV, no Título II: “Art. 34. A pessoa com deficiência tem direito ao trabalho de sua livre escolha e aceitação, em ambiente acessível e inclusivo, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas.” (BRASIL, 2015); e no “Art. 35. É finalidade primordial das políticas públicas de trabalho e emprego promover e garantir condições de acesso e de permanência da pessoa com deficiência no campo de trabalho.” (BRASIL, 2015). No que se refere à educação, está contemplada no Capítulo IV do Título II, que é dedicado aos direitos fundamentais:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015).

Thoma e Kraemer (2017), no livro *Políticas de in/exclusión de las personas con discapacidad. El caso do Brasil*, analisam e problematizam aspectos do processo de exclusão sofrido por pessoas com deficiência no cenário educacional brasileiro. As autoras realizam uma revisão histórica de ações, políticas e planos, bem como da legislação sobre direitos

educativos dessas pessoas. Segundo elas, as garantias previstas na LBI fazem parte de um processo em andamento no país desde 2008, com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que busca a garantia da inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e alta habilidade/superdotação.

O crescimento no número de leis e decretos desenvolvidos nas últimas duas décadas pode demonstrar que a inclusão de pessoas com deficiência também é perceptível no *âmbito legal*. Podemos inferir que os decretos e leis talvez surjam de um apelo da população brasileira.

Acredito ter conseguido evidenciar como a inclusão está presente em três espaços diferentes – *midiático, acadêmico e legal* –, como propus no início do texto. A seguir, no subcapítulo “Noções sobre inclusão”, apresento algumas noções que me ajudam a pensar a inclusão na ordem do dia, como tentei demonstrar aqui.

2.2. NOÇÕES SOBRE INCLUSÃO

Neste item, trago elementos para pensar a inclusão na ordem do dia a partir dos Estudos Foucaultianos. Inicialmente, penso que é importante comentar que a inclusão de pessoas com deficiência, segundo essa perspectiva, é uma invenção, ou seja, a política de inclusão não esteve sempre aí, mas começou a ser discutida a partir de uma necessidade de ordenamento, inerente à Modernidade; há o desejo de determinar quem é o outro – o estranho, o diferente – e quem somos nós. Veiga-Neto e Lopes (2011) afirmam que não há uma inclusão ou processos inclusivos que estavam desde sempre aí, pouco notados ou visíveis. Também não há nem mesmo saberes nesse campo que tenham estado desde sempre aí, “(...) senão aqueles que historicamente se formam e continuam se formando, enredados em práticas discursivas e não discursivas, em complexas relações de poder.” (p. 9). Nesse sentido, as discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiências parecem ter começado a proliferar a partir da busca pela ordem, decorrente do período moderno. Segundo Veiga-Neto (2001),

A inclusão pode ser vista como o primeiro passo numa operação de ordenamento, pois é preciso a aproximação com o outro, para que se dê um primeiro (re)conhecimento, para que estabeleça algum saber, por menor que seja, acerca desse outro. Detectada alguma diferença, se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o mesmo não se identifica com o outro, que agora é um estranho. (VEIGA-NETO, 2001, p. 113)

Primeiramente, discorro sobre os sujeitos ditos diferentes, os anormais. Foucault, no curso *Os Anormais*, no Collège de France (1974-1975), trabalhou com os diferentes elementos que permitiram a formação do conceito de anormalidade. O autor explicou: “o seminário deste ano foi consagrado à análise das transformações do exame psiquiátrico em matéria penal, desde os grandes casos de monstruosidade criminal até o diagnóstico dos delinquentes ‘anormais’.” (FOUCAULT, 2010, p. 289). Para o filósofo, o anormal vai constituir-se a partir de três elementos: o monstro humano, o indivíduo a corrigir e o onanista.

Esses três elementos começam a isolar, a se definir, a partir do século XVIII e eles fazem a articulação com o século XIX, introduzindo esse domínio de anomalia que, pouco a pouco, vai recobri-los, confiscá-los, de certo modo colonizá-los, a ponto de absorvê-los. Esses três elementos são, no fundo, três figuras ou, se vocês quiserem, três círculos, dentro dos quais, pouco a pouco o problema da anomalia vai se colocar. (FOUCAULT, 2010, p. 47)

O anormal, a partir dessa constituição, pode ser considerado aquele que foge à norma de determinada sociedade. A norma permite uma comparação entre os indivíduos, ou seja, a partir dela, pode ser determinado quem é normal e quem é anormal. A esse respeito, já comentei no Capítulo 1, uma vez que a norma faz parte dos conceitos-ferramenta com que opero nas análises dos materiais desta pesquisa.

Parece relevante mencionar que os anormais já existiam desde os tempos antigos, mas, segundo Veiga-Neto (2001), “(...) a novidade que se afirma, desde o início do século XIX, é tanto o agrupamento deles numa categoria mais ampla quanto vê-los muito menos como um objeto de curiosidade e muito mais como um problema.” (p. 114). Ainda, a problematização em torno desses indivíduos decorreu do surgimento, a partir da segunda metade do século XVIII, da noção de população. A população, de acordo com Foucault (2010b), “é um novo corpo: corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável.” (p. 206). Com a noção de população, duas tecnologias de poder passam a sobrepor-se.

Uma técnica que é, pois, disciplinar: centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar (eventualmente modificar) a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos. É uma tecnologia que visa portanto não o treinamento individual, mas pelo equilíbrio global, algo como uma homeostase: a segurança do conjunto em relação aos seus perigos internos. (p. 209)

Conforme Castro (2009), a partir da época clássica, assistimos no Ocidente a uma profunda transformação dos mecanismos de poder. Ao antigo direito do soberano “de fazer morrer ou deixar viver se substitui um poder de fazer viver ou abandonar à morte. O poder, a partir do século XVII, organizou-se em torno da vida, sob duas formas principais que não são antitéticas, mas que são atravessadas por uma rede de relações.” (p. 57). A esse poder que se organiza em torno da vida, Foucault deu o nome de biopoder. Para Veiga-Neto (2007), “trata-se de um poder que se aplica à vida dos indivíduos mesmo que se fale nos corpos dos indivíduos, o que importa é que tais corpos são tomados naquilo que eles têm em comum: a vida, o pertencimento a uma espécie.”. (p. 72-73). Com esse poder sobre a vida, o controle passará a ser exercido apoiando-se em estimativas estatísticas, em medições globais, no sentido “não de modificar tal fenômeno em especial, não tanto tal indivíduo, mas, essencialmente, de intervir no nível daquilo que são as determinações desses fenômenos gerais, desses fenômenos que eles têm de global.” (FOUCAULT, 2010b, p. 207)

E trata-se, sobretudo, de estabelecer mecanismos reguladores que, nessa população global com seu campo aleatório, vão poder fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeostase, assegurar compensações; em suma, de instalar mecanismos de previdência em torno desse aleatório que é inerente a uma população de seres vivos, de otimizar, se vocês preferirem, um estado de vida: mecanismos, como vocês veem, como os mecanismos disciplinares, destinados em suma a maximizar forças e extraí-las, mas que passam por caminhos inteiramente diferentes. (FOUCAULT, 2010b, p. 207)

Assim, passou-se de uma anatomopolítica do corpo humano para uma biopolítica da espécie humana. Segundo Foucault, “a biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder, acho que aparece nesse momento.” (2010b, p. 206). A partir dessa biopolítica, parece possível uma aproximação com as pessoas anormais para que se possam estabelecer saberes sobre elas, prever riscos e garantir a segurança das populações. Segundo Lopes (2009),

A inclusão, via políticas de inclusão escolares, sociais, assistenciais e de trabalho, funciona como um dispositivo biopolítico a serviço da segurança das populações. Ao estarem incluídas nos grupos, nos registros oficiais, no mercado de trabalho, nas cotas de bolsa-assistência, na escola, etc., as pessoas tornam-se alvos fáceis das ações do Estado. Trata-se de ações que visam a conduzir as condutas humanas dentro de um jogo com regras definidas, no interior dos distintos e dos muitos grupos sociais. (p. 156).

A partir disso, talvez seja possível afirmar que o aumento de documentos legais que tratam da inclusão de pessoas com deficiência, principalmente nas duas últimas décadas, como demonstrei no item anterior, pode ser um bom exemplo desse dispositivo biopolítico em ação no Estado brasileiro. Essas leis, em suma, visam a garantir o acesso dessas pessoas a diversos serviços – como o do intérprete de LIBRAS – e a diferentes locais – como a escola, o mercado de trabalho, a assistência social, etc. –, de modo que neles permaneçam. Ao realizar-se esse movimento gradativo de inclusão dos deficientes nesses locais, pode ter se tornado mais fácil conduzi-los a um comportamento esperado e previsível, o mais próximo possível da curva de normalidade.

O jogo ao qual Lopes (2009) se refere é o jogo neoliberal. Para Lopes e Fabris (2013), considerando a abordagem neoliberal, “(...) é possível afirmar que na Contemporaneidade¹⁸ a arte de governar é constituída por práticas que instituem uma racionalidade econômica que opera tanto sobre as condutas de cada indivíduo quanto sobre a população que se necessita governar.” (p. 29). Segundo Lopes (2009), o jogo neoliberal possui duas grandes regras: a primeira é que todos devem manter-se em atividade, e a segunda é que todos devem estar incluídos. Em relação à primeira, a autora explica:

Não é permitido que ninguém pare ou fique de fora, que ninguém deixe de integrar as malhas que dão sustentação aos jogos de mercado e que garantem que *todos*, ou a maior quantidade de pessoas, sejam beneficiados pelas inúmeras ações de Estado e de mercado. Por sua vez, Estado e mercado estão cada vez mais articulados e dependentes um do outro, na tarefa de educar a população para que ela viva em condições de sustentabilidade, de empresariamento, de autocontrole, etc. (p. 155).

No que concerne à segunda regra – todos devem estar incluídos –, entendo que pode estar atrelada à noção de inclusão como imperativo de Estado, trazida por Lopes e Rech (2013). Inclusão como imperativo de Estado significa que ela deve atingir a todos sem distinção e independentemente dos desejos dos indivíduos, ou seja, todos devem ser incluídos.

Esse imperativo se materializa na atualidade como uma alternativa econômica viável para que os processos de normação e de normalização se efetivem, bem como para que outras formas de vida não previstas na Modernidade – por exemplo, mais empreendedoras, autossustentadas e autônomas – se expandam no tecido social. Dessa forma, inclusão como imperativo de Estado implica, pelo seu caráter de abrangência e de imposição a todos, que ninguém possa deixar de cumpri-la, que nenhuma instituição ou órgão público possa declinar. (LOPES; RECH, 2013, p. 212)

¹⁸ Contemporaneidade pode ser entendida, neste texto, a partir de Veiga-Neto (2016): “para designar o tempo presente.” (p. 3).

Segundo Thoma e Kraemer (2017), esse imperativo estende-se a toda a população e inventa novas práticas, mobilizadas por ações estratégicas, com a finalidade de fazer com que toda a sociedade se torne responsável pela efetivação da participação de todos. “Mais do que uma política com viés econômico, a inclusão passa a instituir novas formas de vida que responsabilizam a todos a cuidarem de si mesmos e do outro.” (p. 198). Ainda, segundo elas, por processos de subjetivação, somos convencidos dessa responsabilidade e seduzidos a investir no potencial de cada sujeito que faz parte da população.

Embora a inclusão, na forma como está posta em prática hoje, não seja uma invenção moderna, talvez seja possível dizer que a busca pelo ordenamento na Modernidade criou possibilidades para pensarmos em como tratar o outro, o deficiente, o anormal. Tal como tentei demonstrar nesta seção, na anterior e na apresentação, do ponto de vista legal, tínhamos um modo de tratar o deficiente que se movimentou pela exclusão, inclusão como reclusão e inclusão como integração, ou seja, aproximávamo-nos desses indivíduos para conhecer as características das quais deveríamos nos afastar, a fim de prever os riscos e nomear sua anormalidade. Já na Contemporaneidade, passamos para relações de in/exclusão (LOPES; FABRIS, 2013), nas quais a inclusão e a exclusão passam a ser maleáveis, e não fixas, como aparentemente eram. Assim, in/exclusão, de acordo com Lopes e Fabris,

Seria uma forma de dar ênfase à complementaridade dos termos ou à sua interdependência para caracterização daqueles que, mesmo vivendo em situação de rua, de cárcere, de discriminação negativa por sexualidade, gênero, situação econômica, religião, etnia e não aprendizagem escolar, não podem ser apontados como excluídos. (LOPES; FABRIS, 2013, p. 10)

Nesse sentido, in/exclusão quer dizer que não apenas os anormais passam por processos de exclusão, mas também os normais. Com esse termo, entende-se que, em alguns momentos, estaremos incluídos e, em outros, excluídos. Portanto, esses processos não são fixos e rígidos.

De acordo com Lockmann (2016), na Contemporaneidade, “a inclusão – como estratégia de governo – sustenta-se no princípio da circulação dos sujeitos pelo espaço aberto.” (p.20). Para a autora, o imperativo contemporâneo não é apenas a inclusão, mas a inclusão por circulação, quer dizer, não é suficiente que a pessoa com deficiência esteja incluída – ela precisa circular pelos espaços sociais e usufruir de bens e serviços. A autora destaca também que, no momento em que as pessoas com deficiência começam a frequentar a escola e os espaços sociais e a circular por eles, se percebe que não basta agir sobre os anormais, “que pareciam ser o foco até então; passa-se a desenvolver uma série de

intervenções também sobre os normais para que possam aceitar, respeitar e produzir um meio ambiente adequado e capaz de assegurar a presença, a participação e a circulação de todos.” (LOCKMANN, 2016, p. 28).

Inspirada pelas palavras de Lockmann, entendo que a participação de pessoas com deficiência de forma mais efetiva nos programas de televisão, em especial nos que compõem o material desta pesquisa, fazem parte dessa estratégia de governo também dos normais. Tratar-se-ia de uma sensibilização, de uma familiarização e, quem sabe, de uma conscientização de que essas pessoas são capazes de trabalhar, de constituir família, de consumir, enfim, de participar da vida em sociedade. Porém, para que isso ocorra de forma mais efetiva, talvez necessitem da ajuda das pessoas consideradas normais, por meio da sensibilização que os programas de televisão parecem promover.

Por fim, mesmo que as práticas sobre os sujeitos considerados normais estejam em constante deslocamento e transformação, isso não quer dizer que “os interesses e os saberes produzidos sobre os sujeitos deixem de existir. Pelo contrário, cada vez mais, novas práticas são instituídas para dar conta desses saberes que conduzem e governam os modos de vida” (MACHADO, 2016, p. 90).

Neste capítulo, procurei refletir sobre a inclusão, abordando, em um primeiro momento, as proliferações discursivas que notei a seu respeito, sob três aspectos – *midiático*, *acadêmico* e *legal*; no segundo momento, trouxe algumas noções que me possibilitam problematizá-la. No próximo capítulo, procuro pensar a mídia, considerando algumas discussões feitas no campo da Educação que se mostram produtivas para esta dissertação e caracterizando os programas analisados.

3. PARA PENSAR A MÍDIA

Quando assistimos à TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizando-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou rejeitar ou simplesmente a apreciar.

(FISCHER, 2013, p.16).

Neste capítulo, proponho-me a pensar sobre a mídia e, principalmente, sobre os programas de televisão que compõem o material desta investigação. Como afirma a autora na epígrafe que inicia esta seção, ao assistirmos a um programa de TV, pode ocorrer um duplo olhar, isto é, assim como assistimos àquela pessoa sendo entrevistada, ela também nos olha através da TV, podendo provocar em nós diversos sentimentos e emoções, aprendizados e até desejos, como tento demonstrar nas análises empreendidas neste trabalho.

Aqui, inicialmente, trago uma discussão em torno da mídia, a partir de autores que colaboram para pensar e elaborar esta investigação. Na segunda seção, busco caracterizar os programas utilizados como lócus desta pesquisa. Assim, aponto as características dos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. Neste capítulo, portanto, contemplo outro componente da pesquisa: a mídia.

3.1. EDUCAÇÃO E MÍDIA

Nesta seção, proponho uma discussão sobre educação e mídia, abordando conceitos e ideias de autores que contribuem com esta pesquisa. Para começar, destaco a importância de estudarmos como somos educados pela mídia, pois “a mídia cria e reproduz um discurso pedagógico, não apenas quando fala em escola, professores, professoras e estudantes, mas também quando assume um discurso educativo que vai regulando o modo de as pessoas pensarem e agirem dentro e fora da escola.” (SANFELICE; SCHMIDT, 2013, p. 131).

Falar em pedagogia da mídia, segundo esses autores, é “compreender que, ao lermos um jornal, ao olharmos uma novela, ao acessarmos a internet, estamos aprendendo coisas, estamos sendo constantemente interpelados por discursos que nos conformam e nos subjetivam” (p. 130). Nesse sentido, entendo a relevância da pesquisa que proponho, tendo em vista que, ao assistirmos a um programa de TV ou a uma telenovela, podemos estar sendo interpelados por determinados discursos – neste caso, sobre pessoas com deficiência – que podem nos subjetivar para agirmos de determinada forma, e não de outra.

Parece-me prudente salientar o que comenta Schmidt (2006) sobre a cultura da mídia, a qual “nos acolhe, nos conforta e nos capta para a construção do nosso modo de ser” (p. 19), ou seja, “aprendemos na mídia quem somos nós e quem são os outros, ou ainda, como são aqueles que desejamos ser iguais ou diferentes.” (p. 19). Acredito ser possível afirmar que a mídia reforça a diferenciação entre normais e anormais, apontando as características destes últimos, de quem devemos nos diferenciar. Por isso, penso ser interessante uma pesquisa como esta, pois possibilita uma discussão sobre a inclusão de deficientes a partir de outros ângulos.

Schmidt (2006), em sua tese, *Ter atitude: escolhas da juventude líquida. Um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*, realizou um estudo com mídia impressa, no qual buscou compreender como a expressão “ter atitude” era utilizada para caracterizar os jovens, que vinham se modificando e dissolvendo. Esse trabalho contribui com esta pesquisa, e concordo com a autora quando observa: “penso ser cada vez mais necessário para pesquisadores/as do campo da Educação, problematizar, buscar um olhar de estranhamento para a forma como a mídia tem tratado a construção de pautas sobre como deveria ser a ‘atitude jovem’ em nosso tempo.” (p. 21). Inspirada por essa citação, entendo que também é necessário problematizar a forma como a mídia tem tratado a construção de pautas relacionadas às pessoas com deficiência, seja por meio da participação dessas pessoas nos programas de televisão ou de pessoas sem deficiência que vão para falar sobre deficiências e sobre pessoas com deficiência.

Vale trazer aqui o comentário de Fischer (2013): “há uma imensa responsabilidade dos meios de comunicação, particularmente da TV, que aqui nos interessa no que se refere aos modos de nomear os diferentes.” (p. 41). Ao analisar diversos materiais, como programas de TV e textos de revistas e jornais, a autora verificou que esses materiais pareciam afirmar, em nosso tempo, o estatuto da mídia “não só como veiculadora mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica.” (FISCHER, 1997, p. 61).

Neste trabalho, tive percepções semelhantes às de Fischer (2013) já nos primeiros contatos com os materiais de pesquisa, pois, nos programas de televisão analisados, são produzidos sujeitos com deficiência e também os familiares desses sujeitos. Por exemplo, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, constantemente, são exibidos exemplos de mães e/ou pais, como Alessandra Maltarollo, mãe de Clarice. Inspirada no relacionamento com a filha, Alessandra escreveu o livro *As aventuras de uma Downadinha* para mostrar o potencial das crianças com síndrome de Down.¹⁹ Outro exemplo é o programa *Esporte Espetacular*, em que podemos conhecer a “lição de vida” de Guto, que tem paralisia cerebral e tinha o sonho de ser jogador de futebol; diante da impossibilidade de jogar futebol devido à sua deficiência, Guto foi atrás de seu sonho de uma maneira nova; estudou até se tornar o primeiro brasileiro, com a sua deficiência, graduado em Educação Física no Brasil²⁰ e tem planos de fazer o curso de técnico de futebol e tornar-se um.

No que se refere aos sentidos midiáticos, conforme Silva (2010), eles não se dão por acaso. Para a autora, existe um saber técnico empregado para produzir determinados efeitos dentro dessa forma especializada de comunicar e produzir sujeitos que Fischer (1997) aponta. Nas palavras de Silva (2010),

Há um saber técnico que coloca em funcionamento uma linguagem específica para produzir determinados efeitos e não outros. Assim como ocorre com a linguagem verbal, o campo imagético também depende de estratégias e mecanismos próprios a essa linguagem, como cor, perspectiva, textura, tom e movimento. A operacionalização desses elementos, combinada com a dinamicidade empregada na exibição de imagens, palavras e sons, na mídia, produzem sentidos que podem comprovar, sensibilizar, ou reforçar uma prática. (SILVA, 2010, p. 92)

Menezes (2011), ao estudar subjetividades inclusivas em sua tese, comenta a influência que a televisão possui no Brasil. Tal influência, segundo ela, é potencializada pela grande audiência que as novelas da Rede Globo apresentam. A autora entende que a aliança Governo/mídia televisiva produz efeitos significativos no convencimento de todos sobre a necessidade de oferta de práticas inclusivas na sociedade e sobre a importância de todos nos envolvermos e nos responsabilizarmos com a oferta dessas práticas, “assumindo compromisso com relação ao favorecimento da participação, sem restrições, na vida social pelas pessoas que possuem deficiências.” (MENEZES, 2011, p. 67).

Com o saber técnico empregado pelos veículos midiáticos e a aliança Governo/mídia, pode-se dizer que a mídia se ocupa de produzir novas discursividades, como pensa Marcello

¹⁹ Programa exibido em 28/06/2017.

²⁰ Programa exibido em 07/01/2018.

(2003): “é possível afirmar que a mídia ocupa-se em produzir novos discursos: na ideia de que promove a possibilidade de repeti-los e, como tal, de reorganizá-los, e a partir disso, constituir outros.” (p. 77). Ainda,

Tal conclusão está ligada a duas constatações em relação a este meio. Uma diz respeito à tal reduplicação via edição, cenários, personagens criados e produzidos pela própria linguagem que lhe é específica. A outra diz respeito à sua veiculação mesma, à abrangência massiva que hoje a mídia cada vez mais adquire – fato que, de certa forma, confere nova vida e materialidade distinta aos discursos. (MARCELLO, 2003, p. 84)

Entendo que, a partir da exposição das pessoas com deficiência e de suas histórias, a mídia pode produzir novas discursividades sobre os modos de ser pessoa com deficiência e as políticas de inclusão. Ao entrevistar especialistas e discutir a vida das pessoas com deficiência com elas e os convidados presentes, o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, por exemplo, pode provocar novos discursos e novos modos de entender a deficiência, disseminando-os para os telespectadores. Por sua vez, o telespectador pode aprender novos modos de ser pessoa com deficiência e de entender a deficiência conhecendo histórias como a de Guto no *Esporte Espetacular*.

Destaco que tais discursos não escapam da racionalidade de nosso tempo, que prima pela inclusão de todos, como mencionei no Capítulo 2, quando me referi ao jogo neoliberal, em que todos devem ter acesso a bens e serviços. Os discursos produzidos pela mídia podem constituir-se como estratégias de subjetivação das pessoas com deficiência para que participem de maneira mais efetiva desse jogo neoliberal, ou seja, para que sejam produtivos e usufruam de bens e serviços proporcionados pela sua produtividade.

Para finalizar, o objetivo desta seção foi trazer algumas discussões para pensar sobre a mídia pelo viés da Educação. Na próxima seção, faço uma caracterização dos dois programas que compõem o material desta pesquisa.

3.2. PROGRAMAS *ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES* E *ESPORTE ESPETACULAR*

Nesta seção, tenho o objetivo de apresentar e/ou caracterizar os programas televisivos escolhidos como material desta pesquisa e que, no Capítulo 4, serão analisados. A primeira atração é o programa *Encontro com Fátima Bernardes*.

Considerado um *talk-show* da Rede Globo, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* estreou no dia 25 de junho de 2012. Com duração de 60 minutos, é transmitido ao

vivo, de segunda a sexta-feira, logo após o programa *Bem Estar*. Em três blocos, mistura informação, matérias de comportamento, prestação de serviço, humor, música e interatividade com o público, em um tom informal que privilegia a conversa. O programa enfoca histórias comuns, relacionadas a assuntos do dia a dia e fatos ocorridos no Brasil e no mundo. Fátima Bernardes interage com os convidados, que podem ser selecionados de acordo com o assunto do dia, incluindo especialistas em determinado tema, e uma plateia de 60 pessoas, de diferentes idades e classes.²¹ Como aponta Silva (2017), “o Programa Encontro traz quadros de humor, brincadeiras, games e atrações musicais em sua programação. Até a apresentadora ‘cai’ na festa, participa de encenações, além de danças, karaokê, etc.” (p. 50).

Além disso, o programa conta com um elenco fixo, como afirma Sacramento (2016) em seu artigo intitulado “A formação televisiva de experiências traumáticas: uma análise do programa *Encontro com Fátima Bernardes*”. Atualmente, há participação do jornalista Lair Rennó; na época da pesquisa de Sacramento, também fazia parte do elenco o humorista e ator Marcos Veras.

Com certa regularidade, também participam do programa, num clima informal de conversas com os convidados, o neurocirurgião Fernando Gomes Pinto, o poeta Fabrício Carpinejar, a dermatologista Daniela Alvarenga, a filósofa Viviane Mosé, a psicanalista Lígia Guerra, a educadora Andrea Ramal e o psicanalista Moisés Groisman. Eles atuam não apenas como especialistas, mas, sobretudo, como interlocutores daqueles que narram histórias da vida. (SACRAMENTO, 2016, p. 2)

Assim como a saída de Marcos Veras, nesse tempo que venho acompanhando o programa *Encontro com Fátima Bernardes* para a realização desta pesquisa, constatei a presença de mais especialistas, como a veterinária Rita Ericsson, a executiva de recursos humanos Patrícia Santos, a jornalista Maíra Azevedo, a antropóloga Miriam Gondelberg, a nutricionista Desiré Coelho, o juiz da Infância e Juventude Iberê Dias, o consultor em inteligência financeira Gustavo Cerbasi, o psicólogo Rossando Klinjey, a major da polícia militar da Bahia Denise Santiago, o psiquiatra Jairo Bauer, o professor e historiador Leandro Karnal e a monja Coen. Além desses especialistas, o jornalista André Curvello²² entrou no

²¹ Informações retiradas do *site* Memória Globo, que podem ser acessadas no *link*: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/encontro-com-fatima-bernardes.htm>

²² André Curvello é jornalista e participa do programa *Encontro com Fátima Bernardes* desde 2017. Uma matéria sobre suas participações pode ser conferida no *link*: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/critica-de-tv/2017/12/andre-curvello-e-a-grande-surpresa-do-encontro-em-2017>

elenco fixo do programa, assim como Manoel Soares²³; ambos fazem reportagens na rua, interagem com a plateia e apresentam a atração quando Fátima Bernardes precisa ser substituída.

Sacramento (2016) destaca que o programa promove uma mistura de temas de interesse público com os da vida privada ao focar acontecimentos cotidianos, discutidos mediante relatos pessoais de anônimos e celebridades. “O programa conta, assim, com uma forte estratégia de pessoalização discursiva. As histórias contadas são pessoais, tendo o intuito de constituir uma relação de intimidade e de identificação com o público mediada pela apresentadora.” (p. 4). Esse autor observou que os temas frequentes tratados no programa *Encontro com Fátima Bernardes* são: comportamento, saúde, preconceito, moda, beleza, fama, qualidade de vida, histórias de superação e relacionamento.

Outro ponto de interesse nesse programa é a construção das pautas, que, segundo Laurindo (2015), “nascem das ruas, chegam por assessorias, pelos artistas que vão aos programas, telespectadores; há um controle bastante atento sobre a Central de Atendimento ao Telespectador e à Internet.”. (p. 51) Parece, portanto, que essa atração tem uma construção conjunta com os telespectadores. A isso, talvez possamos associar a quantidade de participações de pessoas com deficiência no programa, pois, nos últimos 12 meses²⁴, 31 programas tiveram a participação de uma ou mais pessoas com deficiência, tendo sido tratados assuntos como: superação das dificuldades impostas pela deficiência, sexualidade e mercado de trabalho, entre outros.

Cabe trazer o que apontam Rosso e Formentin (2017) sobre a idealização do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, que teria partido da própria apresentadora e jornalista que assina o programa: “o Encontro foi uma idealização da própria Fátima Bernardes que, após 14 anos apresentando o principal programa jornalístico da TV Globo, Jornal Nacional (...) optou por um novo caminho na carreira. A ideia seria unir entretenimento com jornalismo (...)” (p. 76).

Fátima Bernardes, idealizadora e apresentadora do programa que leva sua assinatura, é jornalista. Entrou na Rede Globo em 1987 como repórter e, posteriormente, ficou

²³ Manoel Soares é um jornalista baiano e ficou conhecido no Rio Grande do Sul por fazer reportagens nas periferias para os jornais da RBSTV. Mais informações sobre a sua ida para o programa *Encontro com Fátima Bernardes* podem ser obtidas neste [link](http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2017/04/manoel-soares-passa-a-integrar-equipe-do-encontro-com-fatima-bernardes-9771337.html):

<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2017/04/manoel-soares-passa-a-integrar-equipe-do-encontro-com-fatima-bernardes-9771337.html>

²⁴ Para essa informação, considerei os programas disponíveis no *site* gshow.com/encontro (26/06/17 a 26/06/18). Destaco que a exibição do programa foi suspensa em 28 e 29 de maio devido à greve dos caminhoneiros ocorrida em maio de 2018. Durante a Copa do Mundo, no período de 15 a 22 de junho, o programa também não foi exibido.

nacionalmente conhecida em 1989 apresentando o *Jornal da Globo*. Passou também pelo *Fantástico*, *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional (JN)*, no qual permaneceu de 1998 a 2011. Recentemente, no ano corrente, ela foi indicada ao prêmio “Sim à Igualdade Racial”, na categoria “Raça em Pauta”, o qual “busca valorizar e reconhecer os principais nomes e iniciativas que atuam em prol da Igualdade Racial.” (SCHOPKE, 2018), mas não ganhou. Também nesse ano, a jornalista recebeu um prêmio pelos 30 anos de carreira no Brazilian International Press Awards de Arte e Cultura 2018, na Flórida, evento organizado pela comunidade brasileira dos Estados Unidos. No evento, Fátima concedeu uma coletiva de imprensa; questionada sobre os desafios que percebe para si no mundo do entretenimento, respondeu:

A ideia é que você tem que ter um programa que seja atual, não é? A Internet está aí com a notícia o dia inteiro, então, você tem que ter um programa que, de alguma forma, traga para aquele palco o que as pessoas estão conversando na porta da escola, nas rodinhas de café, entre grupos de amigos. E esse é um desafio. Trazer de uma forma que tenha algum diferencial. Como a gente tem muitos convidados... Eu acho que sempre que a gente coloca as pessoas pra falarem, que a gente dá voz às pessoas na televisão [...] é o caminho a seguir a partir de agora. A gente sempre [...] o meu grande desafio é ter no palco representatividade, ou seja, que as pessoas que estão em casa se enxerguem nas pessoas que são convidadas ali. Esse é o nosso maior desafio sempre. Então, ter de todas as classes, de todas as cores, de todos os gêneros. Pessoas que pensem das maneiras mais diferentes e que a gente consiga ter o caminho convergindo sempre pro caminho do respeito. Não é fácil, mas é o nosso objetivo. (BERNARDES, 2018)²⁵

Esse trecho da entrevista da apresentadora parece sintetizar bem os objetivos do programa. Também reforça o quão interessante essa atração se mostra para problematizarmos os discursos midiáticos televisivos brasileiros, que parecem utilizar diferentes estratégias discursivas para nos familiarizar com pessoas com deficiência.

Ainda, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* aparece nos *rankings* de audiência publicados pelo *site* Bastidores da TV como programa de audiência consolidada, pois é o que alcança maior audiência no horário das 11h às 12h. Por exemplo, no dia 29/01/2018, marcou 8,7 pontos em São Paulo e, no dia seguinte, 30/01/2018, 8,9 pontos.²⁶

²⁵ A coletiva de imprensa completa pode ser assistida no *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=Rf22PZR6avE>

²⁶ Segundo o portal Mundo Estranho, a audiência de um programa de TV pode ser medida de três maneiras: (1) por uma folha que os moradores preenchem e o instituto recolhe. (2) por aparelhos eletrônicos que mandam uma vez por dia a relação de todos os programas assistidos na casa; (3) por um controle em tempo real, que indica a cada minuto as variações de audiência, transmitindo instantaneamente os resultados às emissoras. Este último é a forma mais moderna de medição e existe apenas na Grande São Paulo. A audiência medida pelo Bastidores da TV, que apresento aqui, foi realizada da terceira forma.

Isso significa que, de acordo com a tabela publicada pelo Kantar Ibope²⁷, a atração foi vista por mais de 564,475 mil domicílios e aproximadamente 5.505,6 milhões de pessoas na Grande São Paulo nos dias mencionados.

No que se refere ao perfil de seus telespectadores, segundo a TV Diário, 59% são mulheres. Quanto às idades, 32% têm de 25 a 49 anos, e 43% estão com 50 anos ou mais. No que concerne à classe social, 36% dos telespectadores estão na classe AB, ou seja, segundo o IBGE, essas pessoas têm renda familiar a partir de 10 salários mínimos.

O outro programa que compõe o material desta pesquisa é o *Esporte Espetacular* (EE)²⁸. Esse é o mais antigo programa esportivo da Rede Globo no ar – estreou em 08 de dezembro de 1973, com o objetivo de abrir espaço na televisão para as diversas modalidades esportivas. A atração²⁹ é exibida aos domingos, a partir das 9h30; segundo o *site* Memória Globo, “com um formato leve e dinâmico, o programa acompanha a história dos atletas, os melhores momentos e os bastidores das competições, e os recordes mundiais.” (GLOBO, 2019). Até dezembro de 2018, período considerado nesta pesquisa, o programa era apresentado pelos jornalistas Fernanda Gentil e Felipe Andreoli. Em 2019, Fernanda Gentil não faz mais parte da apresentação da atração, sendo substituída pela jornalista Barbara Coelho.

Fernanda Gentil é jornalista e apresentadora, ficou conhecida apresentando outro programa esportivo da *Rede Globo*, o *Globo Esporte*. Começou seu trabalho no *Esporte Espetacular* em setembro de 2016 e encerrou em dezembro de 2018. Felipe Andreoli também é jornalista, humorista, repórter e faz parte da equipe da atração desde março de 2017 até o presente. Ressalto que Felipe já foi repórter da outra atração analisada nesta Dissertação, o programa *Encontro com Fátima Bernardes*.

É interessante mencionar que, no período de um ano em que esse programa foi acompanhado para esta pesquisa, apresentou oito reportagens com pessoas com deficiência. Essas reportagens foram exibidas predominantemente em três quadros e/ou séries: “Superação”, “Valor em jogo” e “Sobre rodas”. A série “Sobre rodas” foi lançada em 2 de abril de 2017 e nela o atleta paralímpico Fernando Fernandes encarou vários desafios, como realizar em *handbike* a travessia do maior deserto de sal do mundo, descer cachoeiras com

²⁷ Essa tabela está disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/kantar-ibope-atualiza-representatividade-de-cada-ponto-de-audiencia-de-tv.ghtml>> acesso em 29/04/18.

²⁸ Informações obtidas no *site* Memória Globo, que pode ser acessado no *link*: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/esporte-espetacular-esporte-espetacular-45-anos-FF80808167808624016784210640095D.htm>

²⁹ As informações sobre o programa *Esporte Espetacular* são escassas, por isso, não há uma riqueza de detalhes sobre essa atração neste espaço.

caiaque adaptado, experimentar esportes adaptados, etc. O quadro “Valor em jogo” é expresso por uma *hashtag* com o título do quadro, e nele são mostrados assuntos relevantes socialmente, reportagens como a que aborda as adaptações feitas nos estádios de futebol para receber pessoas com deficiência, a história de Guto, o voo de parapente de Laís Souza. Por fim, o quadro “Superação” é patrocinado pela Caixa Econômica Federal e exibe reportagens com histórias de superação, como a dos alunos da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), que superam suas deficiências por meio do nado sincronizado.

Como se vê, essa atração não se limita a abordar o futebol; o programa vai além e trata de diferentes esportes e diferentes histórias de pessoas ligadas a eles. Penso ser relevante estudar um programa esportivo porque, nas reportagens exibidas, há um foco na superação da deficiência por intermédio do esporte. Machado (2011), em pesquisa sobre as paraolimpíadas, observou que

A intenção inicial da reportagem não está em divulgar como o atleta está se saindo nas últimas competições de que participou; ao contrário, seu propósito é expor a deficiência daquele indivíduo, tecendo comentários de como seria improvável a sua participação em um esporte. Apenas depois de caracterizar o atleta – marcar sua anormalidade – é que há uma referência ao seu desempenho no esporte. (p.132)

Embora nem todas as reportagens se refiram a atletas paraolímpicos, como a autora estudou, percebo que essa ideia pode repetir-se, pois até no título das reportagens já é possível identificar que o atleta tem alguma deficiência, antes mesmo de se apresentar o esporte que pratica ou seu nome. Nesse sentido, programas jornalísticos esportivos mostram-se também interessantes para compor o material desta pesquisa, uma vez que possuem uma maneira peculiar de abordar a deficiência, reforçando a percepção da anormalidade do indivíduo.

Nesta seção, busquei trazer uma caracterização dos programas que compõem o material de pesquisa e que se mostram importantes para o Capítulo 4, onde analisarei o corpus da pesquisa.

4. ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO DE PESSOAS COM E SEM DEFICIÊNCIA NOS PROGRAMAS *ENCONTRO COM FÁTIMA BERNARDES* E *ESPORTE ESPETACULAR*

No presente capítulo, apresento de forma detalhada a análise empreendida a partir das ferramentas foucaultianas que se mostraram potentes para pensar o corpus desta pesquisa. As análises estão divididas em três seções, cada uma correspondendo a uma categoria de análise: (1) história de vida, (2) educação e mercado de trabalho e (3) ações solidárias. Na primeira abordagem reportagens das duas atrações analisadas em que as pessoas com deficiência falam sobre sua história de vida e os diversos aspectos relacionados a ela. Nessa categoria, fiz três subdivisões; são elas: *tecnologias assistivas*, entendidas como uma possibilidade de borramento de fronteiras; *esporte*, como um meio para enfrentar e superar as dificuldades impostas por uma deficiência e a *vivência da sexualidade* como uma conquista alcançada. A segunda, contempla reportagens do programa *Encontro com Fátima Bernardes* em que quaisquer pessoas falam sobre a educação e o mercado de trabalho como espaços fundamentais para a pessoa com deficiência. E a terceira traz reportagens das duas atrações em que pessoas comuns divulgam ações solidárias que realizam em prol das pessoas com deficiência.

Para começar, quero sublinhar algumas constâncias que percebi nas reportagens e, ainda, as diferenças de abordagem entre os dois programas analisados. Inicialmente, é pertinente dizer que os focos das reportagens dos dois programas são diferentes. O programa *Encontro com Fátima Bernardes* fala sobre a vida da pessoa com deficiência em todos os seus aspectos, destacando uma habilidade ou alguma história de superação daquela pessoa; já o *Esporte Espetacular* exibe reportagens curtas, em que a pessoa com deficiência é apresentada de maneira breve, e o foco está na ação esportiva desenvolvida por aquela pessoa em relação ao foco da reportagem, por exemplo, a ida a um estádio de futebol, o desejo de ser técnico de futebol e assim por diante. Ainda, as entrevistas e reportagens não são feitas pelos apresentadores do programa, que fazem uma introdução a elas, além disso, são gravadas e não ao vivo como na outra atração analisada.

No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, a pessoa com deficiência é apresentada; sua deficiência é nomeada e a causa desta, se houver, é explicitada, ou, se não houver, é especulada. Quase na totalidade dos programas, um especialista fala sobre a deficiência daquele convidado, aparentemente para endossar o que a pessoa está contando ou para explicar como é ter aquela deficiência, quais os impactos, quais partes do corpo são

atingidas. Destaco que o especialista costuma ser o Dr. Fernando Gomes Pinto, neurocirurgião e neurocientista que é parceiro da atração. Há, também, recorrentemente, apelos para que as escolas desenvolvam ações de respeito e inclusão para as pessoas com deficiência. Dificilmente, a inclusão escolar é tratada de forma isolada, mas diversas vezes ela é colocada em pauta como uma saída para uma sociedade que respeite a pessoa com deficiência e a inclua. Em relação ao ambiente escolar, um ponto interessante é que, em quatro ocasiões, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* levou uma pessoa com deficiência até uma escola para que crianças e jovens pudessem tirar suas dúvidas sobre a sua condição, suas dificuldades, enfim, sobre a deficiência no geral.

Outra percepção que tive é que, quando a pessoa com deficiência é criança ou adolescente e comparece ao programa com seus pais, há constantes elogios e créditos a eles pelo desenvolvimento de seu filho e por suas ações enquanto pessoa com deficiência ativa na sociedade em que vivemos. Também percebi que as reportagens com a presença de pessoas com deficiência, que compõem a primeira seção, ocorrem, na sua maioria, no 1º bloco do programa, que é o mais longo. As pessoas com deficiência costumam participar da atração durante 25 a 35 minutos, dividindo espaço com a história de outras pessoas com deficiência ou apenas falando sobre si e interagindo com os convidados e especialistas do dia. Antes de encerrar o primeiro bloco, a jornalista e apresentadora Fátima Bernardes despede-se do convidado, e o programa segue com outros assuntos, que a pessoa acompanha apenas da plateia ou do camarim. A única exceção é quando o convidado é famoso, como Laís Souza³⁰, Fernando Fernandes³¹, Gigante Leo³², Juliana Caldas³³ e Nathália Santos³⁴. Mesmo assim, o foco na sua vida e sua condição de pessoa com deficiência ocorre apenas naquele bloco.

4.1. HISTÓRIA DE VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: UMA ESTRATÉGIA DE GOVERNAMENTO

Nesta seção, exponho as falas³⁵ que compõem a categoria referente à participação da pessoa com deficiência falando sobre sua história de vida e os diversos aspectos relacionados

³⁰ Laís Souza é ex-atleta da equipe de ginástica artística brasileira.

³¹ Fernando Fernandes é ex-atleta paralímpico tetracampeão mundial de paracanoagem.

³² Gigante Leo é ator e humorista.

³³ Juliana Caldas é atriz.

³⁴ Nathália Santos é jornalista.

³⁵ As falas das pessoas com deficiência e demais participantes dos programas analisados que compõem o material de análise, a partir de agora, aparecerão em texto dentro de caixas.

a ela. Essas falas são oriundas dos dois programas analisados nesta investigação; repetindo: *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. Para iniciar, quero mostrar que em alguns momentos, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, a apresentadora, ao encerrar a participação, deixa evidente que o objetivo de receber no programa a pessoa com deficiência para falar de si e dos assuntos suscitados durante a participação era o de inspirar, influenciar e mostrar o que é possível para outras pessoas com deficiência, como demonstro abaixo.

Fátima Bernardes: (...) Muito obrigada, viu? Adorei, acho que *a sua história deve ter inspirado muita gente a continuar na luta e a buscar*, quem sabe, uma solução, como a que você conseguiu, não é? (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 01/02/18)

Fátima Bernardes: Eu estou super feliz que vocês vieram aqui se mostrar todas, mesmo. E *ajudaram hoje um monte de gente*, com certeza, *que hoje está em casa, ainda num outro processo de aceitação. Vocês mostraram que é possível* e que, daqui a pouco, quem está em casa, ainda meio que se acostumando, *vai ver que daqui mais na frente tem um horizonte lá pra elas*. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 07/11/17)

Fátima Bernardes: Essa é a mensagem que a gente queria passar, porque, na verdade, *nem todo mundo vai ter a evolução*; como o Thiago falou, o seu caso é um milagre. Mas *cada um pode chegar o máximo possível, e o que a gente espera com o seu exemplo é que as pessoas não desistam de tentar*, porque, por mais que o diagnóstico seja terrível, a gente não sabe exatamente o que vem pela frente. Vai depender muito de cada um e de tudo que for possível fazer. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 19/12/17)

Fátima Bernardes: Tenho certeza de que *a sua história vai inspirar muitas outras pessoas*, viu? E *vai dar esperança pra muita gente*. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 27/03/18)

Fátima Bernardes: Ou seja, *é isso que a gente quer aprender. É com essa convivência que todos nós queremos nos modificar um pouquinho* também. Seja com a deficiência e com a dificuldade que for. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* - 28/06/17)

Com base nas lentes teóricas que possuo, nesses excertos, entram em cena estratégias de governo, que ficam claras quando a apresentadora menciona que a participação vai inspirar ou ajudar muitas pessoas. Em frases como: “é isso que a gente quer aprender. É com essa convivência que todos nós queremos nos modificar um pouquinho”, essas estratégias são colocadas em prática. Como aponta Castro (2009), o governo possui dois eixos, o primeiro refere-se ao governo como relação entre sujeitos, e o segundo, ao governo como relação consigo mesmo. Nas falas acima, percebo esses dois eixos em atuação, uma vez que, ao mesmo tempo em que a apresentadora comenta que quer modificar-se com as participações

de pessoas com deficiência que recebe na atração, ela também frisa que essas participações podem modificar um pouco todos os que participam dela.

Ao exibirem-se as pessoas com deficiência, nesse caso, falando de si, mencionando como se deu o processo de aceitação da sua condição, o seu desenvolvimento durante a fisioterapia, entre outros aspectos de sua vida, há um direcionamento para que quaisquer pessoas se sintam influenciadas a tentar superar suas dificuldades. Mais ainda, além de superar as dificuldades físicas, busquem a superação das dificuldades sociais, como a inserção no mercado de trabalho e a participação da sociedade como um todo. Por isso, entendo que as estratégias de governmentação se constituem também como processos de subjetivação dos telespectadores, que têm que realizar uma autocondução para atingir objetivos semelhantes aos do convidado. Ao realizarem isso, esses sujeitos trabalham sobre si mesmos, o que é um dos modos de subjetivação considerados por Foucault em suas aulas e obras, segundo Veiga-Neto (2007).

Acredito que a escolha das pessoas com deficiência que participarão das atrações estudadas não é neutra. São convidados aqueles que têm um forte discurso de autoaceitação, autossuperação; aqueles que se esforçam para romper as barreiras do que é considerado normal, mostrando suas capacidades e habilidades. Um exemplo disso é a participação de Mariana Torquato, uma jovem deficiente física que faz vídeos para a internet sobre sua deficiência. Essa participação ocorreu no programa *Encontro com Fátima Bernardes*; ao ser anunciada a participação da jovem, foi exibida uma reportagem, como de praxe na atração, contando sobre a vida da pessoa com deficiência. Na reportagem sobre Mariana, são exibidas suas fotos de criança e de adulta, bem como alguns vídeos considerados surpreendentes pela apresentadora, como quando ela pinta as unhas, mesmo sem ter um braço, ou corta o cabelo. Enquanto essas imagens são exibidas, um pouco sobre ela é narrado da seguinte forma, por André Curvello, jornalista do programa:

André Curvello: *Mariana nasceu sem parte de um braço, mas isso não fazia a menor diferença para ela. Era igual a todo mundo e fazia tudo que todos faziam. Foi na adolescência que começou a entender as coisas de outra forma, o que parecia um detalhe, sem importância, passou a fazer muita diferença na vida dela. Entendeu isso, de uma maneira muito estranha, o jeito como a olhavam, os apelidos que recebia, o sentimento de pena e às vezes de desprezo com que a tratavam. Nada disso, porém, impediu que Mariana crescesse cheia de autoestima e atitude. Resolveu tocar a vida como podia e recusou todos os estereótipos. Fazer a vítima, jamais! Muito menos a heroína. Se tornou o que sempre foi, Mariana simplesmente. Uma pessoa como outra qualquer, com um papel super importante*

nesse mundo – o de protagonista da própria história. Papel que, aliás, exerce muito bem, sabia?! Já viram os vídeos dela na internet? Pois é.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

Na apresentação de Mariana, percebo uma iniciativa no sentido de mostrá-la como normal. Nas frases que grifei, ficam bem explícitas as tentativas de apresentá-la próxima das pessoas sem deficiência, tendo sonhos, sendo ativa em sua vida, passando por dificuldades na adolescência, como a maioria das pessoas passa, e superando-as. A superação das dificuldades da adolescência e do preconceito sofrido pode ser uma tentativa de sensibilização das pessoas com deficiência que estão assistindo ao programa, talvez passando por um momento semelhante, mas enfatiza-se que elas não estão sozinhas e que também vão superar esse momento, bastando não deixar que isso as impeça de seguir em frente, como a convidada.

Após a reportagem sobre a vida da convidada, Fátima Bernardes comenta que ela tem um humor incrível e que seus vídeos são bem-humorados, informativos e feitos com muita naturalidade. Sobre isso, Mariana responde que essa é a grande questão: falar naturalmente sobre qualquer tema, principalmente deficiência, porque qualquer um de nós, um dia, pode vir a ter uma deficiência. Mais uma vez, a pessoa com deficiência é trazida para perto da curva de normalidade, mostrando-se a deficiência como algo que pode atingir qualquer um e que a relação de normalidade e anormalidade pode ser variável.

Assim como na participação de Mariana e nas que se seguem nesta e nas próximas seções, percebo que há inúmeras tentativas de borrimento de fronteiras entre o normal e o anormal. Bauman (1998) comenta que, na pós-modernidade, “as fronteiras que tendem a ser ao mesmo tempo mais fortemente desejadas e mais agudamente despercebidas são as de uma *justa e segura posição na sociedade (...)*” (p.38, grifo do autor). Nesse sentido, nas reportagens aqui exploradas, do mesmo modo que há um borrimento na posição ocupada pela pessoa com deficiência, há um reforço e segurança na posição que a pessoa sem deficiência ocupa.

Durante a entrevista, a apresentadora comenta com Mariana que, ao mostrar nos vídeos suas habilidades, como fazer as unhas, cortar o próprio cabelo, etc., ela evidencia que pode caminhar para onde quiser. Então, a convidada conta que sua mãe a ensinou e que consegue fazer tudo. Ela relata como lidou com a ausência de parte do braço:

Mariana Torquato: Então, eu sempre lidei assim, sabe. Eu via as pessoas fazendo com duas mãos e, eu pensava tá e agora, como é que eu vou fazer com uma e meia. *E aí eu fui aprendendo a fazer, me*

virando. E acaba que, poucas coisas, assim, eu não consigo fazer. Eu sempre do um jeito, as vezes é um pouco difícil, coisas pequenas, tipo pegar água de um bebedouro. (...) Porque você depender de ajuda de todo mundo e tal, não é uma coisa muito agradável. Às vezes não tem ninguém pra te ajudar, né. Eu sempre quis ter minha independência assim.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

Ao exprimir suas dificuldades, Mariana pode encorajar outras pessoas com deficiência, mostrando que ela superou, que se adaptou à condição e que, se ela conseguiu, outros também conseguem. Mariana pode influenciar seus pares para que busquem, assim como ela, a independência. Ao mostrar essas capacidades, ela aponta para as pessoas sem deficiência que é capaz, que pode fazer parte da sociedade e circular nela, subjetivando essas pessoas para uma aceitação e familiarização com as pessoas com deficiência. Dessa forma, com a participação de Mariana, estratégias de governmentação são colocadas em funcionamento, pois, dentro do eixo do governo como relação entre os sujeitos, Foucault (1995) comenta que ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, estende ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, obriga ou impede absolutamente. Para o filósofo, o governmentação é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes. Percebo isso nessa participação e em outras semelhantes que trarei abaixo. Nelas, os participantes afirmam que as pessoas com deficiência são capazes, desviam o estigma do vitimismo e facilitam o entendimento de que estão próximas da normalidade e que, por isso, têm condições de ter uma vida como a de qualquer pessoa, participando do mercado de trabalho e da educação e usufruindo de bens e serviços. Mariana é bastante elogiada pelos convidados por realizar uma conversa sem vitimismo sobre sua condição de pessoa com deficiência.

Menezes (2017) entende que o termo “inclusão” pode ser utilizado “como um princípio de organização do Estado que opera a mobilidade de todos os sujeitos em busca de uma autogestão mais produtiva e politicamente mais econômica.” (p.102). Inspirada nas palavras da autora e nas falas dos convidados expressas abaixo, entendo que, ao elogiarem a pessoa com deficiência por não se vitimizar, os convidados estão elogiando a autogestão de Mariana, que, tal como aponta a autora, vai em busca de uma maior produtividade, participando da sociedade e inserindo-se no jogo neoliberal.

Cacau Protásio (atriz): O bom, assim, é que ela não vitimiza. Ela vai lá, faz e resolve. Ela dá o jeito dela, se vai dar certo ou não, vamos fazer. Ela faz isso, é muito bom.

Jairo Bauer (psiquiatra): (...)E essa coisa de não transformar uma peculiaridade que a gente tem, alguma diferença que a gente tem, né, em uma coisa que fale contra a gente e sim, que ajude a gente a ser quem a gente é. Então, o bracinho é o grande amigo dela e fez ela ser quem ela é.

Manoel Soares (jornalista): E a capacidade também que a Mari tem de transformar, o que teoricamente, na estética social, seria um problema, no grande potencial dela. Porque muitas pessoas acham, que ter um braço, como o seu, é que afasta. E ela de uma forma maravilhosa, faz com que, ter um braço como o dela seja um elemento de aproximação, quando tem isso. Automaticamente, você acaba fazendo com que jovens, pessoas que têm esse problema, pessoas que se relacionam com esse problema, comecem a ver isso de uma maneira diferente. Parte que ficou fora do quadro. Corrigida.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

Tanto na participação de Mariana quanto em outras, é possível notar que o governo não é uma ação de mão única, pois, ao mesmo tempo em que as pessoas com deficiência buscam conduzir as condutas de quem as vê, também estão sendo conduzidas e realizando uma autocondução. Por exemplo, Mariana, ao expor suas capacidades, está conduzindo condutas para o entendimento de que as pessoas com deficiência são capazes; ao mesmo tempo, ela é conduzida no sentido de que as pessoas com deficiência não devem ser vitimizadas e devem superar-se, o que estimula que ela faça uma autogestão e uma autocondução.

Ressalto que nem todas as participações no programa *Encontro com Fátima Bernardes* dão destaque para o mesmo aspecto, mas há três outras participações que considero semelhantes à de Mariana e quero explorar um pouco aqui. Uma delas é a de Amália, apresentada por Fátima Bernardes como uma jovem que não se deixou abalar por um fato ruim e não deixou que ele prejudicasse o que queria para sua vida; assim como Mariana, Amália é uma jovem muito positiva. Sua apresentação também é interessante:

André Curvello: Foi da noite pro dia! Amália tinha 20 anos, quando acordou e percebeu que não enxergava mais com o olho esquerdo. Mesmo sem entender o que estava acontecendo, só procurou ajuda 15 dias mais tarde. Após alguns exames, descobriu que a cegueira tinha como causa a toxoplasmose. Durante 10 anos, fez tratamentos e enfrentou o centro cirúrgico 10 vezes, mas nenhuma tentativa de voltar a enxergar deu certo. No meio disso tudo, outra notícia inesperada, um dos seus rins não havia se desenvolvido e ela precisava retirá-lo para evitar infecções. *Amália não perdeu o otimismo, nem o bom humor, chegou a brincar*, dizendo que por sorte só teve problemas com órgãos duplos. Um olho e um rim funcionando dariam conta do recado. *Seguiu a vida, realizando os sonhos de se casar e de se tornar jornalista*. No ano passado, precisou retirar o olho esquerdo, depois de se

recuperar da cirurgia colocou uma prótese e *está mais feliz do que nunca*, adaptada a visão com um olho. Hoje, *Amália usa a sua história pra motivar pessoas que passaram por algo parecido*.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 07/11/17)

Amália é apresentada como uma pessoa com deficiência que superou as dificuldades, não desistiu dos sonhos, manteve o bom humor e não se abalou com a sua condição. Talvez possamos dizer que Amália fez uma autogestão e autocondução para a superação de suas dificuldades, assim como Mariana. Da mesma forma, ela também utiliza a sua história para motivar outras pessoas na mesma condição, ou seja, além de sua participação na atração, Amália já utiliza sua história para ajudar outras pessoas com deficiência. Considero que o programa usa essas reportagens iniciais justamente como uma estratégia de governo de quem está assistindo, para que já tenha um olhar específico dirigido à pessoa que está sendo apresentada e que falará logo em seguida; ao mesmo tempo em que é apresentada a sua deficiência, há um elencar de características positivas e agradáveis que constroem uma pessoa com deficiência batalhadora, com bom humor, que enfrenta a vida sem reclamar. A apresentadora não vai conversar com uma pessoa entregue ao coitadismo, mas com uma pessoa que luta com garra para adaptar-se às dificuldades da vida – um indivíduo que se constitui como sujeito que trabalha e pensa sobre si mesmo na busca da superação de suas dificuldades.

Oliveira e Weschenfelder (2017) consideram que, “ao nomear e identificar a deficiência que acompanha o sujeito, a diferença não é tensionada, mas assolada e domesticada.” (p.89). Acredito que a apresentação da pessoa com deficiência que será entrevistada assume um caráter que vai além do informacional, tranquilizando quem está assistindo, pois, antes de conhecer a convidada, já se sabe qual deficiência ela possui e quais suas características. Assim como tranquiliza o telespectador, reforça a normalidade das pessoas sem deficiência.

Outro ponto interessante da participação de Amália é que, no mesmo dia em que ela esteve no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, outra pessoa com deficiência também foi convidada – Rayane. Essa convidada não teve sua apresentação feita por uma reportagem, e sua história foi contada por ela mesma. Um fato instigante sobre essa participação é que Rayane não aceitou de imediato a amputação da perna após um acidente, nem com bom humor, autoestima elevada, etc. Ela demorou seis anos para aceitar-se. Vejo que a presença de Amália, junto de Rayane, pode ter sido uma estratégia para que a segunda convidada fosse estimulada pela primeira. Talvez a participação de Amália conduza Rayane a permanecer no

caminho da autoaceitação e a estimule a fazer uma autogestão para a superação de suas dificuldades. Foucault (1995) comenta que o governo como relação entre os sujeitos “é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre ações.” (p.243).

Rayane conta que sofreu um acidente de moto com 17 anos e que recebeu a amputação da perna como um choque e pensou que sua vida tinha acabado. Quando questionada por Fátima sobre o que a ajudou a recuperar-se, ela comenta sobre a convivência com outras pessoas com a mesma deficiência que ela.

Rayane: (...)foi bastante contato com outras pessoas com a mesma deficiência que eu. Fui aprendendo cada vez mais, passei por acompanhamento psicológico. Usei, durante um tempinho, um remédio pra poder dormir, porque eu não conseguia dormir. E, depois eu conheci o esporte, que foi o “vôlei sentada de Goiás.” (...) Foi uma questão assim: eu fui muito lenta, no processo de adaptação. (...) de aceitação eu tenho apenas 3 anos. Mas, de aceitação comigo mesma, porque eu não me aceitava. Quando eu não me aceitava, nada ao meu redor ficava bom. Tudo era horrível, vivia de mau humor, praticamente descontava minha inferioridade, que eu sentia, nas pessoas que me rodeava. Hoje não, hoje quando alguém chega próximo de mim, eu procuro alegrar, falar pra ela que hoje eu vivo bem melhor do que antes. (...) o fato de eu ter sido mãe, também, foi espetacular. E aí eu tive meu filho e o processo [de aceitação] estava correndo, assim, lentamente. Até que um dia, eu parei, olhei pro meu filho e falei: - Poxa, ele merece uma mãe bem mais elevada, assim, mentalmente. Eu não preciso ficar dentro dessa caixinha, que eu me sinto. Foi aí que eu procurei ir pra academia, procurei fazer coisas, onde ele me pudesse ver como uma mulher maravilha da vida dele e não como uma pessoa que vai depender dele futuramente, que ele vai ter a obrigação de cuidar de mim.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* -07/11/17)

O depoimento de Rayane aproxima-se das considerações feitas por Paiva (2009). Esta autora realizou um estudo com pessoas amputadas e/ou que usam próteses e comenta que, na nossa sociedade, que privilegia a eficiência e o dinamismo, “‘perder’ uma perna significa perder também a normalidade, bem como um modo de vida ativo, em que o indivíduo passa a ser visto como ocioso e ineficiente.” (p.148).

Falas como a de Rayane são difíceis de ver no programa, ao menos nesse período que acompanhei, pois não buscam conduzir outras pessoas de uma forma positiva, o que parece ser o objetivo dessas participações. Mesmo que o programa receba pessoas em processo de aceitação ou com um turbulento processo até chegar a ela, parece haver um contraponto com outra pessoa, como Amália, positiva, de bom humor, que enfrentou e superou a deficiência com rapidez.

Lopes (2009b) aponta que a “inclusão não é um mecanismo para homogeneizar ou igualar as condições de vida e de participação de todos, mas é a estratégia de colocar todos em circulação e integrando um *gradiente de inclusão*.” (p.128, grifo da autora). Entendo que os

programas analisados aqui mostram justamente isso, pessoas em diferentes condições de inclusão na sociedade, com a finalidade de instigar outras pessoas com deficiência a participarem da sociedade, cada uma dentro do gradiente de inclusão possível para ela.

Dentro da aceitação da condição de pessoa com deficiência, há uma participação que considero bastante peculiar, porque a convidada diz que estava preparada para a deficiência – algo que não é comum quando uma pessoa sofre um acidente e passa a ter uma deficiência.

Fátima: Queria mostrar agora três palavras nesse telão. Olha só: *autoconfiança, autoestima e amor próprio*. São três A's que transformaram a vida da Kareemi. A Kareemi é de Sorocaba, interior de SP, há 5 anos ela sofreu um acidente de ônibus e perdeu um braço. *Esse trauma poderia ter se prolongado durante muito tempo, mas ela teve uma recuperação que surpreendeu todo mundo, muito rápida*. E, hoje, *ela usa esses três As para transformar a vida dela e de outras pessoas*. Vamos conhecer um pouquinho da história da Kareemi.

Lair Rennó: *Apenas 11 dias, este foi o tempo que Kareemi precisou para se recuperar e aceitar a amputação*. Ela conta que, nesse período, após sair do coma, percebeu que havia perdido um braço e beijou o outro, agradecendo por ter ficado com ela. *A partir daí, foi trabalhando, ainda mais, o seu lado positivo de enxergar a vida. Aprendeu, rapidamente, a fazer as tarefas diárias, só com o braço esquerdo*. Apesar de ter uma prótese, só a usa por orientação médica, e não pela questão estética. Pouco mais de um ano após o acidente, Kareemi casou-se com Emilio e, em 2015, teve uma filha – Gaia. *Cuidar dela foi outro desafio, mas nem precisa dizer que ela conseguiu alcança-lo*. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 31/10/17)

A participação de Kareemi é curiosa porque a convidada é mostrada quase como uma heroína, alguém que utiliza palavras motivacionais para superar um acidente e aceitar a nova condição: a de pessoa com deficiência. Na sua participação, Kareemi desafiou até o especialista³⁶ convidado do programa, o Dr. Fernando Gomes Pinto, que tenta explicar que após um acidente as pessoas passam por algumas fases do luto. Porém, a convidada diz que ela não passou por isso e que ajuda muitas pessoas que passaram. Considero que a participação de Kareemi tem uma estratégia de condução das condutas, no sentido de que uma pessoa não deve abalar-se nem sofrer quando passa por um um acidente e, em decorrência dele, se torna uma pessoa com deficiência. Inclusive, a própria convidada verbaliza que, quando acontece algo assim, as pessoas têm duas escolhas. Nessa participação, percebo uma convocação para que as pessoas com deficiência façam a autogestão apontada por Menezes (2017), para que sejam produtivas, eficientes e politicamente econômicas para o Estado.

Kareemi: A gente tem duas escolhas quando algo assim acontece, né, Fátima. *Ou a gente vai entrar nessa dor e levar muito mais tempo pra conseguir olhar ela de outra forma, ressignificar e superar isso. Ou, eu tenho que ter consciência de que, eu tenho que aceitar o que aconteceu, que não dá pra*

³⁶ Entendo especialista como um profissional, em geral da área médica, que participa dos programas analisados para falar sobre a deficiência e endossar as falas da pessoa com deficiência. Problematizarei isso um pouco mais na seção 4.2.

ser mudado e meu braço não vai nascer de novo. Não ia nascer, já sabia disso. Então, eu procurei o que: Ok, eu to sem o braço, ficou o esquerdo, eu era destra, então até agora ele não trabalhou muito, mas eu tenho você, e você vai fazer tudo que eu preciso. E isso foi uma forma de focar na criatividade, em como reaprender a fazer as coisas e não entrar na lamentação e na comparação de como era mais simples fazer tudo quando eu tinha os dois. Então, eu acredito que vem, justamente, nós temos essa força dentro de nós, mas a gente está o tempo todo tão metralhado de que tudo é tão difícil, de que a vida é sofrida, de que tudo é duro demais, que a gente fica meio com o nosso padrão mental bloqueado de olhar para as coisas que aparentemente são ruins de uma forma muito mais leve, muito mais amena, que vai colaborar muito mais com a minha vida em geral, não é?
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 31/10/17)

Nas palavras de Kareemi, há uma responsabilização da pessoa com deficiência com relação à maneira como vai se autoconduzir para viver e/ou adaptar-se a essa nova condição. Sua participação é bastante emblemática e rígida quanto à forma como deve ser encarada a vida após um acidente, parecendo menosprezar aqueles que sofrem após uma adversidade como essa. Com essa participação, a sedução/sensibilização de que não se deve sofrer por nada na vida fica bastante evidente. Também se percebe a estratégia de conduzir as condutas tanto das pessoas com deficiência quanto as de pessoas sem deficiência, sendo apontadas duas opções quando ocorre algo inesperado na vida, e o melhor caminho seria aceitar sem sofrer e seguir em frente.

Ao levar Mariana, Amália, Rayane e Kareemi, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* exibiu pessoas com deficiência que participam da sociedade, buscam superar seus limites e se adaptaram às limitações impostas pela deficiência. Com isso, as convidadas participam ativamente do jogo neoliberal, cumprindo as duas grandes regras: (1) todos devem manter-se em atividade e (2) todos devem estar incluídos. (LOPES, 2009). Na segunda regra, a autora destaca três condições principais de participação: “primeiro, ser educado em direção a entrar no jogo; segundo, permanecer no jogo (permanecer incluído); terceiro, desejar permanecer no jogo.” (LOPES, 2009, p.155). Percebo que elas passaram por essas condições de participação e, ao participarem do programa e contarem suas histórias, estão, de certa forma, educando outras pessoas com deficiência para que desejem entrar no jogo, permaneçam nele e desejem estar nele. E, ao mesmo tempo, mostram os processos de subjetivação pelos quais passaram. Pois, nas suas falas, é explicitado que passaram por uma condução para negar um discurso vitimista e assumir uma postura de superação e enfrentamento das dificuldades.

4.1.1. TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E AS POSSIBILIDADES DE BORRAMENTO DE FRONTEIRAS

Dentre as duas atrações analisadas, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* apresentou uma variedade maior de assuntos abordados, tendo em vista as suas características, já expostas no Capítulo 3. No período analisado, essa atração foi palco de diversas participações de pessoas com deficiência para fazer demonstrações e explicar sobre o funcionamento de equipamentos tecnológicos que melhoravam a sua vida e/ou as ajudavam a realizar sonhos. Percebi que esses equipamentos eram apresentados para mostrar que, ao utilizá-los, a pessoa com deficiência se aproxima da normalidade. Dentre os equipamentos, há carro de fórmula 1 pilotado por ondas cerebrais, óculos que lê o livro em tempo real para a pessoa com deficiência, máquina que permite ao deficiente visual sentir um desenho, um mapa ou qualquer outra imagem, e também um aparelho para implante coclear, que permite que os surdos escutem. Essas tecnologias recebem o nome de assistivas e são:

fruto de avanços tecnológicos em áreas já estabelecidas. É uma disciplina de domínio de profissionais de várias áreas do conhecimento, que interagem para restaurar a função humana. Tecnologia Assistiva diz respeito à pesquisa, fabricação, uso de equipamentos, recursos ou estratégias utilizadas para potencializar as habilidades funcionais das pessoas com deficiência. A aplicação de Tecnologia Assistiva abrange todas as ordens do desempenho humano, desde as tarefas básicas de autocuidado até o desempenho de atividades profissionais. (BRASIL, 2009, p. 11).

Na Lei Brasileira de Inclusão (LBI), as tecnologias assistivas também estão previstas e são caracterizadas no artigo 3º, inciso III, como produtos, “equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência (...), visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.” (BRASIL, 2015). Ressalto que a forma mostrada no programa se aproxima da visão apresentada na lei, pois são utilizadas para evidenciar como a pessoa com deficiência pode superar suas dificuldades com o uso dessas tecnologias.

Paiva (2009) comenta que, “na atualidade, o corpo ‘natural’ deixa de ser assumido como um destino, como algo imutável. A tecnologia, uma invenção humana, surge como algo que rompe com a ideia de predestinação, possibilitando a cada um fazer escolha ou reescrever seu próprio caminho” (p.160). A partir de agora, vou explorar as reportagens sobre

tecnologias assistivas que permitem que as pessoas com deficiência rompam com a ideia de predestinação, possibilitando-lhes escrever um novo caminho.

A participação de Rodrigo Mendes está dentre as que abordam tecnologias para ajudar no dia a dia e/ou para realizar sonhos de pessoas com deficiência. Ele gravou um vídeo para uma campanha de conscientização da Rede Globo, intitulada “Tudo começa pelo respeito”. Nessa participação, ele pilota um carro de fórmula 1 por meio de ondas cerebrais; o veículo foi desenvolvido para essa campanha, pois Rodrigo é tetraplégico. Ao contar sua experiência de pilotar um carro com a força da mente após 27 anos sem guiar, ele comenta qual a maior dificuldade a superar em relação à deficiência:

Rodrigo: Sabe que as pessoas ainda têm um olhar muito focado naquilo que é impedimento, naquilo que a pessoa não pode fazer e, no fundo, *a gente tem discutido muito a importância de a gente olhar para aquilo que a pessoa tem de competência, para aquilo que ela tem de potencial, e também observar o que está ao redor da pessoa, que são as barreiras. Então, tem um papel coletivo, de todo mundo, de buscar reduzir esses obstáculos, que estão na arquitetura, estão nos meios de comunicação.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/06/17)

Nas palavras do convidado, podemos notar que ele faz uma convocação às pessoas sem deficiência para que mudem o olhar com relação à pessoa com deficiência, para que façam uma autocondução no sentido de perceber as competências da pessoa com deficiência, ao invés de suas dificuldades e falhas. Isso pode ser observado nas frases que grifei na fala de Rodrigo. Noto que ele coloca a responsabilidade pela superação da deficiência muito mais em aspectos atitudinais das pessoas sem deficiência do que em uma própria mudança na sua vida ou qualquer objeto tecnológico. Com isso, ele tenta sensibilizar os telespectadores para que rompam com essas barreiras atitudinais e promovam uma inserção efetiva das pessoas com deficiência na sociedade, colocando em funcionamento uma estratégia de governo mediante essa tentativa de sensibilização ou, em outras palavras, subjetivação.

Rodrigo está no programa para apresentar o carro de fórmula 1, junto com um dos desenvolvedores do capacete que comanda o carro. Eles comentam de que forma isso pode ajudar as pessoas com deficiência em tarefas da vida diária, quando questionados pela apresentadora sobre para onde essa “invenção” pode evoluir.

Luis: Existem muitas linhas de pesquisa que levam pra acessibilidade né, que *tentam minimizar essa distância que talvez a deficiência coloque*, mas ela traz para ir mais perto. Então, hoje a gente já vê esse capacete, por exemplo, já existem iniciativas para controlar uma cadeira de rodas.

Rodrigo: Ou até *funcionalidades da casa*. Estava conversando com uma médica, a gente pode pensar numa prótese de braço, por exemplo. (...) Claro, a gente pode pensar em várias possibilidades dentro de uma casa, né, você comandar os eletrodomésticos, os equipamentos, *ter autonomia*.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/06/17)

Eles apresentam a tecnologia como uma saída para que as pessoas com deficiência possam ter mais autonomia, demonstrando para as pessoas sem deficiência que aquelas podem chegar próximo da curva de normalidade e realizar ações comuns, como as tarefas domésticas. Ao mostrar-se isso, há uma tentativa clara de sensibilizar os telespectadores para que enxerguem muito além das limitações que uma deficiência impõe e pensem nas potencialidades e no que pode ser desenvolvido para que as pessoas com deficiência adquiram mais autonomia.

O programa mostrou também que as tecnologias podem proporcionar um melhor entendimento de imagens para pessoas com deficiência visual ou até mesmo ajudar um pai cego a conhecer o desenho de sua filha. Foi o que aconteceu na participação de Wander, introduzida pela apresentadora Ana Furtado assim: “a tecnologia vira uma grande aliada nessa hora, oferecendo recursos que facilitam e muito a vida de todos eles [as pessoas com deficiência]. Graças a uma delas, Wander, hoje, vai poder conhecer como a filha enxerga você.”. Wander pôde conhecer o desenho de sua filha mediante uma máquina fusora que transforma desenhos feitos em papel especial próprio para a máquina. O responsável pela máquina, Vagner Bispo, explicou como funciona:

Vagner: Então aqui é um desenho que a filha dele fez. Primeiramente, é um desenho que ela fez a mão, não está acessível para ele. (...) Eu vou colocar o desenho de um lado da máquina, ela puxa automaticamente, tem um sensor para que o cego não prenda a mão. *Então, ele mesmo, pode usar com autonomia. A grande palavra é essa autonomia*. E quanto o papel sai do outro lado, ela sai com o resultado em relevo. Ela transforma esse conteúdo em conteúdo acessível.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 18/07/17)

Novamente, a palavra de ordem das tecnologias apresentadas no programa é promover a autonomia da pessoa com deficiência e, dessa forma, mostrar tanto às pessoas com deficiência quanto às pessoas sem deficiência que é possível ter uma vida próxima da normalidade, com autonomia, ao utilizarem uma máquina. Vejo que essas tecnologias colaboram para que as pessoas com deficiência circulem na sociedade, sendo alvo de uma inclusão como estratégia de governo, o que Lockmann (2016) nomeou de inclusão por circulação. Para essa autora, o imperativo contemporâneo não é simplesmente a inclusão, mas a inclusão por circulação. Ela comenta que as práticas de inclusão por circulação exigem

novas estratégias de condução das condutas dos sujeitos para que eles circulem no espaço aberto da cidade.

Inspirada por Lockmann, acredito que mostrar como essas tecnologias assistivas funcionam e a forma como colaboram para a funcionalidade da pessoa com deficiência tem como foco a pessoa sem deficiência. Por meio de estratégias de sensibilização e de condução das condutas, mostra-se que, com a ajuda de uma máquina, as pessoas podem ter autonomia e desempenhar diferentes funções, para as quais antes talvez fossem consideradas incapazes.

Noto essa sensibilização nessas participações também no sentido de incentivar que os sujeitos ajudem as pessoas com deficiência a ter acesso às tecnologias, pois são equipamentos com alto custo. O programa *Encontro com Fátima Bernardes* é utilizado para mostrar os altos custos e tentar sensibilizar/seduzir para que os governantes e empresários possam fazer esse investimento, como noto na reportagem a seguir.

No mesmo dia da participação de Wander, comentada acima, participa do programa a jornalista Natália Santos, que também é cega, e ela experimenta a máquina de desenhos em alto relevo. Natália destaca que esse tipo de tecnologia é importante para traduzir imagens, como o mapa do Brasil, para criar referências.

Natália: Criar as referências. Pra você ter noção, eu só fui ver o mapa do Brasil, quando eu era já bem grandinha. Quando eu tinha mais ou menos uns 13, 14 anos. (...) É incrível, a leitura é perfeita assim. Se você fechar o olho, você consegue entender direitinho, o formato, onde está cada coisa. E tem deficiente visual, por exemplo, que não é alfabetizado no braile, inicialmente, então esse desenho que é um alto relevo. Ele faz com a gente, enxergue o mapa do Brasil como você Lair [um dos apresentadores], vê.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 18/07/17)

Natália, com essa fala, coloca-se em igualdade com Lair, ou seja, ela diz, com outras palavras, que, por meio da tecnologia apresentada, ela fica perto da normalidade para conhecer o mapa do Brasil, por exemplo. Ao destacar que se trata de uma tecnologia diferente do Braile, ela mostra que, para quem não o aprendeu, também há uma oportunidade de visualizar, de forma diferente, mas próxima da normalidade. Nesse momento, entendo que Natália busca conduzir os telespectadores e convidados, mostrando que mesmo o cego que não teve contato com o sistema Braile pode obter conhecimento de outras formas. Reforça-se, assim, a capacidade das pessoas com deficiência e sensibiliza quaisquer pessoas para esse entendimento.

Vagner também demonstra no programa um equipamento digitalizador que faz leitura e ampliação de textos e é portátil. Esse equipamento reconhece o texto. Ao ser encostado nele,

digitaliza, transforma em áudio e braile. Vagner destaca que os equipamentos são importados e têm alto custo, mas que uma ONG está no programa para incentivar que os órgãos federais, estaduais e municipais possam adquirir equipamentos como esses para oferecer para a população. Com essa exposição, há uma tentativa de condução dos telespectadores para que cobrem dos governantes e/ou empresários que invistam nesses equipamentos para facilitar o dia a dia da pessoa com deficiência, aproximando-a da curva de normalidade. Lockmann (2016) aponta que a inclusão por circulação tem como foco acentuado as pessoas consideradas normais.

Em outra participação, é mostrada uma tecnologia diferente dessas apresentadas, que normalizam a pessoa com deficiência visual. Trata-se de óculos especiais, levados ao programa por Marina. Na sua reportagem, é explicado sobre os óculos:

Lair: *Marina viaja, dança, rema, mergulha, faz acrobacias. A leitura também é uma grande paixão. Marina foi alfabetizada em braile aos 6 anos, terminou o ensino médio em escola pública regular, com a ajuda do material em braile. Na faculdade, ela precisou do auxílio dos pais para se formar em nutrição. Eles liam e gravavam o conteúdo das matérias que não tinham versão para cegos. E, assim, Marina foi encontrando alternativas para estudar. Há 7 anos, foi aprovada para um concurso público do tribunal de justiça de São Paulo. Este ano, Marina participou de um projeto que incentiva a leitura, entre cegos. Ela usou óculos especiais que transformaram texto em áudio e permitem que, mesmo quem não enxerga, possa ler um livro comum. E, pela primeira vez, Marina foi a uma livraria comprar um livro para ela. E não para dar de presente.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/02/18)

Na apresentação de Marina, podemos perceber um elencar de atividades para mostrar suas capacidades, mas quero focar no final da apresentação, que conta dos óculos que transformam texto em áudio, pois isso permitiu que Marina fosse a uma livraria comprar um livro comum. Os óculos permitiram que Marina consumisse um produto ao qual, até então, as pessoas com deficiência não tinham acesso. Essa oportunidade colocou Marina, por alguns instantes, em igualdade com as pessoas sem deficiência. Marina não precisou esperar que um lançamento fosse traduzido para o braile; ela pôde adquirir o seu exemplar juntamente com as pessoas sem deficiência. Ela explicou no programa que existem livros em braile, digitais e *audiobooks*, mas que ela não podia ir à livraria folhear os livros, verificar os títulos, escolher o que ela quer, mas, com os óculos, tudo isso foi possível.

Marina: (...) Dessa vez, foi a primeira vez que eu comprei um livro, numa livraria em tinta para ler, na mesma hora, porque também existem tecnologias que você escaneia o livro, enfim, consegue ler. Mas, o legal, *de qualquer pessoa, é você comprar o produto e sair utilizando o produto.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/02/18)

Marina sentiu-se bem em fazer o que “qualquer pessoa” faz, pois naquele momento se sentiu incluída em um grau maior na sociedade. Por meio da tecnologia dos óculos, ela pode consumir um produto no mesmo ambiente e ao mesmo tempo que as pessoas sem deficiência. Embora seja destacado, durante sua participação, que o custo dos óculos é de 15 mil reais e que eles foram cedidos a Marina por uma associação, que comprou os óculos para que os alunos pudessem ter essa experiência, novamente a tecnologia é trazida para mostrar que, com o uso dela, a pessoa com deficiência pode estar próxima da curva de normalidade. Além disso, a reportagem sensibiliza e seduz os telespectadores que tenham condições para comprar os óculos para que outros deficientes visuais possam experimentar, possam sentir o que Marina sentiu, possam fazer parte, efetivamente, do mercado consumidor de livros.

Outra tecnologia abordada no programa por meio de três participações é o implante coclear, um procedimento oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Esse dado é enfatizado nas três participações; inclusive, é dito em uma delas que era importante que a pessoa que fez o implante estivesse no programa para mostrar que outras pessoas podem fazer esse procedimento. Porém, dentre as três participações, duas são para comentar que a manutenção do aparelho que deve ser utilizado pelo surdo não é paga pelo SUS e tem um alto custo; por isso, quando ele estraga, as pessoas que fizeram o procedimento ficam sem escutar novamente.

Pontin (2014) escreveu a dissertação intitulada “Discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade”, na qual ela analisou o manual de perguntas e respostas sobre o implante coclear (IC) distribuído pelo SUS, além da nota técnica da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC) e relatórios do SUS. Neles, a autora percebeu que é admitido que a cirurgia de implante coclear não garante o retorno da audição, mas é grifado, segundo ela, que 80% das sentenças poderão ser ouvidas pelo sujeito surdo implantado. Ainda, ela comenta que constatou no discurso do manual de perguntas e respostas que há enunciados defendendo que a cirurgia proporciona que os surdos possam participar do jogo neoliberal.

Enunciados como: “sem necessidade de ler os lábios”, “comunicação mais efetiva durante um jantar”, “viajando de carro com sua família” e “ao pedirem a comida no restaurante”, “restabelecido a sua capacidade e escutar e desfrutar música”, “a qualidade de suas vidas melhorou”, tentam mostrar que as características de vida ideal, próspera, feliz, como ocorre em comerciais. Então, ali mostra claramente os discursos biopolíticos em uma lógica neoliberal, pois mostra que o IC dá o poder de compra, o benefício de consumir, de estar no meio social, de ir mais longe. (PONTIN, 2014, p. 52).

Nesse sentido, entendo que não só o implante coclear, mas as demais tecnologias mostradas aqui por meio das reportagens do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, têm a função apontada pela autora. Elas possibilitam que as pessoas com deficiência tenham suas dificuldades minimizadas e, com isso, acessem uma quantidade maior de produtos e serviços aos quais talvez não tivessem acesso sem essa ajuda.

A primeira participação para falar de implante coclear foi de Lak Lobato, que é apresentada assim:

André: Lak Lobato tem 40 anos e, ainda hoje, se encanta com o barulho da chuva, do café sendo colocado na xícara, da água fervendo. *Sons simples do cotidiano tem um valor especial para a escritora, que perdeu a audição da noite pro dia em consequência de uma caxumba.* Lak tinha 9 anos, passou por 20 médicos até receber o diagnóstico de surdez profunda. Teve que se ausentar da escola por um ano para cuidar e se adaptar à nova realidade. *Apesar da habilidade de leitura labial, sofreu com a falta de conhecimento dos professores em lidar com alunos surdos oralizados.* Só depois de adulta, há 8 anos, Lak fez um implante coclear e recuperou a audição. Pela primeira vez, ouviu a voz do marido e a própria voz, já madura. Agora, Lak se dedica a projetos voltados a quem tem deficiência auditiva. Ajuda crianças, que enfrentam, diariamente, o silêncio, que ela mesmo enfrentou. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 01/02/18)

Como de praxe no programa, é apresentada a causa da deficiência adquirida, a forma como a pessoa se adaptou à nova condição e os prazeres que redescobriu ao voltar a escutar. Também se fala sobre a educação escolar de Lak, assunto que é comentado algumas vezes durante o programa e que explorarei na seção 2 deste capítulo. Em sua participação, Lak conta como foram os primeiros momentos ao não escutar mais, as dificuldades e a experiência de ter feito o implante e ter voltado a escutar. Porém, penso que o ponto alto de sua participação é que ela diz que é preciso esclarecer algumas questões sobre o implante:

Lak: Porque a gente tem que esclarecer que o implante, ele é acessível, ele tá no SUS, ele é pago pelos planos de saúde. Muitas pessoas não sabem.
[...]
Olha, a gente tem uma estimativa que no Brasil nós temos 3 milhões de pessoas com deficiência auditiva profunda, destes 3 milhões, 10%, 300mil pessoas poderiam fazer o implante.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 01/02/18)

A participação de Lak parece ser dirigida para essas 300 mil pessoas com deficiência que poderiam fazer o implante, pois ela conta de forma muito positiva sua experiência, a fim de influenciar os seus semelhantes. É interessante perceber que Lak é uma surda oralizada; ela não faz uso da língua brasileira de sinais (LIBRAS) e, durante sua participação, não faz nenhuma menção a ela. Ela se mostra como normal, mas é importante mencionar, como vou

demonstrar pelas próximas participações, que essa normalidade está condicionada à situação financeira para arcar com o custo da manutenção do aparelho, pois, sem ele, o surdo implantado volta a não escutar, o que não é mencionado por Lak. Por isso, entendo que a participação de Lak tem o objetivo de estimular os 300 mil surdos que podem fazer o implante e conduzir suas condutas para isso, além de mostrar para as pessoas com deficiência que os surdos podem voltar à normalidade. Essa condução é feita ao usarem-se dados estatísticos sobre a percentagem de surdos que podem “voltar” a escutar e ao mencionar-se que a cirurgia é paga pelo SUS, portanto, não tem custo para pessoa com deficiência.

Em outro programa, Fátima comenta sobre o vídeo de Luis Gustavo, um menino de 8 anos, que viralizou na internet após ouvir de novo. A apresentadora explica que Luis fez o implante coclear, e o aparelho deu problema; como já citei, a manutenção é muito cara, e a família não pôde fazer. Por isso, o menino ficou 15 dias sem ouvir nada. Após a família fazer uma rifa para arcar com os custos da manutenção, ele voltou a usar o aparelho, e sua reação foi gravada e publicada na internet. Ao falar sobre Luis Gustavo, Fátima novamente enfatiza que é uma pena que o SUS não pague a manutenção do aparelho.

No mesmo programa, Fátima recebe Jhonny, que é um professor de dança surdo que também fez o implante coclear, mas no momento não usa o aparelho por não ter condições para pagar a sua manutenção. Nessa participação, Jhonny explica como faz suas coreografias e conta como se comunica com as pessoas:

Jhonny: Eu não estou participando de nada que vocês falam aí [se referindo aos convidados sentados no sofá], eu não consegui entender nem 30% do que ele disse [se referindo ao Dr. Fernando Gomes Pinto, que explicou sobre o implante coclear]. Eu estou focado nela [Fátima], só consigo conversar com ela. Um grupo de pessoas, não. Se alguém me chamar na plateia, eu vou até escutar, mas eu não vou entender que a pessoa está me chamando.

Fátima: E o que você ouve com a ajuda do aparelho?

Jhonny: Um som metalizado, não é um som, tanto que eu vou até comentar em relação a música. A sua voz, tem um tom de voz parecido com o dela, parecido com todas as pessoas aqui. Eu não consigo diferenciar um som de uma música (...) Pra fazer minhas aulas, por exemplo, eu demoro muito também. Mas, eu quero fazer isso, eu vou ler a música todo dia, vou tentar acompanhar até fechar. Mas, tons de voz eu não consigo diferenciar.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 27/03/18)

Mesmo Jhonny falando sobre o implante, sua participação é, mais uma vez, um incentivo, uma tentativa de sensibilização de outras pessoas com deficiência para que superem os obstáculos impostos pela deficiência e se tornem ativas na sociedade, conduzindo-se para isso. Ele também explica sobre o que escuta quando está usando o aparelho, ou seja, ainda que pareça que há uma cura da surdez ao fazer o implante coclear, isso não ocorre. O aparelho é

uma tecnologia que ajuda o surdo a escutar, assim como os óculos especiais para deficientes visuais, mostrados por Marina. Na participação de Jhonny, há uma tentativa de sensibilização e condução da conduta dos governantes para que a manutenção do aparelho seja paga pelo SUS, mostrando as dificuldades que Jhonny e Luis Gustavo passam e passaram sem poder arcar com os custos. Por isso, talvez a participação de Jhonny e o vídeo de Luis Gustavo tenham a intenção de mostrar que não basta pagar a cirurgia – é necessária também a manutenção, pois, sem ela, o aparelho se torna inútil.

Conforme apresentado nos trechos do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, as tecnologias assistivas permitem que a pessoa com deficiência tenha suas dificuldades minimizadas e, com isso, possam participar ativamente da vida em sociedade. Ferreira et al. (2017) fizeram uma pesquisa a respeito da qualidade de vida das pessoas com deficiência em relação às tecnologias assistivas e constaram que estas promovem a autonomia e independência, o que “gera efeitos positivos individuais e sociais, fazendo com que pessoas com deficiência passem de seres incapazes a indivíduos aptos a desempenharem as mesmas atividades que as pessoas sem deficiência” (FERREIRA et al., p.61, 2017). Nesse sentido, entendo que os excertos que trouxe da atração estudada também modificam a visão das capacidades das pessoas com deficiência, que, por meio de tecnologias assistivas, passam a possuir habilidades e capacidades semelhantes às das pessoas sem deficiência.

Ainda, quero frisar que compreendo que as tecnologias assistivas, como foram apresentadas na atração analisada e reproduzidas aqui, normalizam as pessoas com deficiência, mostrando-se que, com o uso de pequenos aparelhos, essas pessoas podem ter mais autonomia e desempenhar atividades comuns a todos. Desse modo, também podem fazer parte do jogo neoliberal, como apontou Pontin (2014) no caso do implante coclear, o que se estende também para os outros exemplos trazidos aqui. Ao fim e ao cabo, com as funcionalidades proporcionadas pelas tecnologias assistivas, as pessoas com deficiência podem circular pelo espaço urbano (LOCKMANN, 2016), participando do jogo neoliberal, estando incluídas em diferentes gradientes na sociedade e consumindo bens e serviços.

Considero que as tecnologias assistivas podem ser vistas como técnicas de governo, pois auxiliam na condução das condutas. Dutra (2018) percebe que o governo pressupõe dois aspectos que devem ser levados em conta: “o objetivo que se pretende atingir através dessa ação e as estratégias desenvolvidas para se alcançar esse objetivo.” (p.29). Inspirada nessa autora, talvez seja possível dizer que o objetivo que se pretende atingir ao exibirem-se essas tecnologias assistivas é mostrar a capacidade das pessoas com deficiência de fazerem parte da sociedade, nela sendo integrantes ativos e

participativos – e entendo que a estratégia para tal seja o uso das próprias tecnologias assistivas.

4.1.2. O ESPORTE E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS E SUPERADAS

A superação de limites impostos por uma deficiência adquirida ou não está em voga tanto no programa *Encontro com Fátima Bernardes* quanto no *Esporte Espetacular*. Por meio de diferentes reportagens, abordando diferentes práticas esportivas, as duas atrações dão destaque para a superação dos limites corporais mediante a prática de um esporte pelas pessoas com deficiência. Evidentemente, essa pauta é mais frequente no programa *Esporte Espetacular* por este ser um programa específico, porém, isso não quer dizer que também não seja abordada na outra atração analisada, como mostrarei a seguir.

Nas reportagens, o esporte torna-se um aliado para que a pessoa com deficiência enfrente as suas dificuldades e supere os limites que elas lhe impõem. Essa prática pode ser oficial, como o esporte paralímpico, ou apenas como lazer e reabilitação. É necessário lembrar que a superação de limites é inerente ao esporte de alto rendimento, pois os atletas em competições buscam superar seus limites corporais e bater seus próprios recordes ou os de outros atletas. No entanto, quando se trata de atletas com deficiência, Machado (2011) comenta que o conceito de superação é diferente:

o conceito de superação é diferente do que significa para um atleta olímpico, que é narrado como aquele que supera seus limites de ser humano e se torna perfeito ou superior. Nas Paraolimpíadas, o que é recorrente é que os atletas estão em um lugar que até então parecia estar vedado para eles. Talvez esse seja um dos motivos que fazem com que as Paraolimpíadas estejam no jogo, mas em um lugar desvalorizado, um lugar de outro, um lugar de anormalidade. (MACHADO, 2011, p.131)

Mesmo que a autora fale especificamente sobre atletas paralímpicos e que as reportagens que discutirei englobem todas as pessoas com deficiência que praticam uma atividade esportiva, a sua observação se adéqua também a este trabalho. As pessoas com deficiência, ao acessarem uma prática esportiva e, por meio dela, vencerem as dificuldades impostas pela deficiência, ressignificam o conceito de superação, que se torna semelhante ao que Machado (2011) aponta. No *Esporte Espetacular*, como mencionei no capítulo anterior, há um quadro chamado “Superação”, em que são apresentadas reportagens com atletas sem deficiência e atletas com deficiência, as quais vou explorar aqui.

Antes disso, quero dar destaque ao quadro “Sobre Rodas”, pois ele é apresentado e vivido pelo ex-atleta paralímpico Fernando Fernandes, que experimenta diferentes esportes com adaptações feitas exclusivamente para ele, quer dizer, são esportes que não têm sua adaptação para o esporte paralímpico, mas o programa proporciona essa experiência a Fernando. Nessas exhibições, ele vivencia o esporte com todas as suas dificuldades técnicas, utilizando apenas o meio de praticar adaptado à sua condição de cadeirante. A superação está implícita nas falas de Fernando com relação ao seu quadro no programa:

Fernando: Sobre rodas, hoje, é sobre a água e sobre a prancha. *Apresento a vocês o primeiro wakeboard adaptado do Brasil.* Cara, eu tenho sempre vontade de conhecer novos esportes, eu sempre fico olhando com vontade de fazer as coisas que eu tentava ou fazia antes e o wakeboard era algo que tava na minha lista ali pra algum momento, ele vai se tornar realidade. A gente pegou e criou exatamente isso aqui. O que é? Uma cadeirinha, com a medida da perna muito mais comprida, já que eu tenho 1,90m. *Dia de experimentar o wakeboard adaptado, aqui no sobre rodas é um desafio atrás do outro.*

(Programa *Esporte Espetacular* – 28/01/18)

Fernando: (...) A gente consegue ver uma camada seca do lado de fora, só que ali dentro a gente consegue ver o rio correndo. A larva correndo ainda quente. Então, a qualquer momento isso aqui pode estourar e a gente tem que sair correndo. *Pernas para que te quero, né, não tem perna, a gente vai na roda mesmo. Esse é o sobre rodas direto do vulcão.* (...)

Mas o nosso desafio ainda não está completo. *E sobre rodas a gente vai até o limite.* Hora de colocar os braços pra trabalhar, eu e o meu amigo – Amendoim, vamos tentar fazer o que ninguém nunca fez.

(Programa *Esporte Espetacular* – 05/08/18)

Nas falas de Fernando, observa-se a autocondução para superar os limites – mesmo estando em uma cadeira de rodas, ele vai até o limite. O quadro dele na atração, pelo *slogan* que ele repete, é pautado em ir até o limite. Muito mais do que isso, trata de mostrar para os telespectadores com ou sem deficiência que todos são capazes, que quem está em casa sentado, “sobre rodas” ou não, também pode superar seus limites, assim como Fernando demonstra a cada aparição na atração. Percebo uma ideia sutil de mostrar que, sobre rodas, se pode realizar qualquer atividade, bastando adaptar; como ele diz: “não tem perna, a gente vai na roda mesmo”.

Seron, Arruda e Greguol (2015) realizaram uma pesquisa com pessoas com deficiência motora em Londrina (PR) sobre as barreiras e facilitadores percebidos para a prática de atividade física. Na investigação, os autores constataram que os facilitadores estão relacionados a fatores sociais, como simpatia e conhecimento do profissional e apoio dos familiares e amigos. Por outro lado, as barreiras são as limitações físicas e a falta de programas específicos. Assim, entendo que o quadro “Sobre Rodas” pode trabalhar no combate às barreiras percebidas pelos autores, pois mostra Fernando praticando diversos

esportes com pequenas adaptações, o que pode incentivar professores de Educação Física a oferecerem essas atividades em academias, clubes e demais espaços para a prática esportiva e/ou de uma atividade física.

Considero que as estratégias de sensibilização e condução das condutas dos telespectadores do quadro “Sobre Rodas” não são tão verbalizadas, mas têm um foco em mostrar Fernando Fernandes, no caso, a pessoa com deficiência, praticando a modalidade esportiva e superando-se. Por isso, acredito que há um foco maior nos vídeos do ex-atleta aprendendo e praticando do que em palavras, como em outros quadros e atrações. Nesse sentido, entendo que a sensibilização é feita por meio de sedução para que o telespectador com deficiência se sinta atraído a praticar aquele esporte e para que, ao mesmo tempo, as pessoas sem deficiência percebam Fernando quebrando barreiras e o vejam como um sujeito capaz de realizar esportes comuns a todas as pessoas.

Com outra abordagem, o quadro “Superação” mostra pessoas não públicas superando as suas limitações, mas sem ir tanto ao limite como no caso de Fernando. Dentro do recorte temporal desta pesquisa, há duas reportagens desse quadro. Uma delas refere-se a um jovem que, com o ciclismo, enfrenta uma doença neurológica que causa paralisia; a outra é de crianças com deficiência física que frequentam a Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e lá praticam nado sincronizado adaptado, tendo ganhado medalhas internacionais. Assim como nas entrevistas do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, nesse quadro, antes das entrevistas com os praticantes dos esportes, é mostrada uma reportagem contando sobre a história de sua deficiência, com a peculiaridade de que são intercaladas as falas da pessoa com deficiência, dos seus pais e do médico e a narração do repórter.

Carlos Alberto: Da noite pro dia, fui perdendo as forças nas pernas, comecei a caminhar ruim, a cair, cair muito, que as pernas faltava força.

Repórter: Esse é o Carlos Alberto, *hoje ele sabe que já é um campeão*. Aos 22 anos, *ele consegue chegar pra nossa entrevista caminhando, sem a ajuda de ninguém, algo que surpreendeu os médicos*.

Médico: Existia sempre um receio de quanto isso ia piorar e se ele iria pra cadeira de rodas. Se ele iria ficar restrito, iria ficar dependente.

Carlos Alberto: Poxa, vou poder ficar de cadeira de rodas, me batia aquela tristeza, mas eu nunca fui aquele menino de me deixar abater por qualquer coisa.

Repórter: *Aos 7 anos, Carlos tem um princípio de paralisia na 2ª vertebra da coluna, uma doença neurológica chamada de paraparesia espástica*. Os músculos da perna começaram a atrofiar.

Mãe: Eu sai de lá, abalada. Saí de Brasília até aqui sem falar um a, em choque. Aí ele pegou, chegou em mim e falou: *Mãe, não fica triste. Eu sei, eu não vou ficar numa cadeira de rodas*. (...)

Repórter: *Só existia um caminho para superar o preconceito e as limitações, o esporte*.

Médico: O Carlos seguiu e ele se superou, porque ele queria fazer mais atividades do que aquele potencial que, em tese, ele poderia.

Repórter: Dali em diante, a cadeira de rodas foi descartada. E ele passou a usar as rodas da bicicleta.

Carlos Alberto: *Quando eu tô em cima de uma bicicleta, na realidade, eu me sinto normal, como gente que não tem problema algum.*

Repórter: (...) o Carlos poderia pensar em pedalar só no asfalto, mas ele criou um desafio um pouco maior para poder fortalecer mais as pernas. O treinamento dele começa, verdadeiramente, agora. É hora de deixar essa zona de conforto e subir a serra, vamos lá. Você tira força de onde? O que te motiva?

Carlos Alberto: *Do passado, eu poderia ter ficado numa cadeira de rodas, então, hoje, já que eu tenho a oportunidade de caminhar, fazer força, não é?*

Repórter: *Quem diria, o Carlos, hoje, compete de igual para igual com atletas sem nenhuma deficiência.*

(Programa *Esporte Espetacular* – 15/10/17)

Na forma como a história de Carlos Alberto é contada, encontro alguns aspectos em comum com as outras reportagens, que vou reforçar aqui. Carlos é uma pessoa com deficiência que não se deixou abalar pela nova condição, lutou para superar-se e acreditava na sua recuperação ou na diminuição de sua limitação. Com essa recorrência, há um reforço de que o telespectador com deficiência “só” precisa ter força de vontade para aceitar sua condição e buscar melhorar dentro de suas possibilidades – e há uma condução muito forte nesse sentido aqui. Um aspecto novo dessa reportagem é o do esporte como um meio de aproximar a pessoa com deficiência da normalidade. Carlos sente-se uma pessoa sem deficiência quando está na bicicleta, e o repórter ressalta que ele compete de igual para igual com outros atletas sem deficiência. Não tenho a intenção de destacar uma razão para que isso ocorra, mas penso que essa sensação que a prática esportiva proporciona se deve a que, ao praticá-la, embora tenha outros adversários, a sua maior “luta” é vencer seus próprios limites. Quando isso ocorre, a sensação de normalidade da pessoa com deficiência talvez se expanda por meio desses reforços positivos em relação à sua capacidade oferecida por essa prática.

A segunda reportagem do quadro “Superação” já é introduzida pela apresentadora Fernanda Gentil como uma transformação por meio do esporte, em que “o nado sincronizado adaptado fez com que um grupo de crianças mandasse todas as dificuldades por água abaixo”. É exibida uma reportagem com as crianças e seus pais falando sobre suas deficiências, intercalando-se com comentários do repórter.

(...)

Manoela: Faço capoeira, natação e nado sincronizado.

Repórter: Ela tem 13 anos, nasceu com má formação na coluna vertebral.

Pai de Manoela: Ela passou por 29 cirurgias. *E a gente sempre procurando buscar um lugar pra ela, sempre ouvia um não. Ah não, ela não vai conseguir. Ah não, ela não vai conseguir. Tanto que quando encontramos o anjo da tia Edna aí.*

Repórter: Tia Edna, da AACD, criou uma equipe de nado sincronizado adaptado. Algo que tá bem no começo, mesmo assim, é impressionante o que essa turminha é capaz de fazer.

Edna: A água desenvolve muito a capacidade do mundo, devolve isso pra gente. Coisa que a gente não tem aqui no solo, na água a gente consegue. Fácil não foi não, mas eu acreditava muito, tanto eu acreditava em mim como eu acreditava no potencial de cada uma.

Repórter: Movimentos são copiados e adaptados do nado sincronizado convencional. Duas delas [das praticantes] não têm os movimentos das pernas, usam os braços como apoio, mas na água é como se não houvesse deficiência.

Mileni: *Na água, eu me sinto bem mais leve do que na cadeira, porque na cadeira eu fico o dia inteiro, praticamente.*

Repórter: Mudou a vida da Catarina, que teve paralisia cerebral ao nascer.

Catarina: Estar na água, para mim, é muito livre, para mim, é muito legal e é muito emocionante porque eu estou ali, eu sei que eu estou ali para treinar, (...) *eu estou ali também para ser feliz.*

Repórter: Felicidade, está aí o principal benefício desse esporte, estendido diretamente aos pais.

(...) E elas nem imaginavam onde iriam parar com esse tal de nado sincronizado. Foram longe, hein, do outro lado do mundo. *Para encarar e surpreender as adversárias e o público no Japão.* Medalha de ouro por equipe em Kyoto. Na disputa, estavam os países, assim como o Brasil, pioneiros na modalidade – Austrália, Estados Unidos, Canadá, Japão e México. (...)

Não dá para duvidar dessa turminha, força de vontade é o forte delas. Quem sabe vem mais uma medalha, acompanhada dos sorrisos, o maior prêmio que esse nado sincronizado oferece.

(Programa *Esporte Espetacular* – 17/12/17)

Como Carlos Alberto, as meninas praticantes do nado sincronizado sentem-se livres ao praticarem o esporte, mas de uma forma diferente dele, pois elas são cadeirantes, então, a água possibilita que elas percebam menos suas limitações, como comentou a professora. Essa professora talvez seja a figura central da reportagem, pois tudo só foi possível porque ela acreditou, porque ela lutou pelas alunas. Ao exaltar-se a função de tia Edna, fica uma condução de que os professores de Educação Física, nesse caso, devem acreditar nos seus alunos com deficiência e ajudá-los a superar suas limitações. Essa condução é feita mostrando-se toda a luta da professora ao lado das alunas para que elas possam praticar e concorrer com sua prática em vários lugares do mundo. Talvez eu possa dizer que a professora Edna é exibida com um bom exemplo a ser seguido por outros professores, e com isso é feita a sensibilização e condução dos telespectadores, em especial dos professores, para que acreditem e invistam nos seus alunos.

A prática de um esporte ou de uma atividade física também mexe com a autoestima das pessoas com deficiência, pois tira o foco da limitação e o coloca na capacidade. Mostrar isso na televisão pode conduzir outras pessoas com deficiência a buscarem essas práticas e/ou outros professores a investirem nelas. No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, também houve momentos que falaram sobre essas práticas e da superação da pessoa com deficiência por meio delas. Foi o caso quando a apresentadora Fátima Bernardes recebeu o grupo “corpo em movimento” e o apresentou, comentando que eles desafiam os limites do corpo.

Camila (coreógrafa): (...) a gente começou o trabalho em 1999, lá na ANDEF, Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos, e a gente diz, que a gente é mais do que um grupo de dança, a gente é um grupo de luta, um grupo que quebra barreiras e paradigmas através da arte, que é uma forma mais plástica, mais leve, de superar os limites e resgatar a autoestima.

(...)

Henrique (dançarino): (...) eu me sinto feliz, consegui resgatar a minha autoestima, porque a pessoa, quando nasce com uma deficiência, é diferente. Aquele que adquire com uma certa idade, como eu, eu tinha 26 anos, para mim, foi complicado, porque jovem e com cadeira de rodas, e a gente via a cadeira de rodas como uma limitação para a gente. Só que, hoje não, hoje eu vejo de outra maneira, a cadeira de rodas não é uma limitação, é uma forma de a gente se expressar, mostrar que a gente pode fazer muita coisa sobre uma cadeira de rodas.

(Programa Encontro com Fátima Bernardes – 20/09/17)

Nessa participação, a prática de atividade física, no caso, a dança, é colocada como uma forma de luta. Ao dançarem, as pessoas com deficiência mostram suas capacidades, aproximam-se da curva de normalidade e, quem sabe, sensibilizam as pessoas sem deficiência a enxergarem-nas de outra maneira, como pessoas capazes, que superam limites. Ao mesmo tempo, como destaca Henrique, é um meio de resgatar a autoestima e de adaptar-se à nova condição. Esse grupo apresentou-se no *Rock in Rio*, e a coreógrafa comentou que, com essas participações, eles atingem até as pessoas que estão em casa.

Camila: E a gente acaba atingindo até as pessoas que estão em casa e não tem essa oportunidade. Porque a pessoa com deficiência, muitas vezes, ela é escondida, pra não sofrer preconceito. Então, a gente acaba atingindo, nós somos 24% da população e a gente acaba sendo, acaba motivando as pessoas e recebemos muitas mensagens nas redes sociais (...) de pessoa dizendo: nossa, vocês dançando eu me sinto mais motivada e a lutar. Eu vejo que com a deficiência física, a minha vida não acabou. Muito pelo contrário, é só readaptação, é só o recomeço da minha nova história.

(Programa Encontro com Fátima Bernardes – 20/09/17)

Entendo que exibir diferentes práticas esportivas e/ou atividades físicas usufruídas por pessoas com deficiência pode mostrar aos telespectadores que as barreiras estruturais constatadas por Seron, Arruda e Greguol (2015) podem ser superadas. Ainda, a exibição dos benefícios que essas práticas proporcionam aos seus participantes incentiva outras pessoas com deficiência a buscarem uma prática adequada à sua condição e, com isso, a fazerem parte do jogo neoliberal, circulando nos distintos espaços sociais. Segundo Thoma e Kraemer (2017b), a meta das políticas neoliberais é “promover o desenvolvimento do país e gerar uma maior circulação da economia. Para isso, vimos multiplicarem-se, nas últimas décadas, políticas de inclusão voltadas a promover condições de participação de toda a população.” (p.190).

Além disso, como apontou Lockmann (2016), o foco das políticas de inclusão contemporâneas volta-se para as pessoas consideradas normais. Entendo que mostrar as

peças com deficiência superando suas dificuldades, reconquistando sua autoestima, influencia as peças consideradas normais. Isso as estimula a perceberem as peças com deficiência como capazes, eficientes e, quem sabe, normais para a prática de alguns esportes adaptados. Dessa forma, o esporte adaptado, nessas atrações, é utilizado também como uma estratégia de governo para conduzir as condutas, mostrando as capacidades das peças com deficiência por meio da superação das suas dificuldades em uma prática desportiva.

4.1.3. A VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE: UMA CONQUISTA ALCANÇADA

No Capítulo 3, comentei que o programa *Encontro com Fátima Bernardes* oferece a possibilidade de que as pautas sejam enviadas pela Central de Atendimento ao Telespectador (CAT). Muitas dessas pautas entraram no recorte desta pesquisa. Um assunto que foi bastante pedido na CAT e que durante a maioria das entrevistas foi abordado, mesmo que de forma paralela, é a sexualidade das peças com deficiência. Na maioria das entrevistas, a pergunta “você tem namorado(a)?” é feita, mas alguns programas abordaram com mais ênfase essa temática, tratando sobre o relacionamento amoroso entre peças com deficiência e peças sem deficiência, a gravidez da mulher com deficiência e a gravidez da mulher sem deficiência de um homem com deficiência.

Esses pedidos realizados no CAT para que a atração fale sobre a sexualidade da pessoa com deficiência corroboram a pesquisa realizada por Soares et al. (2008) com jovens deficientes físicos brasileiros e americanos. Nessa pesquisa, as autoras observaram que “a carência de informações com relação a diversas questões que envolvem a sexualidade do portador de deficiência é um impedimento para o mesmo” (p. 193). Assim, parece pertinente comentar que talvez a reincidência de pedidos relacionados à sexualidade no programa *Encontro com Fátima Bernardes* tenha a ver com a tentativa de suprir essa carência, por meio de pedidos das peças com deficiência. Com as participações, novas informações são disseminadas sobre o assunto e provavelmente aconteça o que menciona Marcello (2003), ou seja, que a mídia se ocupa de produzir novas discursividades. Dessa forma, entendo que, com tais abordagens, novas discursividades sobre a sexualidade de peças com deficiência estão sendo produzidas e disseminadas mediante suas entrevistas e participações.

Do mesmo modo, entendo que discutir a sexualidade das peças com deficiência, ou seja, mostrar que elas têm condições de se relacionar amorosamente, constituir família e ter filhos, é uma forma de normalização dessas peças. Lopes e Fabris (2013) apontam que “a

normalização parte do apontamento do normal e do anormal dado a partir de diferentes curvas de normalidade, para determinar a norma.” (p. 43, grifo das autoras). Sendo assim, para algumas curvas de normalidade, essas pessoas podem ser consideradas normais. Isso favorece que os telespectadores tenham outra visão das pessoas com deficiência, uma vez que os sensibiliza para as suas capacidades, dificuldades superadas e conquistas alcançadas.

Arrisco dizer que falar sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, mostrando inúmeros exemplos, como abordarei abaixo, é também uma maneira de educar os telespectadores. Isso significa conduzir pessoas consideradas normais a pensarem sobre esse assunto, percebendo que as pessoas com deficiência também podem viver sua sexualidade, namorar, ter filhos, constituir família, etc. Como apontam Sanfelice e Schmidt, a mídia cria e reproduz um discurso pedagógico, e não apenas quando fala em escola e seus trabalhadores, “mas também quando assume um discurso educativo que vai regulando o modo de as pessoas pensarem e agirem dentro e fora da escola.” (SANFELICE; SCHMIDT, 2013, p. 131). Inspirada por esses autores, enxergo essas participações como discursos educativos e informativos sobre um assunto não tão discutido com relação às pessoas com deficiência e até mesmo considerado tabu quando relacionado a quaisquer pessoas.

Uma das participações que demonstram essa condução com o discurso educativo é a de Carla, cadeirante de 40 anos que mandou a sugestão para o programa, alegando que falam sobre diversos aspectos da pessoa com deficiência, mas esquecem da vida sexual dessas pessoas. A apresentadora comenta que esse é um assunto tabu, que as pessoas ficam fantasiando sobre como a pessoa com deficiência se relaciona, mas não perguntam ou conversam a respeito. Carla concorda e comenta que as pessoas os veem como assexuados e que, depois de sofrer o acidente, teve muitas dúvidas a respeito das suas possibilidades de ter vida sexual ativa.

Carla: A primeira coisa que eu pensei foi assim “*não sou mais mulher*”. Acabou, *ninguém vai se interessar por mim, vida sexual, então, não tem*. Eu ainda levei isso por um tempo. No começo, que eu fiz a reabilitação, eu assisti [a] uma palestra, só quem dava era um rapaz cadeirante e *ele falava muito mais da sexualidade do homem*. E não da mulher. E eu pensava, como é que é, como é que vai ser, né. *E isso foi tendo na prática*.
 (...) Foi tudo na prática, conversando com amigas. Eu sentia muita falta disso, de ter essa informação pra gente, porque a gente fica na dúvida, como é que vai ser.
 (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

A participação de Carla foi pequena, talvez por ser o assunto um tabu, como disse a apresentadora, mas nessa oportunidade ela contou que está no segundo casamento depois do acidente. Embora reduzida, essa abordagem pode incentivar as pessoas sem deficiência a

entenderem que as pessoas com deficiência podem ter uma vida sexual, aproximando-as da curva de normalidade. Pode mostrar a necessidade de outras pessoas com deficiência falarem da vida sexual, principalmente feminina, quer dizer, sensibilizar e encorajar outras mulheres a contarem sobre sua sexualidade para ajudar as pessoas com as mesmas dificuldades, já que as informações, segundo a convidada, são escassas.

Na participação de Carla, a estratégia de governmentação utilizada é a de sensibilização e sedução das pessoas para a discussão e disseminação de informação sobre esse assunto. Isso é feito reforçando-se que a pessoa com deficiência é capaz de ter uma vida sexual assim como as demais e, ao mesmo tempo, enfatizando-se a necessidade de informações a respeito disso. Foucault (1995) menciona que o governmentação, como relação entre os sujeitos, trabalha sobre um campo de possibilidades onde vem inscrever-se o comportamento dos sujeitos que atuam; ele diz: “incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, estende ou limita, torna mais ou menos provável, no limite obriga ou impede absolutamente. É sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que atuam ou são suscetíveis de atuar.” (p.243). Carla, ao mesmo tempo em que fala para os seus semelhantes e atua sobre eles, incitando-os, induzindo-os, facilitando que eles tenham acesso à informação e vivenciem a sua sexualidade, se autoconduz a respeito desse assunto. Ainda, reforça a normalidade das pessoas com deficiência também nesse aspecto.

Dentro dessa escassez de informações, tem-se a participação de Alessandra, que ficou tetraplégica aos 23 anos, depois de um acidente de carro, e tinha o sonho de ser mãe. Ela não imaginava que, após o acidente, conseguiria realizá-lo, pois ficou com a autoestima baixa e não conseguia nem se olhar no espelho por estar em uma cadeira de rodas. Diante desse relato, a apresentadora comenta que muitas pessoas têm dúvidas quanto à gravidez e à vida sexual de uma cadeirante e questiona se ela tinha dúvidas sobre isso e se pensava em ter um companheiro.

Alessandra: *Eu sempre sonhei*. Depois que eu tive o meu acidente, eu sempre tive esperança, o medo da nova vida se transformou em esperança. Esse sonho já estava dentro de mim, não mudou nada. Só que aí eu tinha assim: *a mulher na cadeira de rodas, ela não fica tão atraente como uma mulher andando né. (...) Eu fui me cuidando, fui vivendo*, até que encontrei o grande amor da minha vida. Sabe, assim, uma pessoa compreensiva, o Diones, ele é um guerreiro, de estar do meu lado. Entende?! *E ele torna as coisas naturais*. Uma das coisas que me atraiu nele foi isso, ele torna tudo natural. (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 22/05/18)

Observo, nessa primeira manifestação de Alessandra, que o foco em ter esperança, em manter os sonhos, manter-se positiva, fez com que ela conseguisse encontrar um

companheiro, que a trata de forma natural. Mesmo quando o assunto não é adaptar-se à nova condição, parece que o foco é sempre este: se a pessoa com deficiência se mantiver positiva, com esperança e sonhos, ela conseguirá alcançar seus objetivos e desejos. Tem-se aí mais uma convocação à sensibilização das pessoas com deficiência que assistiram ao programa para que se mantivessem positivas. Ao mesmo tempo, mostra-se que a pessoa com deficiência tem sonhos e objetivos como as pessoas sem deficiência e, por isso, merecem ser enxergadas e tratadas com naturalidade, ou seja, aproximando-as da curva de normalidade e conduzindo a conduta tanto das pessoas com deficiência quanto a das sem deficiência para um olhar mais naturalizado com relação à deficiência.

O marido de Alessandra, Diones, foi ao programa junto com ela e comentou que foi amor à primeira vista, que ao vê-la já sabia que ia ter alguma coisa. Disse que não esperava que uma pessoa na cadeira de rodas fosse tão alto astral como ela, com vontade de viver e garra, o que o atraiu. Segundo ele, com o nascimento do filho, essas características só melhoraram. Ainda que Alessandra tenha comentado que o marido a vê com naturalidade, acredito que, ao mencionar que ficou surpreso por uma pessoa com cadeiras de rodas ser como ela, ele demonstra que tinha um estigma formado com relação às pessoas com deficiência. Isso, sendo falado por uma pessoa sem deficiência, também traz uma sensibilização para os telespectadores no sentido de que as pessoas com deficiência são capazes, são alto astral e têm garra para continuar sua vida, assim como pessoas consideradas normais.

A participação deles tem o foco na conquista de ter um filho, e a apresentadora faz inúmeros questionamentos em relação a isso, sobre quando decidiram, se houve preocupação da família, se os médicos aceitaram facilmente acompanhar uma gravidez como a de Alessandra. A entrevistada comentando que os médicos não aceitaram e que havia um despreparo por parte deles, porque não é comum uma pessoa tetraplégica ficar grávida; ela conta que levou três anos tentando engravidar. Quando Alessandra reclama dos médicos, o Dr. Fernando Gomes Pinto, neurocirurgião e neurocientista, especialista convidado do programa, comenta sobre as mudanças que ocorrem no corpo da mulher no período da gravidez, especialmente os riscos para uma pessoa com tetraplegia, mas destaca que isso não justifica um profissional ter medo da situação.

A apresentadora comenta que talvez esse despreparo que Alessandra sentiu possa ter a ver com uma ideia de que a pessoa que está na cadeira de rodas não tem mais relação sexual, como se ela não tivesse nenhum tipo de vida, como qualquer homem ou mulher. Diz também que sabe porque o ex-atleta Fernando Fernandes esteve no programa e comentou que as

peças têm muitos bloqueios com relação às pessoas com deficiência e, nesse caso, cadeirantes. Diante desse estímulo, a convidada comenta que há bastante bloqueio, mas que isso depende mais do cadeirante de mostrar para o outro a sua naturalidade.

Alessandra: Eu acho que depende mais de nós, cadeirantes, mostrar pro outro, a naturalidade, né. Porque se eu não tivesse vivido isso, na minha vida, esse acidente... talvez seria como outro ignorante no assunto. *Eu acho que cabe mais tá mostrando, falando, que é possível, você engravidar, casar, trabalhar, cuidar de uma família e é isso.* Sou uma pessoa totalmente realizada depois do José, plena. Então, eu acho que *valeu a pena ter continuado a ter esperança*, sabe, porque *depois de uma mudança de vida tão drástica eu nunca imagina que eu pudesse chegar aonde eu tô.* Casada e com filho.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 22/05/18)

Com essa exposição, a participante tenta conduzir as pessoas com deficiência a mostrarem-se capazes para as pessoas sem deficiência, para que assim sejam vistas de outra forma por pessoas que não entendem de deficiência; arrisco dizer que, de certa maneira, as pessoas com deficiência são responsabilizadas com relação à forma que a sociedade as enxerga e trata. Percebo uma convocação para que as pessoas com deficiência se mostrem como normais, naturais, para a sociedade, o que pode ser a saída para que recebam um olhar com menos bloqueios.

O programa *Encontro com Fátima Bernardes*, no recorte escolhido, ao falar de sexualidade, levou sempre casais formados por uma pessoa com deficiência e outra sem deficiência. Nessas participações, ocorreu a participação de Gigante Leo, que é ator e humorista, e que possui nanismo. Ele é casado com Carol Portela, que não possui deficiência, com quem teve uma filha, que nasceu sem deficiência. Ao comentar sobre a recepção da família de Carol, ele destaca que sempre foi muito bem recebido por eles, inclusive, refere-se a eles como “minha família”, mas que, quando namorou outras mulheres, isso não ocorreu.

Gigante Leo: (...) *eu sempre fui bem acolhido pela minha família, pelos irmãos dela, pela sogra.* Nunca teve essa questão. (...)
Sim, eu *já namorei mulheres com e sem nanismo.* E já tive, já foi uma questão, a questão da família. *Teve uma ex namorada, que depois que eu descobri que ela não queria que eu subisse porque a família não gostava muito e tal, bobagem, acabei.*
(...) Não, *eu tenho a sensação de que o preconceito tá muito na forma como a pessoa recebe o preconceito*, então, é um mal, se você se deixar abater por esse mal, você vai sofrer por isso. Então, eu falei assim: “*tá bom, minha filha, sua família não aceita, beleza, um beijo, abraço e tchau, vou parar pra outra.*”. *E consegui uma pessoa maravilhosa.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 08/12/17)

Ainda que Gigante Leo diga que o preconceito está na forma como você recebe a situação, entendo que o fato de ele ter terminado o namoro mostra que o preconceito importa,

sim. Além disso, mostra para outras pessoas com deficiência que, se a família não o aceita, ele pode seguir em frente e encontrar uma pessoa com uma família que faça o contrário. Ao mesmo tempo em que há uma condução para não se abalar com o preconceito, há uma conduta de afastar-se e buscar alguém que aceite a sua condição. Na sua participação, ele também comenta sobre o medo do futuro com relação à filha, de como ela vai enxergá-lo, suas limitações e deficiências; ele escreveu uma carta sobre isso, que foi lida em uma reportagem; depois, ele falou sobre o conteúdo da carta.

André Curvello: “Que tipo de referência de super herói serei? Como representar no imaginário da minha filha, pessoas capazes de fazer tudo, se desde cedo, ela saberá que seu super herói tem muitas limitações? Será ruim? Não, toda essa limitação é, na verdade, uma grande benção de Deus. *Desde bem novinha, minha filha saberá que todos nós, temos nossas limitações, até mesmo os super heróis. Isso não é motivo de vergonha ou de se sentir inferior a ninguém. A Luisa irá entender coisas, que muitos levam anos para aprender, ou nunca aprenderão. Nossos super heróis, ou melhor, nossos pais, as pessoas que cuidam da gente são frágeis e precisam da nossa ajuda.*

(...)

Gigante Leo: Então, sim é *o medo* e foi como eu falei na carta, que eu tava pensando assim, eu tenho *diversas limitações* pra cuidar da Luisa, por exemplo, agora segurar no colo, já é muito difícil pra mim, ela tá quase do meu tamanho já, sem piada. (...) E aí tem várias limitações, eu comecei a pensar assim, *poxa será que isso é ruim, será que isso é bom*. E no fundo, foi como eu falo na carta, eu acho que é uma benção de Deus, *porque eu sem precisar de grandes discursos, apenas convivendo com a Luisa, ela vai sentir, ela vai experimentar*, que mesmo os pais, que os filhos têm como heróis, sobretudo na infância, eles não são esses super heróis que podem tudo. *Meu pai, ela vai ver, já tem limitação, mas isso não impede ele de ser feliz e nem de alcançar o que quer.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 08/12/17)

Após essa fala, a apresentadora falou para o convidado que todos os pais têm limitações e dificuldades, consolando-o, dizendo-lhe que ele era um pai como qualquer outro e, assim, aproximando-o da curva de normalidade. Nessa exposição, vai-se além do medo de Gigante Leo com relação aos cuidados e educação da filha, mas mostra-se que ter um pai com deficiência é positivo, pois, segundo o ator, ela aprenderá que as pessoas têm limitações e que isso não as impede de serem felizes e alcançarem seus objetivos. Talvez essa não seja a realidade de todos os filhos de pais com deficiência, mas há uma tentativa de sensibilização para essa percepção e de uma condução para enxergar o lado positivo de suas dificuldades. Ainda, para a pessoa com deficiência que está assistindo ao programa, essa fala pode funcionar como um estímulo para que tenha filhos, mesmo com medo.

Para finalizar, há duas participações de mulheres que namoram homens com deficiência, assim como no caso acima; elas falam sobre o preconceito que o casal sofre e como se sentem namorando uma pessoa com deficiência. Uma das participações é a de Cássia e Rodrigo, que tem síndrome de Down. Eles se conheceram em uma balada. Cássia conta que,

inicialmente, não percebeu a deficiência; apenas alguns encontros depois é que Rodrigo contou para ela. Na participação do casal, Cássia comenta sobre o relacionamento com Rodrigo, o preconceito que o casal sofre e como ela aprendeu a enfrentar isso com ele.

Cássia: Ele é meu amigo, meu companheiro, nesses 4 anos pra 5, nunca levantou a voz pra mim. Eu sou amada de uma maneira que eu queria que todos os homens tratassem as mulheres, dessa maneira, porque você se sente única. E, quando ele me olha, quando ele me diz “eu te amo” não é da boca pra fora, eu vejo isso através do olhar dele. E, isso entre mim assim, me mudou, me moldou. Eu tenho uma personalidade muito forte, a gente sofre muito preconceito. No começo, quando as pessoas agiam com ele, eu confesso que eu era um pouco agressiva assim, a respeito disso, mas ele me ensinou, por ele lidar, frequentemente com isso, e eu falei pra ele: a gente tem que mudar de alguma maneira isso, que as pessoas tem que olhar as pessoas como... Eu penso assim, que as pessoas são como espelhos, você olha pra mim, eu olho pra você, *nós somos iguais, não tem diferença*.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 11/07/17).

Cássia reclama do preconceito com relação ao seu parceiro e reforça que são todos iguais, colocando Rodrigo próximo da curva de normalidade, ao mesmo tempo buscando uma sensibilização dos telespectadores; diz ela: “somos todos iguais, não tem diferença.”. Nessa participação, há uma tentativa de condução para um entendimento de que pessoas com deficiência podem namorar pessoas sem deficiência, uma vez que eles se relacionam como qualquer outra pessoa e que, ao mesmo tempo, amam como nenhuma outra pessoa, reforçando um estigma que há na sociedade de que as pessoas com síndrome de Down são mais afetivas e verdadeiras.

Por outro lado, se Cássia não teve preconceito algum com relação ao seu parceiro, foi diferente com Amanda, uma fonoaudióloga, que namora Vinicius, professor de LIBRAS surdo. Na introdução de sua participação, o jornalista André Curvello diz que, “como qualquer casal, às vezes um diz uma coisa, outro entende errado, são pequenas falhas de comunicação, logo superadas pela linguagem mais universal que existe... o amor”. O casal se conheceu quando Amanda precisava de um professor de LIBRAS para ajudá-la a trabalhar com crianças surdas. A participação do casal ocorre porque Amanda enviou sua história pela CAT do programa, falando sobre a necessidade de discutir as barreiras sociais que os surdos enfrentam e que eles como casal também enfrentam no dia a dia.

Amanda: [...] eu sou fonoaudióloga e eu *trabalho com crianças surdas desde que eu me formei*. Desde a faculdade, *a área da surdez foi uma área que me interessou muito*. Então, quando ele começou a me convidar pra sair, eu ficava: *nossa, mas eu vou sair com um surdo*. (...) assim eu comecei a perceber como *existe mesmo um preconceito* da coisa, mesmo eu trabalhando com o assunto, eu sabia das dificuldades que eles encontravam. E, *namorando com ele, eu pude sentir na pele, como ele*. Então, por exemplo, às vezes, eu quero ir ao cinema assistir a um filme brasileiro, eu não posso, porque aí, ou vou sozinha, ou vou com outra pessoa e vou deixá-lo em casa.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 17/10/17)

Ainda que Amanda trabalhasse com pessoas surdas, ela confessa que teve preconceito em sair com Vinicius e que, hoje, ao relacionar-se com ele, sente o mesmo preconceito que ele, talvez por sentir as necessidades de Vinicius na pele, porque, em diversos locais, ele não pode acompanhá-la, ou, como ele conta no programa, precisa de auxílio para ir ao médico, por exemplo, porque os profissionais não têm conhecimento da LIBRAS. Por isso, a carta que Amanda enviou ao CAT pode ser uma tentativa de sensibilizar o telespectador para que essas barreiras sejam diminuídas, conduzindo médicos, empresários e governantes a tornarem os lugares acessíveis também às pessoas surdas.

Em suma, nas participações que discutem a sexualidade das pessoas com deficiência, notei duas grandes recorrências. A primeira é o forte caráter normalizador da pessoa com deficiência que a vivência da sexualidade induz. Isso é feito utilizando-se frases como: “como qualquer casal”, “somos todos iguais, não tem diferença”, “ele torna as coisas naturais”. Em discursos como esses, percebo essa busca pelo borramento de fronteiras entre normais e anormais, e talvez possa afirmar que isso se torna possível em uma sociedade de seguridade, que governa a população a partir do jogo entre liberdade e segurança. (LOPES; LOCKMANN, HATTGE; KLAUS, 2010, p.12).

A segunda é a questão do preconceito e sua superação. Pelo que notei nas participações, relacionar-se com uma pessoa com deficiência é sofrer o preconceito junto com ela. Isso vai ao encontro do que alguns pesquisadores, como Lockmann (2016) e Corrêa (2017), já discutiram, de que a inclusão, ao tornar-se uma estratégia de governo, passa a operar sobre todos os sujeitos, “incidindo, principalmente, sobre os normais” (CORRÊA, 2017, p.61). Motivada por essas autoras, percebo que se relacionar com uma pessoa com deficiência tem um efeito para a superação do preconceito e das visões estigmatizadas por meio do exemplo e do colocar-se no lugar do outro. A condução das condutas, nesse caso, é feita pela vivência. No caso deste trabalho, talvez ver uma pessoa sem deficiência sofrendo preconceito ao lado da pessoa com deficiência conduza para a sensibilização quanto ao preconceito e a necessidade de que seja superado.

Para encerrar, tentei discutir aqui a primeira categoria, que se refere à participação das pessoas com deficiência nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*, em que falam sobre sua história de vida e os diversos aspectos relacionados a ela. Com essa discussão, constatei um caráter normalizador e, predominantemente, de borramento de fronteiras nas inúmeras participações, em relação aos mais diversos assuntos.

O borramento fica evidente, ao meu ver, quando a pessoa com deficiência é apresentada e suas características e dificuldades são comparadas às de quaisquer pessoas. Com isso, estratégias de governmentação e modos de subjetivação são colocados em prática, mediante exemplos, elencando-se capacidades das pessoas com deficiência, buscando-se a sensibilização, a sedução da superação de limitações impostas por uma deficiência.

4.2. EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E MERCADO DE TRABALHO: ESPAÇOS FUNDAMENTAIS PARA A SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Nesta seção, exploro a segunda categoria de materiais, composta pelas falas de quaisquer pessoas sobre a educação e o mercado de trabalho, apresentados como espaços fundamentais para as pessoas com deficiência. Nas participações que abordo aqui, percebi que há uma tentativa expressa de conduzir e sensibilizar as pessoas sem deficiência a agirem para garantir o acesso da pessoa com deficiência à educação escolarizada e ao mercado de trabalho, tidos como espaços importantes para o seu desenvolvimento e participação na sociedade. Além disso, também são discutidas participações e reportagens que falam da educação como saída para o combate ao preconceito e à exclusão sofridos pelas pessoas com deficiência.

Em sua maioria, nessas participações, a pessoa com deficiência fala com direcionamento para as pessoas sem deficiência, em dois momentos. No primeiro momento, as pessoas com deficiência vão às escolas e respondem perguntas feitas por alunos sobre sua condição e sua vida no geral. No segundo momento, são falas sobre educação e mercado de trabalho em que as pessoas com deficiência relatam suas dificuldades de acesso e permanência nesses ambientes. Porém, embora elas façam essas exposições, o foco nesta seção está na discussão que pessoas consideradas normais fazem sobre essas exposições, sendo em sua maioria especialistas convidados do programa *Encontro com Fátima Bernardes* que legitimam as colocações feitas pelas pessoas com deficiência.

Antes de continuar, quero comentar sobre a questão da legitimação dos discursos feita por especialistas. Nesse caso, podemos dizer que há uma inserção dos profissionais das áreas psi na educação. Foucault (2014), na aula *A ordem do discurso*, comenta sobre três grupos de procedimentos que permitem o controle dos discursos. O primeiro refere-se a dominar os poderes que os discursos têm; o segundo, a conjurar os acasos de sua aparição; e o terceiro,

que me interessa aqui, trata de determinar as condições de funcionamento do discurso, de impor aos indivíduos que o pronunciam certo número de regras e, assim, não permitir que todo mundo tenha acesso a ele. A esse procedimento, o filósofo dá o nome de rarefação dos sujeitos que falam. Nas palavras do autor,

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (FOUCAULT, 2014, p. 35).

Na esteira do pensamento de Foucault, os especialistas que falam sobre as pessoas com deficiência nos programas televisivos aqui analisados são sujeitos qualificados para emitir pareceres sobre as diversas situações da vida das pessoas com deficiência. Por isso, têm as regiões do discurso mais abertas e penetráveis às considerações que emitem. Nas participações que comtemplo nesta seção, os especialistas convidados são: o neurocirurgião e *neurocientista* Fernando Gomes Pinto, o *psiquiatra* Jairo Bauer, o *psicólogo* Rossandro Klinjey, a especialista em recursos humanos Patrícia Santos e o pastor Henrique Vieira, além de convidados de movimentos relacionados a uma determinada deficiência que não têm formação especificada. Propositamente, grifei a especialidade antes do nome dos convidados para ressaltar que a maioria é da área psi.

Na educação, a entrada dos saberes psi se dá com a psicopedagogia. Coutinho (2008) escreveu uma tese sobre a emergência da psicopedagogia no Brasil e comenta que a psicopedagogia nasce e se legitima como um campo específico de conhecimento a partir de um viés marcadamente terapêutico. A autora explica: “ela nasce e se legitima como mais uma alternativa de superação das dificuldades educacionais, cujo sucesso dependerá não somente de intervenções externas, mas dependerá, por meio delas, do próprio aluno.” (COUTINHO, 2008, p.172). Assim, a psicopedagogia surge para que, dentro da escola, o aluno considerado desviante, estranho, já possa receber uma primeira intervenção para que se encaixe ou chegue o mais próximo possível da normalidade.

A discussão da entrada dos especialistas na educação não se encerra neste momento, mas a partir de agora começo a tratar das participações categorizadas para esta seção e, sempre que possível, destacarei as questões comentadas nos parágrafos anteriores. Ressalto que os momentos em que as pessoas com deficiência falam sobre a vida escolar e sua relevância em sua trajetória ocorrem na maioria das participações, em que são feitas

referências à importância da inclusão escolar para o desenvolvimento e socialização da pessoa com deficiência. Também relacionados ao ambiente escolar, há momentos em que o programa *Encontro com Fátima Bernardes* leva pessoas com deficiência até escolas para que as crianças e adolescentes tirem suas dúvidas sobre a vida daquelas pessoas. Essa ação constitui um quadro do programa que é denominado “Papinho Cabeça”, exibido em formato de reportagem durante outras participações.

Gabriela Liann: As crianças dessa escola da zona leste de São Paulo são curiosas, querem saber tudo sobre a vida de uma mãe cadeirante. Tatiana Rolim, paraplégica desde os 17 anos e sua filha Eduarda vão responder todas as perguntas.

Aluna 1: Você tem algum tipo de dificuldade em fazer os seus afazeres de casa?

Tatiana: Cuidar de casa, lavar, passar, cozinhar, eu faço. Então, tem umas dificuldades, por exemplo, a estante é alta, então eu vou limpar só a parte de baixo. Aí alguém tem que limpar a parte de cima.

Gabriela: Você ajuda sua mãe a fazer?

Tatiana: A nossa técnica é essa [Eduarda sobe em cima da mãe para demonstrar]. Se for mais alto, aí pega assim.

Gabriela: Aí você alcança.

Aluno 1: No seu bairro, onde você mora, você é respeitada?

Tatiana: Tem muitas dificuldades e acessibilidade é uma coisa essencial na vida da pessoa com deficiência, porque ela facilita muito. Então, por exemplo, se eu tiver que ir daqui lá fora, eu consigo sair, se tiver um degrau, eu já preciso de alguém.

Aluna 2: Quando você sai pros lugares, muita gente fica te olhando de um jeito diferente?

Eduarda: Todo mundo fica olhando e fica falando pra mãe: “Mãe, que é que aquilo”, “Mãe, que que é isso”.

Tatiana: Ela muitas vezes é que percebe o olhar das outras pessoas.

Aluna 3: Eu gostaria de saber se foi difícil você encontrar trabalho devido a sua necessidade?

Tatiana: Toda a empresa que tem mais de 100 funcionários, ela é obrigada a contratar pessoas com deficiência, e aí, começou a ter algumas dificuldades sim, pela questão de algumas empresas que anunciavam vagas e eu chegava pra fazer entrevista, essas vagas não era bem verdadeiras. Não tinham uma rampa, não tinha um elevador, não tinham um banheiro, não tinha uma porta de entrada. E aí, infelizmente, eu perdi a vaga.

Aluna 4: Já rolou uma briga na escola dela com as amiguinhas dela, tipo “Ah a mãe dela é cadeirante”?

Tatiana: Qual a resposta que eu falo pra você?

Eduarda: Pergunta pra ela.

Aluno 1: Quando você vai trocar de roupa, como você faz?

Tatiana: Tem lojas que fazem roupa especial para pessoas com deficiência, põe um zíper aqui, outro ali. Eu uso roupa normal.

Tem gente que olha pra mim e diz: Ai eu jamais suportaria o que você suporta, de dificuldades em relação ao respeito com as pessoas e tal. E, às vezes, eu olho pra pessoa e ela já passou por alguma coisa tão séria e eu falo: Eu acho que eu jamais enfrentaria certas coisas. Saber que aquilo que você tá enfrentando, você é capaz. Você tem que querer, porque se você quer, você passa de ano. Se você quer, você supera uma escada, uma dificuldade. Tem que querer, tem que sonhar, tem que ultrapassar a barreira.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 22/05/18)

Considero que a ida das pessoas com deficiência à escola para tirarem dúvidas das crianças sem deficiência, além de produzir uma sensibilização para o respeito e inclusão

dessas pessoas, também favorece que os alunos conheçam como é ter determinada deficiência, quais são as dificuldades, quais as superações, para que percebam que são pessoas com dificuldades próximas das suas e que, por alguns instantes, podem ser consideradas normais. Essa abordagem proporciona que os alunos produzam conhecimentos sobre as pessoas com deficiência para que possa ocorrer uma naturalização da presença e convivência com elas. Isso porque, “para que os normais possam aceitar a presença do outro, é necessário que as diferenças existentes não lhes causem estranhamento. Em outras palavras, é preciso que a presença do outro seja naturalizada.” (CORRÊA, 2017, p. 104). Favorece-se, assim, que os alunos sem deficiência se autogovernem para ajudar os colegas com deficiência que porventura possam ter a enfrentar as barreiras físicas e sociais que a deficiência pode oferecer.

Essas participações não são iguais e engessadas com relação a perguntas, temáticas ou forma de comportamento das crianças; muda a escola, muda a pessoa com deficiência e o tipo de deficiência, além da maioria das perguntas e a forma como a abordagem é feita. Em outra inserção com a pessoa com deficiência na escola, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* levou uma pessoa cega para que os alunos perguntassem o que quisessem, pois, segundo a apresentadora Fátima Bernardes, “muitas vezes, por ignorância, a gente discrimina, quase sempre é”. Perguntar seria uma tentativa de aproximação entre a pessoa com deficiência e as pessoas sem deficiência. Nesse sentido, a atração parece buscar conduzir seus telespectadores para a naturalização das pessoas com deficiência, para que possa haver uma condução no sentido da superação do preconceito.

Manoel Soares: Pois é, gente, sabe que quando nós vemos uma pessoa com uma bengala dessas na rua, volta e meia algumas perguntas até visitam a nossa cabeça, né. Poxa, como será que ela toma banho, será que ela se veste sozinha, vamos perguntar ao Maurício.

Aluno 1: Como tu sabe onde é a tua casa e como tu sabe se é a certa?

Maurício: Porque cada casa tem uma forme né, cara. A minha casa ela tem um portão, que é único, então eu já sei o formato do portão da minha casa. Eu já sei o formato do quintal da minha casa.

Aluno 2: Quando você tá na sua casa, você fica esbarrando nos móveis?

Maurício: Não, isso não acontece com nenhum cedo que é incentivado pela família a andar pela casa e o quintal.

Manoel: Eu também já passei sem querer e dei com o braço no vaso, caiu, quebrou, minha mãe arregalou o olho. Já aconteceu com você de quebrar alguma coisa?

Maurício: *Quando você quebra o vaso, é porque você é desastrado. Quando eu quebro o vaso, automaticamente, é porque eu sou cego*, isso é chato, né cara. Às vezes eu só sou desastrado, passei num momento meio distraído e tal, *não é legal, né. Você ficar falando, aí porque ele é cego.*

Aluna 1: Como é que você consegue imaginar as cores?

Maurício: Essa é maravilhosa, sabe porquê? Porque eu não sei responder direito. Eu sei que o vermelho é quente, eu sei que o branco é liso, é assim que eu sei como que é a cor. Agora, não pergunta como é que eu aprendi isso.

Aluna 2: Como que você sabe quem é que chega perto de você, quem são as pessoas?

Maurício: Aí eu não sei né. Aí a pessoa tem que ser educada né, tem que falar: Olha Maurício, tudo bem, cheguei, eu sou tal pessoa. *Esse negócio de ficar brincando adivinha quem é, não é legal.*

Aluno 3: E como que você aprendeu a escrever?

Maurício: Quando eu tinha uns 5 anos de idade, usando o braile, vocês já devem ter ouvido falar.

Aluno 4: Eu queria saber como é que ele faz para identificar o dinheiro.

Maurício: As notas têm tamanhos bem parecidos, não é, cara? Tem uns aplicativos de celular, você aponta a câmera para a nota ou para a moeda, e ela fala o valor dessa nota ou dessa moeda.

Aluno 5: Como que você sabe diferenciar o lado certo da roupa?

Maurício: A maioria das roupas tem etiqueta, do lado de dentro, na parte de trás.

[Maurício explica como usar a bengala para os alunos: É igual o negócio de amarrar a barraca, sabe, você vai amarrar a barraca, você abre o... Isso, bem assim.]

Manoel: Vamos tentar fazer isso com o olho fechado.

Maurício: *Quando vocês virem um cego por aí, mostrem para ele que vocês aprenderam, peçam se eles querem ajuda, se identifiquem, tudo que vocês lembrarem vocês mostrem, porque isso contribui para que a gente faça um mundo bem melhor.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/02/2018)

As perguntas feitas a Maurício ficaram dentro do clichê do que se pensa sobre como uma pessoa cega consegue realizar determinada atividade. As perguntas tinham preocupação com as atividades cotidianas de Maurício, como ele as realiza, quais as dificuldades, enfim. Friso que, diferentemente da primeira participação, Maurício é enfático sobre o que ele não acha legal, como estigmas de que cegos quebram objetos por serem cegos. Quando o repórter comenta que também quebra coisas por ser desastrado, sua tentativa foi de mostrar que ele passa por pequenos desastres como as pessoas cegas, mostrando-os como normais, mas Maurício não pareceu gostar dessa observação.

Além disso, os alunos puderam abrir a bengala de olhos fechados, o que fez com que experimentassem a limitação do outro momentaneamente, algo que costuma acontecer na atração quando recebe pessoas cegas. Segundo Corrêa (2017), quando a pessoa sem deficiência vivencia a experiência de ser pessoa com deficiência constrói um sistema de significação sobre “o que é ser deficiente e o que não é, ou seja, a ele é permitido realizar uma série de operações de classificação que demarcam as fronteiras, indicando características que permitem definir a si e a outro.” (p.110). As pessoas sem deficiência têm sua normalidade reforçada, ao mesmo tempo em que “se familiarizam com as deficiências, construindo saberes sobre elas, tornando-as mais conhecidas e, por isso, menos estranhas.” (p.110). Acredito que tornar as pessoas com deficiência menos estranhas seja um dos objetivos dessa inserção da pessoa com deficiência para um bate-papo na escola, no caso do programa aqui analisado.

Ao finalizar sua participação, Maurício pede que os alunos usem as informações obtidas em sua conversa para ajudar a construir um mundo melhor, sensibilizando-as a respeitar e a conduzir-se para isso. Por conhecerem como é a vida da pessoa com deficiência,

eles podem ajudá-la e, assim, contribuir para melhorar o mundo. Em outras palavras, tais falas apontam para modos de subjetivação.

Destaco que o programa *Encontro com Fátima Bernardes* fez quatro inserções em escolas com pessoas com deficiências diferentes. Na data de estreia da novela *O outro lado do paraíso*, que tinha como atriz coadjuvante uma pessoa com nanismo, o programa recebeu a participação da atriz Juliana Caldas e levou outra pessoa com nanismo a uma escola para que as crianças fizessem as perguntas que quisessem, reforçando que “a melhor forma é essa comunicação, é a informação, é a troca para que você descubra as semelhanças e as diferenças”.

Manoel Soares: Pois é, gente, como a Fátima falou o nosso papo hoje é nanismo, mas eu confesso que eu estou sem ideia para perguntas. Por isso que eu trouxe esse pelotão, dá um oi aí gurizada.

Alunos: Oiiiiiiiiii

Manoel: E vocês agora de casa, vão saber o que eles pensam sobre nanismo.

Liana: Oi gente, meu nome é Liana, tenho 31 anos e tenho nanismo, me explica o que é que é nanismo.

Aluna 1: É, pessoas que nascem menores.

Liana: Isso.

Aluno 1: Se eu chegar e chamar de pequena, essas coisas, nanica, *tu te sente ofendida?*

Liana: *Conforme você vai falar, sim, a gente se sente ofendido.*

Aluno 2: *Você se incomoda, quando você anda na rua, e alguém te olha torto por causa do seu nanismo?*

Liana: *Me incomoda porque dói, as pessoas às vezes apontam, às vezes se cutucam, às vezes batem foto.*

Aluno 3: Eu ueria saber como é que você faz pra abrir a porta? A porta é adaptada com maçaneta embaixo ou você usa uma cordinha?

Liana: A maioria das portas, eu quase consigo na pontinha do pé. O elevador, por exemplo, tem elevador que eu não alcanço, aí eu tenho que encostar com o celular ou com uma agenda na mão.

Manoel: E no banco, quando você vai ao banco, e às vezes, o caixa eletrônico é mais alto, como que você faz para digitar a sua senha?

Liana: É, essa é uma questão um pouco complicada, é raro o caixa eletrônico que tenha acesso sem alguém, se tiver alguém atrás, não veja minha senha.

Aluna 2: Ele é maior do que você ou ele tem nanismo também?

Liana: Esse namorado que eu tô agora, ele tem nanismo, ele é maior do que eu, lindo, mas eu já tive outros relacionamentos com gente que não nanismo.

Aluna 3: Como que vocês se beijam?

Liana: Hummmmm... como que vocês pensam que a gente se beija? Como que qualquer menino e menina se beija... igual, beijo no rosto, beijo na boca.

Galera do Encontro, agora a gente vai mostrar pra vocês o nosso grito de guerra. Vamos lá, 1, 2, 3...

RESPEITA O NANISMO!

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 23/10/17)

Assim como não repetem as deficiências, o modo de abordagem não é o mesmo. Na participação de Liana, que parece mais descontraída, ela parte do que os alunos pensam que seja nanismo. É claro que há perguntas relacionadas às funcionalidades da vida diária, mas também há conversa sobre namorado, ofensas, olhares tortos e um grito de guerra que pede

respeito pelas pessoas com aquela deficiência. É interessante que, no início, a apresentadora fala em perceber semelhanças para que, conhecendo as pessoas com deficiência, os alunos entendam que possuem semelhanças com aquelas pessoas. Isto é, mostra que as pessoas com deficiência possuem dificuldades, problemas, vivências semelhantes aos das pessoas sem deficiência, apresentando-as como normais. Dessa forma, os telespectadores e os convidados do programa e do quadro são sensibilizados no sentido de que as pessoas com deficiência merecem respeito e são conduzidos para que não dirijam olhares e ofensas que machucam.

A última participação nesse quadro é com a *youtuber* Mariana Torquato, sobre a qual já falei na seção anterior; na sua participação, não há apenas alunos sem deficiência, mas alunos com a mesma deficiência que ela, que aproveitam para tirar dúvidas e trocar experiências. Outro ponto interessante nessa exibição é que a escola escolhida foi fora do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, pois fica em Santa Catarina, estado onde mora a convidada.

Aluno 1: Eu queria saber se tem alguma coisa que as pessoas que tem dois braços conseguem fazer que tu não consegue? Se é que tem essa coisa, né.
 Mariana: Posso pensar um pouquinho?! Me ajudem com alguma coisa que tem que fazer simultaneamente com as duas mãos.
 Alunos: Cozinhar? Fazer rabo de cavalo, consegue?
 Mariana: Tá, calma, calma. Garrafa de café, você vai pegar uma garrafa de café e ela tem que apertar e você tem que segurar o copo, sabe. Isso eu não consigo fazer. Consigo fazer, apertando assim, mas foram coisas que eu fui adaptando com o tempo.
 Aluna 1: Como é que tu amarra o cadarço do tênis com um braço só?
 Mariana: Me dá um tênis... você vai fazer assim ó.
 PALMAS
 Mariana: Obrigada, obrigada.
 Aluna com a mesma deficiência 1: Como que você come com a faca?
 Mariana: Ó, aqui, tem um prato e a gente vai fazer o que, eu vou pegar o meu garfo e vou fazer esse assim [apoiar no queixo] e vou pegar minha faca com essa mão e vou cortar.
 Aluna com a mesma deficiência 1: Eu faço o contrário.
 Mariana: Você faz o contrário, mostra aqui como é que você faz.
 Aluna com a mesma deficiência 1: Tipo tem um prato aqui, eu seguro com a faca e primeiro apoia aqui com o garfo e depois eu troco com a mão e corto.
 Manoel: Você, quando viu ela na internet, achou legal?
 Aluna com a mesma deficiência 2: Eu pirei, achei muito massa.
 Manoel: Porquê?
 Aluna com a mesma deficiência 2: *Ah porque é uma pessoa igual a mim.* E as coisas que ela faz, geralmente, são iguais as que eu faço.
 Aluna 2: Quer saber se quanto tu tem uma deficiência tu sofre mais preconceito ou alguma coisa assim?
 Mariana: Eu acho que quando a gente é mulher, a gente já passa por diversas situações que por si só, são tipo perigosas ou humilhantes e muito disso aumenta *quando você tem uma deficiência porque você faz parte de uma minoria, dentro de uma outra minoria. Todos nós somos diferentes*, então, por mais que eu faça milhões de plásticas, eu nunca vou ser uma pessoa igual a você e você nunca vai ser uma pessoa igual a mim. E isso é lindo, sabe, vamos celebrar isso.
 (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

Nessa participação, é curioso que, por conviverem com pessoas com deficiência, na hora de perguntar sobre as dificuldades, a aluna já pondera “se é que há dificuldade”, pois já foi conduzida a enxergar as pessoas com deficiência como capazes. Essa participação é baseada em buscar conduzir os telespectadores, convidados e alunos ao entendimento de que a pessoa com deficiência é capaz de fazer tudo, mesmo que precise de algumas adaptações. Novamente, o preconceito é um assunto presente, e, a fim de combatê-lo, Mariana fala em celebração das diferenças, tentando sensibilizar os alunos de que todos são diferentes e, por isso, todos são normais.

Além de levar as pessoas com deficiência à escola para que os alunos tirem dúvidas, no que se refere à educação, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* também reforça que o caminho para que as pessoas com deficiência sejam respeitadas e convivam em sociedade está na educação, o que é expresso por diferentes convidados. Para este espaço, separei algumas falas.

Bianca Ramos (coordenadora de desenvolvimento institucional do movimento Down): *A escola como espaço fundamental de formação também é fundamental, quer dizer, estar na escola, convivendo com os seus pares. E também compreendendo as regras desse lugar, né, desenvolvendo nesse lugar é muito importante.*

Pastor Henrique Vieira: *Eu sou professor também de história, e eu acho que as escolas, elas precisam ter esse olhar para entender cada pessoa como uma potência, como um sujeito. Às vezes, a excessiva padronização rouba das pessoas a sua verdade própria. Então, mais do que mão-de-obra para repetir o mundo, acho que a escola tem que ser o lugar que olha pro indivíduo com as suas potências, com as suas possibilidades e criando condições para o desenvolvimento da sua autonomia. Acho que essa é a escola que liberta e que potencializa.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/03/18)

Sandra de Sá (cantora): *Eu acho que a principal atenção, não só o Brasil, mas que o mundo precisa, mas que ninguém ainda percebeu o caminho disso é da educação. E a falta de educação é que ferra tudo, você vê que por falta de educação as pessoas não dão condições, e por falta de educação as pessoas acabam excluindo a quem está dando condição. De repente a gente não percebe, tem a rampa pra cadeirante, aí neguinho estaciona ali.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 05/07/17)

A educação escolarizada é apresentada como salvadora³⁷ tanto para as pessoas com deficiência quanto para as pessoas sem deficiência. Para as primeiras, passar pela instituição escolar contribui para que aprendam a viver em sociedade e a respeitar suas regras, conquistar autonomia e ensinar aos colegas a respeitá-las em suas limitações. O programa defende que a informação, o conhecimento sobre as pessoas com deficiência, é fundamental para construir

³⁷ Para uma discussão aprofundada sobre o caráter salvacionista da escola, recomendo a leitura da tese: LOCKMANN, KAMILA. A proliferação das políticas de assistência social na educação escolarizada: estratégias da governamentalidade neoliberal. 317f., 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

uma sociedade que respeite a diversidade. Assim, para as pessoas sem deficiência, a educação ensina a respeitar, a conhecer as limitações e a incluir. Porém, isso tudo, pela fala dos convidados, depende de a instituição escolar enxergar as pessoas em sua individualidade, estimulando suas possibilidades. Dito de outra forma, a educação possibilita a normalização das pessoas com deficiência enquanto subjetiva e conduz as pessoas sem deficiência para o respeito e atenção às diferenças. Assim, é interessante a observação de Menezes (2017), que diz: “as práticas de normalização operadas na escola inclusiva procuram fazer com que o indivíduo seja normalizado mediante a naturalização de sua presença, enquadrando-o em uma das distribuições permitidas pela curva de normalidade.” (p. 108).

Embora a educação escolarizada seja vista como espaço fundamental para o desenvolvimento das pessoas com deficiência, friso que ela possui outras intenções com relação a essas pessoas. Ao serem incluídas na instituição escolar, é possível estabelecer saberes sobre elas, prever seus riscos e, com isso, governá-las, como comenta Lockmann (2010):

Pode-se afirmar que a inclusão possibilitou um exercício de aproximação e conhecimento daqueles sujeitos que anteriormente eram afastados, segregados ou excluídos do convívio social. Ao aproximar esses sujeitos que até então permaneciam do outro lado da fronteira, ao incluí-los na sociedade e nos processos de escolarização, está-se fazendo um exercício de torná-los observáveis, explicáveis e governáveis. Portanto... Incluir. Aproximar. Conhecer. Diferenciar. Normalizar. Gerenciar. Prevenir. Intervir. Enfim... governar. Tais operações são colocadas em funcionamento na sociedade atual por diferentes estratégias, entre elas, pode-se destacar, a inclusão escolar. (LOCKMANN, 2010, p. 64).

De maneira semelhante, Coutinho (2008) comenta que percebe a escola atual funcionando por meio do dispositivo de seguridade e também produzindo os modos escolares do próprio dispositivo, “já que um dos principais traços desse dispositivo é ser inclusivo, ou seja, ele vai inserindo novos elementos para intervir nas situações de risco (no que se refere tanto à prevenção quanto à compensação).” (p. 176). Diante disso, a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar objetiva também gerir os riscos que esse grupo pode oferecer.

Ressalto que, ao explicitar que a inclusão escolar tem outros objetivos além de propiciar o desenvolvimento da pessoa com deficiência, não estou me posicionando contra ou a favor da inclusão. Porém, considero que ela deve ser problematizada, tal como tentei realizar nesta dissertação. Entendo que a inserção da pessoa com deficiência na instituição escolar, seja com o objetivo de promover o seu desenvolvimento e socialização, seja com o de governá-la, é desejada por uma grande parcela da sociedade. Frequentar a escola permite

conhecer e prever riscos oferecidos por essa população; ao mesmo tempo, possibilita que essas pessoas possam fazer parte do jogo neoliberal, tornando-se participantes da sociedade.

Sobre isso, Menezes (2011) percebeu uma ênfase nos discursos a favor da superação da condição de segregação social à que as pessoas com deficiência eram “submetidas” e a busca de práticas que visassem à sua inclusão. De acordo com a autora, aproximar pessoas com deficiência e sem deficiência passa a ser interessante porque “possibilit[a] a emergência de práticas que buscam responsabilizar o maior número possível de sujeitos com relação à condução das condutas das pessoas com deficiência.” (p. 52). Nesse sentido, a inclusão de pessoas com deficiência na escola tem inúmeras intenções, que ultrapassam apenas o bem-estar da pessoa com deficiência, visando a garantir a segurança e o controle da população no geral. Assim, mesmo que a atração não discuta essas inúmeras intenções da inclusão escolar, questiona sobre a vida escolar de seus convidados com deficiência.

Do mesmo modo que na maior parte das participações é questionado se a pessoa com deficiência tem um namorado ou namorada, também é questionado se ela estudou em escola regular ou especial, como foi e se sofreu preconceito. As abordagens não são aprofundadas nesse assunto, mas são feitas algumas referências, como as do quadro acima, de que a educação é a saída e de que a escola é um espaço fundamental para a pessoa com deficiência se desenvolver. Esse é o caso da Cecília, de três anos, que foi ao programa depois de o vídeo dela, correndo uma minimaraton de muletas junto aos colegas sem deficiência, ter viralizado na internet. O bom desenvolvimento de Cecília, que tem paralisia cerebral, é creditado ao esforço dos pais; porém, eles comentam que ela frequenta a escola desde os cinco meses e que esse espaço é responsável pelo desenvolvimento da filha.

Rogério: *A escola tem uma participação na educação da Cecília, na inclusão social, muito alta. Desde os 5 meses, fica o dia, porque nós trabalhamos. E, na época, quando a Cecília tinha o primeiro diagnóstico dela, que foi a paralisia cerebral, na primeira consulta com a neurologista nós perguntamos qual seria a melhor fora de tratamento. A média falou: Olha, escola. Coloquem na escola, a estimulação é o que vai ser o diferencial. E realmente esse é o resultado final.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 03/11/17)

Cecília estuda em escola de Educação Infantil regular, e o pai destaca que ensinam a ela que “todo mundo é igual, mas com necessidades diferentes”; por isso, tentam incluí-la o máximo possível em todas as atividades, isto é, os pais criam Cecília reforçando sua normalidade. Ao colocar a escola como responsável pelo desenvolvimento de Cecília, o pai tenta sensibilizar pessoas responsáveis pela educação escolar, como professores e gestores, para que recebam e estimulem pessoas com deficiência desde cedo, porque isso é fundamental

no seu desenvolvimento, governando-os para que efetuem uma estimulação adequada dessas crianças. Ao mesmo tempo, sensibiliza e conduz os pais de outras crianças com deficiência sobre a necessidade de frequentar a escola e os benefícios que isso pode trazer.

Ainda sobre escola regular, a plateia do programa *Encontro com Fátima Bernardes* é bem participativa e faz perguntas aos convidados. Na participação de Marcos Petri, um jovem autista que dá dicas na internet sobre como as pessoas podem lidar com o autismo, uma professora que está na plateia questiona sobre a sua vida escolar, como foi recebido nas escolas, se sofreu preconceito, se os pais tiveram alguma dificuldade.

Marcos: No *começo sempre tem preconceitos, né, sempre tem casos de bullying*. Eu sofri, principalmente, né, as pessoas gritavam no meu ouvido. Porque, o que que acontece, o autista, ele tem hipersensibilidade sonora, então, a minha resposta a isso vai ser sempre dar um pulo. Aí as pessoas achavam engraçado. Vamos fazer ele pular? Vamos. Daí davam um grito no meu ouvido e eu pulava. Uma vez, eu bati num extintor de incêndio, que tinha na minha escola, mas enfim... Passada essa fase turbulenta, eu *tive o apoio irrestrito da minha mãe, do meu pai, da comunidade escolar e dos amigos*. Aí o que acontecia, Fátima e também a educadora, lá dentro as pessoas pra defender. Então, as pessoas mais maldosas né, *elas vinham com as suas propensões e as pessoas que estavam do meu lado diziam: não, ele é autista, respeita ele, ele é assim. Não vais fazer nada pra tirar dele o sarro. Gozar da cara dele*.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 07/08/17)

Marcos não nega o preconceito e os percalços por que passou em sua trajetória em escola regular, mas ensina, talvez, uma estratégia para enfrentar essa situação. Ao contar sobre a importância de seus aliados para evitar que sofresse *bullying*, o convidado mostra que a educação escolar em uma escola regular para o autista é possível, desde que alianças entre os alunos considerados normais e os autistas sejam feitas. Assim, reforçam-se a ideia de que a inclusão depende de todos e a sensibilização para que, ao conhecerem as limitações das pessoas com autismo ou outras deficiências, as pessoas as ajudem para que se sintam bem no ambiente escolar, conduzindo para que todos promovam esse bem-estar naquele ambiente.

Saliento que a pergunta feita a Marcos veio de uma professora. Coutinho (2008) comenta que é bastante comum no país a ideia de que os professores são profissionais incompletos que necessitam de novos saberes, como os psi, por exemplo, para entender o que os alunos de hoje precisam para aprender. A autora explica:

As narrativas dos próprios professores são repletas dessa sensação de despreparo; portanto, são eles mesmos que passam a se ver nessa condição e solicitam a orientação de especialistas de diferentes áreas para que os ajudem a solucionar as dificuldades de aprendizagem de seus alunos, a partir de encaminhamentos para serviços de apoio, para a recuperação, para atendimentos individuais ou projetos fora de sua responsabilidade. (COUTINHO, 2008, p. 188).

Essa ideia de despreparo por parte dos professores não foi percebida apenas por essa autora, mas também por muitas outras. Exemplo disso é uma pesquisa realizada pelo GEPI, intitulada “Educação inclusiva e subjetividades docentes”, entre 2012 e 2014, com professores de nove capitais brasileiras. Em um recorte dessa pesquisa realizado por Oliveira e Weschenfelder (2017), intitulado “Práticas in/exclusivas e os modos de ser professor(a) na Contemporaneidade”, as autoras também trazem essa ideia de despreparo e desestabilização por parte dos professores em relação aos alunos com deficiência. Nas falas exploradas pelas autoras, uma professora comenta que, quando foi receber um aluno com deficiência em sua turma, foi interpelada pela frase “olha, você tem um presente!”. Sobre isso, as autoras elucidam que “o aluno com deficiência é visto como um presente porque ele desestabiliza e enuncia a necessidade de práticas inclusivas por parte do professor responsável” (p. 84).

Vejo que as falas sobre a importância do ambiente escolar para a pessoa com deficiência são dirigidas para os pais, estimulando-os a lutar pela inclusão de seus filhos, mostrando que é possível que frequentem a escola regular e nela se desenvolvam. No entanto, às vezes é necessária uma escola bilíngue, como no caso dos surdos. Sobre isso, houve a participação de Vinicius, um intérprete de LIBRAS surdo que foi ao programa falar sobre o seu namoro com uma fonoaudióloga. Ele fala sobre a vida escolar quando é questionado sobre o porquê de ter nascido surdo.

Vinicius: *Eu comecei a estudar com ouvintes, depois desse diagnóstico da surdez e minha mãe sempre nesse intuito de ver o meu desenvolvimento, ela me sentia muito isolado, ela percebeu que a escola, a educação inclusiva não surtiu efeito. E, com 9 anos de idade, só aos 9 anos de idade, ali naquela tentativa de estudar em escolas ditas normais, ela resolveu me colocar em uma escola bilíngue, uma escola de alunos surdos e a diretora explicou, ela falou sobre a importância da língua de sinais. Eles tinham atividades de esportes, no colégio. E, a minha mãe resolveu, então, me colocar nesse colégio e foi aí, aos 9 anos de idade, que eu tive contato, aprendi a libras, e é minha língua natural, é a minha primeira língua.*
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 17/10/17)

A fala de Vinicius mostra que nem todas as pessoas com deficiência vão se desenvolver na escola regular e, ao mesmo tempo, apresenta a importância da escola bilíngue para os surdos para que desenvolvam o aprendizado em LIBRAS. Esse tipo de fala, além de sensibilizar as pessoas sem deficiência que estão assistindo ao programa, informa-lhes sobre as possibilidades de educação de pessoas com deficiência, mostrando que elas têm capacidade de aprender e conduzindo quem assiste, os pais ou pessoas de sua convivência a procurarem os caminhos mais adequados à pessoa com deficiência que eles têm perto de si.

Lopes e Veiga-Neto (2017) comentam sobre a diferença linguística e cultural dos surdos e defendem a escola de surdos como espaço de reconhecimento da surdez enquanto

“superfície sobre a qual se inscrevem experiências visuais. Tais experiências permitem aos surdos operarem, sobre si mesmos, verdades que os subjetivam como pertencentes a um grupo ou a uma comunidade cultural específica.” (p. 693). Os autores apontam que tal comunidade tem na língua de sinais, na forma de organizar o espaço e o tempo e de reivindicar para si “condições dignas de uma vida surda, seus principais indicadores de diferença étnica, de estruturação linguística e de desenvolvimento da aprendizagem.” (LOPES; VEIGA-NETO, 2017, p. 683). Eles explicam que a escola de surdos é um espaço de aproximação entre semelhantes que compartilham condições comuns de ensino e de aprendizagem.

Destarte, na atração analisada, foram apresentados, em outros momentos, surdos oralizados, surdos implantados, mas também houve a participação de Vinícius e Miguel, que mostrarei a seguir, em que os telespectadores puderam ser informados sobre a educação escolarizada da comunidade surda. A educação de surdos também foi discutida na redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2017, pauta do programa *Encontro com Fátima Bernardes* com a participação de Miguel, um estudante surdo que fez a prova.

Miguel: Então, eu acho que *é importante a gente falar sobre acessibilidade*, acessibilidade para surdos, que é o interprete de LIBRAS, é a legenda em português, é a predisposição a *flexibilidade*, né. Que os locais, eles tenham essa flexibilidade de se adaptar ao novo. O filme nacional, por exemplo, ele tem uma resistência muito grande com a inserção de legendas. Nós *somos cidadãos e precisamos*, esse foi o objetivo, né, principal da prova, eu acho.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 06/11/17)

A redação do ENEM 2017 surpreendeu as pessoas por tratar da educação de surdos; o programa não perdeu tempo e começou um debate sobre a educação para surdos na segunda-feira seguinte à prova. Durante aquela semana, pelo menos, pode-se dizer que o assunto ficou em evidência na mídia e na sociedade brasileira. Levar ao programa um estudante surdo que fez a prova para falar sobre as dificuldades que os surdos enfrentam, principalmente as barreiras linguísticas, proporcionou que os telespectadores conhecessem essas barreiras e, assim, pudessem se sensibilizar e se autoconduzir para entender a necessidade da discussão e da luta por melhor acessibilidade para as pessoas com deficiência.

4.2.1. MERCADO DE TRABALHO

Além das discussões referentes à educação escolar ou educação da população, como tentei demonstrar acima, outro assunto discutido no programa é o acesso ao mercado de

trabalho. De maneira semelhante à da educação escolarizada, o acesso ao mercado de trabalho é visto como uma conquista fundamental para a participação da pessoa com deficiência na sociedade, sua autonomia e independência.

Bianca Ramos (coordenadora de desenvolvimento institucional do movimento Down): *O acesso ao mercado de trabalho é bastante decisivo*, também, a gente tem relatos de muitas famílias, que quando a pessoa com deficiência com síndrome de Down, a pessoa com deficiência intelectual começa a trabalhar, o quanto isso *tem de impacto para a autonomia e independência dela*, porque ela também começa a conviver e se submeter a regras desse outro espaço.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/03/18)

Patrícia Santos (especialista em recursos humanos): *Gente, a inclusão é vida*, Fátima. (...) *a inclusão proporciona saúde para eles* [pessoas com deficiência], saúde física, mental, espiritual. Toda essa disposição, toda essa vontade vem, quando você tem mobilidade, *you precisa de oportunidade*. A gente tem uma *lei de cotas*, uma lei que força que as empresas acima de 100 funcionários possam contratar pessoas com deficiência. É ruim que no nosso país a gente tenha que ter uma lei que ela é punitiva, porque se a empresa não contratar, ela paga multa. Mas, *pra essas pessoas que precisam dessa oportunidade, é fantástico*, Fátima. Porque tem muita empresa fazendo programa de inclusão. (...) *Olha, a diversidade traz lucratividade*, abre pra que a gente possa conhecer as diferenças, sobre um outro olhar. Porque quem convive, na verdade, quem ganha mais são as pessoas que estão ao redor, de quem tem essa postura, de quem tem essa vontade. *A gente só precisa que se tenha disposição e dê oportunidade*. Com certeza, Fátima, *lucratividade e produtividade é o que mais a empresa pode ganhar incluindo pessoas com deficiência*.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 05/07/17)

Como foi mencionado, a inserção da pessoa com deficiência traz benefícios tanto para quem é inserido quanto para a empresa e seus trabalhadores. Esses benefícios são nomeados e expostos para que os telespectadores fiquem informados e sensibilizados acerca da importância da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, destacando que essa ação traz lucratividade e produtividade para as empresas. Desse modo, há uma condução das empresas para que façam programas de inclusão, por meio do reforço feito pela especialista em recursos humanos quanto aos benefícios, estendidos a todos os envolvidos nesse processo.

Rech (2015), em sua tese, verificou como a escola e a empresa se articulam em prol da inclusão de jovens com deficiência no mercado de trabalho e esclarece que essas práticas de incluir o deficiente no mercado de trabalho estão ancoradas na noção de responsabilidade social. Segundo ela, “com relação à inclusão de pessoas com deficiência, a responsabilidade social pode ser pensada como uma via de articulação, pois se constitui como um lócus estratégico, fazendo a mediação entre as práticas inclusivas e a cultura da empresa” (p.195). Rech (2015) percebeu um alto investimento na mobilização da empresa como um todo para receber o trabalhador com deficiência. Nos materiais que a autora analisou, é recorrente a ideia de que a empresa precisa estar mobilizada para receber essas pessoas “e, depois, para

que ocorra a sua aceitação. Isso reforça o entendimento de que, mesmo havendo uma mobilização em nível nacional na atualidade em prol da inclusão das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, esta não é uma questão tranquila.” (p.202).

Mesmo com a noção de responsabilidade social apresentada pela autora e os investimentos feitos pelas empresas, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, os convidados exprimiram suas dificuldades de inserção no mercado de trabalho por diferentes razões, como o baixo nível de escolaridade das vagas. Sobre essas dificuldades, comentarei a partir de agora.

Nas discussões sobre mercado de trabalho, são reveladas, por parte das pessoas com deficiência, as dificuldades de acessar um emprego em empresas privadas, pois estas não disponibilizam vagas para pessoas com deficiência em cargos compatíveis com a sua formação; geralmente, segundo essas pessoas, os cargos são de serviços gerais. Isso faz com que a saída para as pessoas com deficiência seja prestar um concurso público, em que seu acesso é permitido em todos os níveis. Mariana e Carla, em suas participações, contam que já cresceram ouvindo que, para trabalhar, devem fazer um concurso.

Mariana: Eu trabalho na UFSC, eu trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina, eu sou concursada lá, eu entrei por concurso público por cota pra pessoa com deficiência. Desde pequena, meu pai, minha mãe, minhas tias... *vais ter que fazer concurso público porque daí tu vai conseguir entrar mais fácil.*

Carla: É o que todo mundo fala. *Se for trabalhar, vai concurso público.*

Mariana: *Porque a empresa privada não tem a obrigação, ela tem a obrigação de contratar, mas ela pode pagar multa.* Agora a empresa pública, ela faz um concurso, ela tem que contratar as pessoas com deficiência que passaram no concurso. Então, as pessoas com deficiência acabam indo mais pro público do que pro privado. *E o privado tem essa questão da meritocracia, essa questão de cumprir meta e isso e aquilo. E, às vezes, ele olha pra pessoa com deficiência como alguém que não vai conseguir fazer isso.* Então, já põem numa atividade que não é tão na frente do público, tenta dar uma escondida, tenta botar pra fazer xerox, coisas assim, que dá uma diminuída. *E não tá acostumado com a pessoa com deficiência também, com o ensino superior.* E, quando a gente chega lá, super qualificado e não sei o que... *não tem vaga com cota pra isso, então eles vão querer me contratar pra alguma coisa mais inferior, porque eles precisam cumprir essa cota. Mas não naquela atividade que eu fui ali buscar a minha vaga, entendeu, pela minha qualificação.*

Carla: Isso é o mais comum mesmo. *São vagas bem inferiores, porque eles acham que a gente não tem a capacidade de estar num cargo superior, né, pelo nosso conhecimento, pela nossa qualificação.* (Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/08/17)

Mariana e Carla mostram que as barreiras para a inclusão no mercado de trabalho vão além dos aspectos físicos de acessibilidade aos ambientes empresariais; falta que as empresas percebam que as pessoas com deficiência são capazes de ocupar vagas em níveis mais altos de ensino. Assim, mostrando que as pessoas com deficiência também são capazes de cursar o ensino superior, elas são apresentadas como normais em relação à formação profissional, o

que sensibiliza os empregadores para que, além de cumprirem a lei de cotas, em vez de pagar a multa, disponibilizem vagas em todos os níveis das empresas. Isso conduz empregados e empregadores a perceberem as pessoas com deficiência como capazes de estudar, de qualificar-se e de desempenhar atividades profissionais em todos os níveis.

Diante dessa dificuldade em inserir a pessoa com deficiência no mercado de trabalho, a atração apresentou duas iniciativas de empresas onde o quadro de funcionários é preenchido basicamente por pessoas com deficiência. É o caso de uma cafeteria em São Paulo e de uma sorveteria em Aracajú. A cafeteria chama-se Chefs Especiais e é a pioneira em inclusão de pessoas com síndrome de Down; já a sorveteria promove a inclusão de pessoas surdas. Ambas as empresas foram mostradas em reportagens na mesma data no programa.

Simone Berti (Fundadora da cafeteria): Nós criamos o *chefs especiais* como uma forma de lazer nosso, a gente nunca imaginou chegar até aqui e isso foi unindo pessoas com deficiência, então, *fomos os pioneiros nessa inclusão de pessoas com síndrome de Down*.

Amauri: *A ideia é reproduzir essa iniciativa para outros locais, outras cafeterias, não só cafeterias, pra que as pessoas sintam. Porque é o que a gente já conversou, muitas vezes, a gente treina esses meninos e acaba que as pessoas tem um certo preconceito e não acredita que eles consigam trabalhar. Que seja uma vitrine pra que eles sejam vistos como profissionais, em qualquer área.*

(Programa Encontro com Fátima Bernardes – 11/07/17)

Na fala de Simone, aparece mais uma vez a intenção de mostrar que as pessoas com deficiência, nesse caso com síndrome de Down, são capazes de trabalhar. E, o casal fundador da cafeteria, pretende fazer isso mostrando as suas capacidades, através do trabalho de seus colaboradores. Clientes e demais empregadores são conduzidos por meio do exemplo de que as pessoas com síndrome de Down são capazes de trabalhar em diferentes funções; essas pessoas são posicionadas como normais para o desempenho dessas funções. Além da condução, há uma sensibilização para mais iniciativas que insiram as pessoas com síndrome de Down no mercado de trabalho.

Entendo que, com as dificuldades apresentadas pelas pessoas com deficiência para se inserirem no mercado de trabalho, a exibição da cafeteria Chefs Especiais vem ao encontro do que Rech (2015) percebeu a respeito da necessidade de mobilização das empresas como um todo para receber as pessoas com deficiência. Mostra-se que as pessoas com síndrome de Down são capazes de trabalhar, mas é necessária uma mobilização da empresa para que essas pessoas sejam acolhidas e mostrem suas capacidades.

Diferentemente, a sorveteria de Aracajú foi idealizada por um surdo que tinha o sonho de ser empresário e, ao mesmo tempo, queria dar oportunidade de trabalho para as pessoas que também são surdas.

Priscila Bittencourt: Quando a gente olha assim é uma gelateria como tantas outras que a gente vê por aí, só que toda a vez que a pessoa entra, ela já recebe esse cartãozinho indicando que *a comunicação aqui é um pouquinho diferente, porque todos os atendentes são surdos*. Com o tempo a gente vai aprendendo. (...) É tudo bem explicadinho, aqui tem o nome de cada sabor de sorvete. (...) Tudo isso aqui foi criado, a mais ou menos, um ano e meio, pelo Breno, que é o dono da sorveteria, ele também é surdo. *E o Breno queria, tinha esse sonho de ser empresário, mas também queria criar oportunidade de trabalho para pessoas como ele, que também são surdas*. Como é que foi essa experiência pra ele, depois de 1 ano e meio?

Breno: Então, foi muito gratificante, *mostrar para a sociedade que os surdos são capazes de fazer um bom trabalho, de desenvolver bem, e atender o público com qualidade*, né. Isso é muito importante. Eu quero ser o melhor gelato do Brasil, futuramente.

Priscila: Olha ambicioso, agora tem um detalhe, o seguinte. Essa barreira comunicativa, como é que ele sentiu a recepção do público, das pessoas que as vezes não dominam a linguagem de sinais, né.

Breno: De fato, mas aqui o surdo mostra com estratégias visuais e recursos comunicativos. Então, *a pessoa pode vir aqui, é bem atendida, tem pranchetas e ela consegue visualizar. Não há barreira nenhuma*.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 11/07/17)

É interessante perceber que as duas iniciativas são de trabalho direto com o público, o que também é uma forma de sensibilizar a população em geral, em especial, os clientes, de que as pessoas com deficiência são capazes de exercer uma atividade profissional. Mostra-se que essas pessoas têm capacidades como as de pessoas normais, o que pode conduzir telespectadores e frequentadores desses locais a buscarem iniciativas de inclusão de pessoas com deficiência em suas empresas.

Para encerrar a seção, entendo que o acesso, tanto à educação escolarizada quanto ao mercado de trabalho, discutido aqui e apresentado na atração faz parte de um novo modelo de inclusão, chamado inclusão por circulação (LOCKMANN,2016). Nesse modelo, o alvo das estratégias de governo concentra-se mais nas pessoas sem deficiência do que nas pessoas com deficiência. Como busquei apresentar aqui, as falas expressas na atração analisada são dirigidas, em grande parte, às pessoas sem deficiência, buscando uma condução para que promovam o acesso das pessoas com deficiência a esses dois espaços, considerados fundamentais para o seu desenvolvimento. Nas palavras de Lockmann (2016):

No momento em que os sujeitos anormais passam a circular pelos espaços sociais, culturais e educativos, são o sujeitos normais que se tornam alvo prioritário das estratégias de condução das condutas empreendidas pelo princípio da inclusão por circulação. São eles que necessitam subjetivar-se e sensibilizar-se à presença do anormal. Sem isso, o imperativo da inclusão por circulação fracassa. (p.13)

Nesta seção, tentei apresentar o imperativo da inclusão por circulação em andamento. Porém, neste trabalho, as falas que corroboram esse imperativo e a condução de pessoas sem

deficiência para a sensibilização quanto às necessidades das pessoas com deficiência não estão restritas a esta seção.

Nesse sentido, outras observações feitas na seção anterior também se repetem aqui, como o forte caráter normalizador das participações, com as constantes comparações das pessoas com deficiência com as pessoas sem deficiência para mostrar semelhanças e proximidades entre elas. Reforçam-se a questão do borramento de fronteiras, percebido na seção anterior, e uma forte demarcação das diferenças entre normais e anormais, nesta seção.

Por fim, a apresentadora Fátima Bernardes repete, durante algumas participações do “Papinho Cabeça”, que a função desse quadro, com a presença de pessoas com deficiência, é conhecer para não discriminar e para incluir. Porém, é importante lembrar que, como comentam Lopes e Fabris (2013), vivemos processos de in/exclusão. Isso quer dizer que, mesmo conhecendo as pessoas com deficiência, a exclusão, que não é exclusividade delas, possivelmente continue a existir. In/exclusão refere-se justamente a isto: não há uma inclusão total, nem uma exclusão total, pois as relações são maleáveis, e há momentos em que estamos incluídos em determinados grupos e momentos em que não estamos.

4.3. ESTRATÉGIAS DE GOVERNAMENTO PARA A SENSIBILIZAÇÃO QUANTO ÀS NECESSIDADES DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Nesta seção, compondo a terceira categoria da análise aqui empreendida, discuto as participações de pessoas sem deficiência que realizam ações solidárias em prol das pessoas com deficiência. Trata-se de ações de auxílio à pessoa com deficiência, em diferentes esferas, como: distribuição de próteses e cadeiras de rodas, tradução de livros e músicas para surdos, filmes e livros sobre as pessoas com deficiência, ensaios fotográficos com pessoas com deficiência, atividades realizadas no palco de se colocar no lugar da pessoa com deficiência para perceber as suas dificuldades diárias e ações de acessibilidade nos estádios de futebol. Menezes (2011) comenta que as ações de caridade ganharam novas roupagens e significados:

passando a ser produzidas discursivamente na trama dos direitos humanos, nos subjetivam para nos ocuparmos com os outros (supostamente) por uma questão de princípios morais. Tais ações têm nos constituído como sujeitos, de tal forma que se tornam imperativas na Contemporaneidade. Em termos morais, não há negociações com relação à necessidade que assumamos (especialmente conosco mesmos) de atender da forma como for preciso aquele que é produzido como necessitado da nossa atenção. (p. 166)

Percebo que, ao exibirem as ações que comentarei a seguir, os programas televisivos analisados querem o que a autora comenta – que o telespectador assuma o compromisso de ajudar as pessoas com deficiência da forma que puder. Para isso, exibem inúmeras formas de ajuda que essas pessoas necessitam, como tradução de livros e músicas, produção de ensaios fotográficos e confecção e doação de próteses e cadeiras de rodas.

Em grande parte das participações referentes a esse assunto, constatei que as ações de ajuda às pessoas com deficiência foram inspiradas por alguma dificuldade temporária que a pessoa sem deficiência passou ou pela convivência com a pessoa com deficiência ou, ainda, por ter um filho ou filha com deficiência. Destaco que há ações que não são baseadas nesses três motivos, mas a grande maioria é. Exemplo disso são as ações de distribuição de próteses e cadeiras de rodas, feitas por pessoas diferentes, mas que têm filhos com deficiência.

No primeiro caso, Giane tem uma filha que nasceu sem uma das mãos e, a partir disso, ela imaginou uma associação que pudesse produzir próteses de baixo custo para atender crianças como a sua filha e também adultos.

Solange (repórter): O mundo dessa princesinha gira em torno dos contos de fada, a começar pela mão cor-de-rosa de Dara, presente da fada mãe.

Giane: *Ao ver a alegria de uma criança recebendo uma mãozinha dessa, a minha filha mesmo chama de mãozinha de princesa.*

Solange: *É uma prótese, resultado da batalha incansável dessa mãe. Desde que a filha nasceu sem uma das mãozinhas, Giane passou a buscar respostas, descobriu que a menina teve a síndrome da brida amniótica, que provoca no feto a má formação de alguns membros. E, também é chamada agenesia. Aí ela partiu em busca de soluções e viu que era possível fazer próteses usando uma impressora 3D. Antes mesmo da filha, Giane passou a ajudar outras pessoas. No pequeno município de São João do Ivaí montou a “Associação dar a mão”, que fornece próteses de graça para adultos e crianças de todo o país. Tudo coordenado por uma equipe de pesquisadores da PUC de Curitiba, que desenvolve próteses de baixo custo para garantir a inclusão social.*

Professor da PUC: *Por exemplo, uma criança com uma prótese que a gente desenvolve, ela consegue andar de bicicleta, tocar violão, escrever, ela tem uma vida normal.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 15/08/17)

Giane foi sensibilizada já dentro de casa a respeito das dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam e, a partir disso, buscou soluções, como está expresso na reportagem. Ela é apresentada como uma mãe incansável que se torna heroína para ajudar a filha a ter uma vida mais funcional e normal. Nesse caso, a prótese proporciona uma normalização da pessoa com deficiência, uma vez que ajuda a realizar atividades da vida diária e de lazer comuns às pessoas sem deficiência. Ao conhecerem a história de Giane, os telespectadores são conduzidos a serem mães incansáveis e batalhadoras, mas, se não forem mães, a ajudarem as pessoas com deficiência com próteses ou outros mecanismos que

favorecem que elas tenham mais funcionalidade e consigam viver próximas das condições de normalidade.

Giane não foi a única mãe que buscou ajudar as pessoas com deficiência semelhante à da filha. Em outro episódio, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* falou sobre a importância de garantir a locomoção das pessoas com deficiência e apresentou a história da ONG One by one, criada por Teresa Stengel e Juliana Mendes, ambas mães de pessoas com deficiência física.

Juliana Sana: (...) Hoje eu vou numa festa especial. Ela é organizada por uma ONG focada em dar mobilidade para crianças com deficiência. (...) O que vocês estão celebrando hoje?

Teresa: *A alegria, a inclusão, aniversário e a gente sempre fala de um a um a gente faz a diferença. Nós temos filhos especiais, mas como podemos nos ajudar, nos juntar, para fazer a diferença na vida dessa mãe e dessa criança.*

Juliana Mendes: *Eu acho que a gente já teve várias crianças que vieram o mundo na horizontal e quando a gente deu uma cadeira, eles passaram a ver o mundo na vertical. Essa já é a primeira diferença. Você ver o mundo assim e, de repente você vê o mundo... tá aqui na sua frente. Entendeu?! (...) Uma mãe vem, dá um abraço mais apertado na gente, a gente dá um abraço mais apertado neles, eles se sentem... eles não estão sozinhos, o que é o mais importante.*

Juliana Sana: A Tânia é mãe da Juju, que ganhou essa cadeira da “One by one”. Como é que era a vida dela antes de ter a cadeira?

Tânia: Então, era muito complicado porque quando a criança tem um ano, dois anos, a gente ainda consegue carregar nos braços, daí quando a criança começa a crescer fica muito complicado. *A minha qualidade de vida e a qualidade de vida da Ana Júlia mudou muito, ela teve mais mobilidade, a gente pode passear com ela, né, pode ir pra escola.* Então, foi uma coisa assim, realmente maravilhosa.

Juliana Sana: E o que é participar dessa festinha?

Tânia: (...) Eu sei que cheguei e até chorei. Eu falei pra dona Tereza que estar aqui hoje, pra nós, *é muito significativo porque a nossa vida não é fácil. O que é felicidade né... é a gente aproveitar cada segundo, cada momento que a gente pode ser feliz.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 05/07/17)

Além da exibição da reportagem acima, Juliana e Teresa foram até o programa junto com pessoas com deficiência que receberam cadeiras de rodas da ONG. Nessa participação, elas destacaram o custo alto das cadeiras de rodas, que, para elas, é um item básico para a pessoa com deficiência física ter mobilidade, socializar, frequentar a escola, o mercado de trabalho, enfim, participar da vida em sociedade. Salientaram que ajudar a criança é também ajudar a família inteira, pois, se a criança não possui cadeira de rodas e por isso não pode sair de casa, a família também fica à margem da vida em sociedade. A ONG não distribui apenas cadeiras de rodas, mas também cadeiras de banho, fraldas, leite e cestas básicas.

Do mesmo modo que Giane, Juliana e Teresa foram sensibilizadas dentro da família, a partir das dificuldades com os filhos; Ao levarem para o programa os inúmeros prejuízos que ser privado de uma cadeira de rodas oferece à pessoa com deficiência física, sensibilizaram os telespectadores acerca da necessidade de ações como a que elas desenvolvem, conduzindo

outras pessoas a promoverem ações que favoreçam a mobilidade e qualidade de vida das pessoas com deficiência. Mais ainda, incentivam outras pessoas a também se constituírem como sujeitos solidários.

Essas ações solidárias apresentadas podem ser chamadas de ações inclusivas e operam sobre todos os sujeitos. Menezes (2017) compreende que essas ações, “que em um primeiro momento foram narradas como ações a serem desenvolvidas com os sujeitos com deficiências, ao conquistarem a forma imperativa, se mostram operando sobre todos os sujeitos, e não mais exclusivamente sobre um grupo específico deles.” (p. 117). A autora entende que só se tornou possível falar em inclusão de pessoas com deficiência a partir dessa mobilização de todos. Acrescento que essa mobilização se dá em vários níveis; um deles é o das ações apresentadas nesta seção, que procuram auxiliar a pessoa com deficiência em diferentes esferas.

Destarte, a cadeira de rodas aproxima a pessoa com deficiência de uma normalidade, pois com ela pode frequentar a escola e os demais espaços sociais e públicos que as pessoas sem deficiência frequentam. Isso favorece que o imperativo de Estado da inclusão (Lopes; Rech, 2013) seja cumprido. Como comentei no Capítulo 2, inclusão como imperativo de Estado significa que ela deve atingir a todos sem distinção e independentemente dos desejos dos indivíduos, ou seja, todos devem estar incluídos.

Para as pessoas com deficiência física, compreendo que uma das maneiras de cumprir o imperativo da inclusão é a distribuição de próteses e cadeiras de rodas. Porém, para pessoas com outras deficiências, outras ações são necessárias, como a conversão de livros para Braile ou áudio, no caso dos cegos, e a tradução de músicas em LIBRAS para os surdos. Ações como essas também foram discutidas no programa *Encontro com Fátima Bernardes*. Ana Ester, por exemplo, é escritora e idealizou o projeto “Literatodos”, com a ideia de permitir que todas as pessoas possam se envolver com a literatura e se apaixonar pelos livros.

Ana: *Literatura acessível para todos mesmo e, nós começamos com deficientes visuais, cegos e baixa visão, é uma integração.* Na verdade, é o seguinte, quando eu fui pesquisar e eu já tive um problema sério de visão, quando eu fui pesquisar audiolivro e braile, tem muito. As opções disponíveis são clássicos da literatura, o que cai em vestibular, livros de autoajuda, livros religiosos e alguns didáticos. E a literatura brasileira contemporânea que tem tanta gente trabalhando?

Marina: Eu acho que esse projeto não só pra nós pessoas com deficiência é importante, mas *pra que os autores percebam que existe um público e, que, de repente, o público não vai conseguir ler aquela obra em papel.* Que ele vai precisar de uma outra forma, então acho que isso é o mais importante.

Ana: E o projeto tá em duas vidas, né. *Propiciar literatura pra quem não tem acesso visual e também fazer uma ponte, quebrar paradigmas de editoras e escritores.* Porque, muitas vezes, nós esquecemos que existe um público de *6 milhões de deficientes visuais* e às vezes, a gente não escreve pra eles. Ou então, *fazemos personagens deficientes caindo no erro do estereótipo né.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 21/02/18)

Ana, a partir de uma dificuldade de visão temporária, percebeu a necessidade de as pessoas com deficiência visual acessarem todos os tipos de livros. A partir disso, desenvolveu o seu projeto, que, além de ajudar as pessoas com deficiência, quer sensibilizar os escritores a adaptarem suas obras a essas pessoas; para isso, enfatiza a quantidade de pessoas com deficiência visual no país. Ao revelar o número de leitores que podem ser atingidos se os livros forem adaptados, Ana tenta conduzir os escritores a publicarem seus livros em diversos formatos, promovendo o acesso a todos. Promover o acesso de pessoas com deficiência a todos os tipos de livro, em especial, aos lançamentos, aproxima essas pessoas da normalidade por poderem consumir os produtos no mesmo instante em que as pessoas sem deficiência o fazem.

Diferentemente de Ana, Alexandra, que é cantora e estudante de música, não teve nenhuma dificuldade em escutar música, mas ficava inquieta pensando em como as pessoas que não escutam poderiam interagir com o seu trabalho e o de outros artistas. Por isso, ela criou um canal no YouTube em que, enquanto canta, o professor de LIBRAS Fernando interpreta as músicas.

Alexandra: A música é algo que tá aí. Eu acho que ninguém vive sem e eu fiquei pensando “poxa, e os surdos, como é que faz”, como é que faz pra eles sentirem a mesma emoção que a música passa né. Eu costumo dizer que a música é a única coisa que consegue mudar o nosso estado de espírito, assim, instantaneamente. E aí foi o que eu fiz o convite pro Fernando, né.

Fátima Bernardes: Fernando e aí você traduz, quer dizer, as letras. Você traduz a letra pra LIBRAS e traduz também a emoção, porque eu acho que tem que ser mais do que só a letra?

Fernando: Sim, *na realidade com a língua de sinais, o corpo completamente fala*. Se você puder ver alguns vídeos na internet, você tem que passar, são informações que são icônicas, são metáforas. Então, de alguma forma, *eu tenho que passar o sentido da música e colocar ele no meu corpo pra que o surdo entenda. Alguns surdos veem isso com maus olhos, né. (...) Quando tu transportas a emoção, quando tu pega o significado da música e consegue fazer com que eles entendam, através do teu corpo, é magnífico. A receptividade dos nossos vídeos foi muito boa. A aceitação dos surdos, tanto do nosso estado quanto de quem viu nas redes sociais foi, assim, excelente e por isso nos conduziu a fazer mais material.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 10/08/17)

Assim como o projeto de Ana tem o objetivo de proporcionar o acesso às pessoas com deficiência visual à literatura do momento, ao que todos estão lendo, o projeto de Alexandra e Fernando tem o mesmo intuito com relação à música e aos surdos. Essas ações proporcionam que a pessoa com deficiência consuma os mesmos produtos que as pessoas sem deficiência, aproximando-as da normalidade ao fazerem parte do mercado consumidor. Além disso, mostrar essas ações sensibiliza e conduz outras pessoas a produzirem materiais acessíveis às

peças com deficiência. No caso da música, há cantores que já estão colocando o intérprete de LIBRAS no canto do clipe da música, e ações como a de Alexandra e Fernando estimulam que mais cantores façam isso.

Menezes (2011) comenta que, pela influência que a televisão possui em nosso país, a aliança Governo/mídia televisiva produz efeitos significativos no convencimento de todos sobre a necessidade de oferta de práticas inclusivas na sociedade “e sobre a importância de todos nos envolvermos e nos responsabilizarmos com a oferta dessas práticas [inclusivas], assumindo compromissos com relação ao favorecimento da participação, sem restrições, na vida social pelas pessoas que possuem deficiências” (p.67). Nesse sentido, mediante essa aliança explicitada pela autora, ações como as que discuto nesta seção são apresentadas com frequência não só nos programas analisados nesta dissertação, mas também em jornais e novelas dos mais diferentes canais brasileiros, para que todos possam ser sensibilizados a assumirem o compromisso de proporcionar uma melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência a partir de diferentes ações solidárias.

Além de tratar da necessidade do acesso a esses materiais, o programa também abordou filmes e livros sobre pessoas com deficiência escritos por pessoas sem deficiência. Entendo que esses materiais vêm ao encontro do entendimento que a apresentadora Fátima Bernardes expressa quando leva as pessoas com deficiência à escola, ou seja, de que conhecê-las favorece perceber semelhanças. Acrescento conhecer para sensibilizar-se com suas necessidades e capacidades, a partir do modo como essas pessoas são apresentadas no programa.

Na atração, foram abordados dois filmes sobre pessoas com deficiência. Um deles é *Cromossomo 21*, escrito, dirigido e desenvolvido por Alex Duarte, que foi até o programa para falar sobre a produção. No filme, uma jovem com síndrome de Down apaixonou-se por um rapaz sem deficiência e vai enfrentar uma série de preconceitos por conta dessa paixão. Segundo Alex, o filme quer mostrar que as pessoas com síndrome de Down podem chegar aonde elas quiserem. No programa, ele conta como teve a ideia do filme, que partiu de sua amizade com uma menina com síndrome de Down, que também é a atriz do filme.

Alex: Há 7 anos atrás, eu morava em São Luís Gonzaga, que é uma cidade do interior, eu sou natural de lá, e eu trabalhava num jornal, como redator e fui fazer uma matéria. E eu fui incumbido de fazer uma matéria sobre uma jovem, a *Adrielle, que tinha passado no vestibular pra nutrição, e quando eu cheguei pra fazer a pauta, eu cheguei com o “pré-conceito” que a gente chama, que como tu cérebro ainda não viu, você acaba julgando e interpretando. Eu disse: será que ela vai dar conta de responder essas minhas perguntas. E aí eu fui fazer a entrevista e ela me fez uma primeira pergunta, e a pergunta foi: Alex, você tem um bom e melhor amigo? E eu respondi: sim, eu tenho, por quê? Porque eu não, lá*

de vez em quando, alguém me convida para sair, para tomar um sorvete, por obrigação, mas sair para contar as minhas confidências, para ter uma vida social, eu não tenho, a não ser com a minha família. *Será que você pode ser o meu melhor amigo?*

E aquilo, caraca, me quebrou inteiro. Foi o primeiro impacto que eu tive, e eu fui dormir com aquela pergunta na minha cabeça, e eu havia dito que “sim, eu quero ser seu melhor amigo”. E, *durante sete meses, eu comecei a conviver com a Adrielle, conviver em São Luís Gonzaga com ela. E foram os sete meses mais intensos da minha vida, e foi quando eu descobri que eu queria fazer um filme sobre isso.* Uma ficção, que virou *Cromossomo 21*, em que, na verdade, descobri a Adrielle como atriz, porque ela é uma atriz que aconteceu através do *Cromossomo 21* e que vem ganhando muitos prêmios no Brasil e fora do Brasil também.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 01/12/17)

Alex, que teve o seu preconceito “quebrado” em uma entrevista com Adrielle e, posteriormente, com uma amizade, sensibilizou-se com a amiga e fez um filme para mostrar que as pessoas com síndrome de Down são capazes ou, nas palavras dele, podem chegar aonde quiserem. Alex foi sensibilizado com a convivência e conduzido a perceber as pessoas com síndrome de Down como pessoas que podem ser o que quiserem, assim como as pessoas sem deficiência. Desenvolveu o filme para sensibilizar outras pessoas com relação a isso e conduzi-las a perceber essas pessoas como capazes de tudo, mostrando-as como normais.

O filme de Alex mostra a capacidade das pessoas com síndrome de Down por meio de um romance, o que se assemelha ao filme *Altas expectativas*, inspirado na história de amor entre Gigante Leo e Carol Portela, que comentei no final da seção 1 deste capítulo. A direção do filme é de Álvaro Campos e Pedro Antônio, mas no programa quem conta a história do filme é o Gigante Leo.

Gigante Leo: A história de amor, entre o Décio, que é o treinador de cavalos, pela Malena, que é feita pela Camila Bardiman, e que ergue o café no Jockey Clube. E ela tem uma questão que ela não consegue rir, devido a vida dela, desgostos, e aí ela não consegue rir. *E o único que consegue fazer ela rir é o Décio. Então, através disso que ele conquista o amor e o olhar dela. E ele disputa, (...) ele tem que disputar com o Bira Cortraz, o Flavinho do filme, o amor por ela. (...) Mas o filme, Fátima, além de falar sobre toda essa questão. Eu acho que a principal mensagem do filme: acho que ele fala sobre olhares, que a gente tá tão falando aqui. O olhar para o outro, o olhar de se colocar no lugar do outro, o olhar de amor de verdade. Quando a gente ama de verdade, não é essa coisa da boca pra fora, é você ficar altruísta, você se coloca no lugar do outro. Você se aproxima do outro, com delicadeza, com carinho e eu acho que é esse olhar, muito mais do que a questão do humor, a questão do olhar tá faltando no mundo de hoje. A gente vê tanta violência, tanta gente se matando, tanta loucura, tanta coisa, que você fica assim “ai, meu Deus”. Mas por quê? Porque falta esse olhar, o olhar para o outro, o outro que pode pensar diferente de você, que pode ser diferente de você, mas se você conseguir se colocar no lugar do outro, o mundo vai ser muito melhor.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 08/12/17)

Altas expectativas, mesmo sendo humorístico e explorando a relação amorosa entre uma pessoa com nanismo e uma pessoa sem deficiência, para Gigante Leo, trabalha com o olhar, e ele profere todo o discurso acima a esse respeito, sobre a necessidade de olhar para o

outro, colocando-se no lugar dele, assim sensibilizando o telespectador a emitir um olhar amoroso para as pessoas com deficiência, sem preconceitos, e buscando uma condução das pessoas sem deficiência para o respeito ao diferente como chave para um mundo melhor.

Dentro dessa ideia de olhar para a pessoa com deficiência com amor, alguns convidados inspiraram-se nas suas relações com essas pessoas para escrever livros e informar sobre a deficiência e/ou sobre como é possível conviver com ela e dar amor. É o caso de Alessandra, mãe de Clarice, que escreveu *As aventuras de uma criança Downadinha*, que conta a história da filha e de sua inclusão em uma escola regular. Fátima Bernardes fez um resumo do livro, que foi comentado pela mãe:

Fátima Bernardes: Olá, eu sou a Clarice, *sou uma garotinha muito especial, sou feliz e adoro fazer amigos*. Tenho um irmão, Leo, eu adoro ficar olhando pra ele, aprendendo muitas coisas novas. A gente às vezes briga, mas eu adoro ele. Adoro ir pra creche, para praia, teatros, aproveito cada momento. No parquinho, aprendi com o papai a subir no trepa-trepa e o escorrega de criança grande, mas meu brinquedo preferido é o balanço. Na aula de capoeira, posso jogar minhas pernas pro alto, como gosto de fazer, faço estrela, me abaixo para o amigo passar a perna por cima de mim, danço. A minha aula preferida é a de ballet. Mamãe me disse que eu tenho um brilho especial nos olhos quando é dia de ballet. Adoro colocar a roupa, meia, sapatilha, fazer pose de bailarina com a mão na cintura e na pontinha dos pés. Só não gosto de prender os cabelos.

Alessandra: Coisa linda, a gente quis demonstrar em “As aventuras de uma criança downadinha”, na verdade, *é aventura da vida*. Porque primeiro, você já bate com a possibilidade de aborto. Quem às vezes sabe que a criança vai ter alguma deficiência, aborta. Ou quando nasce, não a recebe com esse amor, ou não aceita. *Então, a gente viu muitas histórias da não aceitação, dentro da própria família. Não é só na escola, não é só na sociedade de forma geral, mas é na família. E, a gente também, como mãe, internamente, a gente também tem que vencer as nossas questões, as nossas inseguranças.*

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 28/06/17)

Alessandra quis mostrar a aventura da vida, segundo ela, mas vejo que quis mostrar que sua filha faz as mesmas atividades que uma criança normal, apresentando-a como normal, algo que é comentado pela apresentadora. Ainda, sensibiliza as famílias, apontando que a inclusão da pessoa com deficiência começa pela família; isso conduz as famílias a aceitarem e incluírem as pessoas com deficiência para que o mesmo ocorra na escola e na sociedade.

Outro livro apresentado no programa foi *Meu amigo autista*, escrito por Maria Eduarda, de nove anos, que, ao receber em sua escola um menino autista, sentiu necessidade de saber mais sobre sua condição, porém, só encontrou livros com saberes técnicos e não adequados à sua idade. Por isso, com a ajuda da mãe, escreveu o livro, que foi ilustrado por uma colega, contando sobre as pessoas autistas e sobre suas brincadeiras com o amigo. A participação de Maria Eduarda foi sugerida no CAT da emissora.

Maria Eduarda: Ele chegou na minha sala, todo mundo já tinha percebido que ele tinha alguma coisa, porque ele chegou, ele queria morder todo mundo. Ele ficava andando pela sala e fazia uns deveres diferentes dos nossos. (...) eu perguntei para a mediadora dele: “tia, o que ele tem”? Aí ela: “*ele tem autismo*”. (...) Então, eu pedi para ela [mãe] comprar um livro sobre autismo para eu ler. E a gente passou na livraria, só que não tinha nada. Só sobre moléculas, fórmulas, uma coisa que eu não entendi nada. *Só livro de adulto*. (...) Eu pedi para ela pegar uns textos na internet e eu fui lendo e criando uma comunicação com ele. Hoje a gente tem várias brincadeiras, e ele está mais calmo. (...) *Os meus amigos me viam brincando com ele, alegre, e todo mundo, eles começaram a brincar com ele também. Incluindo ele na turma*. (...) Eles [autistas] têm algumas limitações. É como tocar, ele, o meu amigo, o autismo dele é o clássico, é muito severo, ele não sabe falar, também prejudicou muito a escrita e a leitura dele. Ele não sabe ler, nem escrever. (...) *Eu ensinei várias brincadeiras para ele*.

Adriana (mãe de Maria Eduarda): Tudo que ela me questiona, eu busco para ela as informações complementares. É o que a gente, enquanto pai e mãe, quando você se compromete a ser pai e ser mãe, você tem uma missão de dar educação para o seu filho, de dar o sustento. Mas você *tem uma missão muito maior, que é torna-lo um ser humano capaz de perceber o outro, as necessidades do outro*.

Michele (mãe de João): (...) o João vinha de um histórico de que não conseguia fazer amigos. A Maria Eduarda é a primeira amiga dele, neurotípica.

Antônio (pai de João): É uma realização muito grande. A partir de agora, o João Pedro tem 10 anos, a gente começa a ver uma nova evolução na vida, em que a gente tem os nossos filhos bem pequeninhos, os outros filhos, que os coleguinhas já chamam para ir a uma festinha, não é? E está acontecendo agora. *Praticamente o nosso primeiro ano de vida do João Pedro, de ter uma amizade assim, ter essa família maravilhosa da Maria Eduarda*.

(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 12/04/18)

A participação de Maria Eduarda traz uma responsabilização dos pais das crianças sem deficiência para que ensinem seus filhos a enxergarem as necessidades do outro e, se necessário, terem atitudes como a da menina, de tentar incluir o colega. Reforça-se o que Lockmann (2016) e Corrêa (2017) apontam, de que as políticas de inclusão hoje têm um foco maior nas pessoas sem deficiência. Com isso, há uma sensibilização e uma condução dos pais de crianças sem deficiência para que eduquem seus filhos para a promoção da inclusão de pessoas com deficiência. Nessa participação, João Pedro não está presente, mas seus pais estão e comentam sobre o momento difícil do filho ao ter sido convidado a retirar-se da escola onde estava e, no meio do ano letivo, entrar na escola onde Maria Eduarda estuda. A fala dos pais é bastante emocionada, mas não há uma grande repercussão no programa a respeito disso; apenas o especialista convidado, o psicólogo Rossandro Klinjey, pede para falar sobre a situação.

Rossandro: Fátima, me permita dá um recado. *Uma escola que se recusa a incluir uma criança não é uma escola*. A gente não pode aceitar que um lugar que convida um filho a sair seja chamada de escola. *Você veja o poder que a inclusão tem, um olhar de afeto de uma criança, que emprestou o prestígio dela de incluir*, porque nessa fase, a gente quer ser igual a todo mundo. A gente não que tá com quem é diferente, mas ela fez o contrário, ela fez o movimento de aproximar de quem é diferente. (...) *Parabéns por insistirem em educar o filho de vocês, parabéns por fazer uma criança tão linda*.
(Programa *Encontro com Fátima Bernardes* – 12/04/18)

Rossandro, em seu recado, busca sensibilizar os telespectadores, evidenciando que a escola é um lugar de inclusão e que, se ela não incluir, não pode receber essa denominação. Com isso, tenta conduzir os telespectadores para o entendimento de que as instituições escolares e os profissionais que delas fazem parte devem buscar meios de incluir as pessoas com deficiência. Ao parabenizar os pais, tanto de Maria Eduarda quanto de João Pedro, incentiva que outros pais não desanimem com relação à inclusão de seus filhos e que os responsáveis por crianças sem deficiência estimulem seus filhos a adotarem posturas inclusivas, de respeito e tolerância à diferença.

Entendo que, por diferentes estratégias, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* tenta conduzir seus telespectadores, convidados e plateia para uma conduta de inclusão frente às pessoas com deficiência. Isso ocorre de diferentes modos, como demonstrei nesta seção, seja mostrando ações de distribuição de próteses e cadeiras de rodas que facilitam a locomoção e a realização das atividades da vida diária das pessoas com deficiência física, seja por ações de acessibilidade a livros, músicas ou filmes que ilustram a vida e dificuldade das pessoas com deficiência. A estratégia de condução é explicitada no momento em que são descritos os benefícios que essas ações proporcionam às pessoas com deficiência. A partir disso, é possível induzir outras pessoas a realizarem ações que tragam os mesmos benefícios.

De outro modo, o programa *Esporte Espetacular* também abordou a necessidade de ações de acessibilidade para as pessoas com deficiência. Um exemplo disso é a reportagem sobre a acessibilidade nos estádios de futebol, exibida no quadro “Valor em jogo”, onde são apresentados temas relevantes socialmente. A apresentadora Fernanda Gentil introduz a reportagem comentando que, dos mais de 200 milhões de brasileiros, 45 milhões têm algum tipo de deficiência e que essas pessoas enfrentam o preconceito na escola, no trabalho e nas ruas e, muitas vezes, são excluídas da sociedade. Segundo o apresentador Felipe Andreoli, para algumas delas, existe um lugar onde todas essas dificuldades ficam de lado, pelo menos durante 90 minutos: o estádio de futebol.

(...)

Nathalia: Eu tenho uma distrofia muito rara na retina, que chama retinose pigmentar sem pigmento, minha retina é morta e todo o meu olho não.

Ronaldo: Foi acidente automobilístico e aí na batida eu tive uma lesão, que eles chamam de chicote, o pescoço foi pra frente e voltou. Aí eu tive uma visão na cervical.

Renato (pai de Renato): O Renatinho nasceu de prematuridade extrema, teve um descolamento placentário durante a gravidez e, provavelmente, também diminuiu a oxigenação cerebral dele.

Paulo: A partir dos 6 meses de idade, eu sofri uma febre alta, minha mãe estava internada, e quem ficou comigo na responsa, infelizmente, viu que eu estava com a febre alta, não foi ao pronto-socorro e aí houve a consequência, que foi a poliomielite.

Fernando: Minha educação foi excelente, foi exemplar, e tudo eu devo aos meus pais, foram eles que me educaram. (...) *a nossa luta é pela inclusão das pessoas. Pode ir para uma balada, pode ir para o futebol, para vários lugares, não tem limitação nenhuma.* Vamos, nação tricolor.

Nathalia: *Se eu não assistisse a futebol, se eu não fosse ao cinema, se eu não fosse ao teatro, eu não ia fazer nada. Assim, não é uma mala leve de carregar, mas logo depois eu falo: “Cara, se eu não carregar, ninguém vai vir aqui pegar ela pra mim”. Gostar de futebol e torcer para o flamengo me ensinou muita coisa. Me ensinou que nem sempre a gente ganha, que a gente vive numa democracia, que nem sempre a nossa opinião prevalece, que é preciso estar unido para conseguir alguma coisa.*

Paulo: O Corinthians, quando ele ganha, ele me torna cada vez mais feliz. Quando perde, fica aquela rodeia de você falar “mano, amanhã vai ganhar”. *É o ciclo da vida, hoje eu perdi, mas amanhã eu vou ganhar. Hoje eu estou embaixo, mas amanhã eu vou lutar para estar lá em cima, sabe?* Eu passei por várias dificuldades, que era para eu poder desistir, mas aí eu ergui a minha cabeça, levantei e falei “vou seguir em frente”. (...)

Renato: *O esporte para mim é uma fonte de inspiração para vencer a batalha diária que as pessoas com deficiência enfrentam todos os dias.* A vida não tem que trazer uma coisa até mim, eu que tenho que buscar meus objetivos dentro da vida. Porque, se eu for esperar alguém fazer os meus objetivos por mim, quem é que vai fazer?

Fernando: *Eu me sinto bem acolhido dentro da Arena [do Grêmio] porque tem vários tipos, assim, de pessoas com deficiência, e a nossa causa é essa. É a inclusão social.* Podem ir todos os tipos de deficiência, inclusive a síndrome de Down. A sociedade faz uma coisa que a gente não gosta muito, que é preconceito. E a nossa luta é desfazer esse preconceito, mas tem que ter respeito por nós, esse é o principal.

Ronaldo: O futebol, sem dúvida, talvez é o espaço mais democrático que existe no mundo, porque você tem pessoas convivendo de várias raças, de várias crenças, aí vêm várias pessoas com deficiências, cada um dentro da sua individualidade. Na hora em que a bola rola lá e a gente começa a torcer, não tem diferença, todo mundo está aqui com o mesmo objetivo. (...) Aqui as diferenças ficam para trás, não tem diferença. (...)

Nathalia: As pessoas acham que: “Ah, beleza, cego não faz nada, deficiente, cadeirante, deficiente auditivo, idoso, não precisa fazer nada”. Cara, a gente precisa viver. *Eu, quando estou no estádio, eu me sinto parte da torcida do Flamengo. Eu esqueço que eu sou mulher, que sou negra, que eu sou deficiente.* (...) *As pessoas não nos consideram. Eu que sou cega, e as pessoas que não veem, isso é o mais surreal.*

(Programa *Esporte Espetacular* – 10/12/17)

Essa reportagem tem o título “Acessibilidade nos estádios de futebol” e traz relatos de pessoas com diferentes deficiências que contam sua história de amor com os times de futebol e como esse esporte lhes ensinou a enfrentar a deficiência, a lidar com as perdas e a enfrentar as batalhas da vida. Destaco que essa não é uma reportagem que incentiva as pessoas com deficiência a frequentarem o estádio de futebol, mas que mostra que essas pessoas lutam para frequentar esse espaço, que faz parte da sua inclusão social, e que, para se sentirem parte da torcida, precisam do respeito das pessoas sem deficiência que a compõem. Além disso, durante a exibição, o programa mostra a chegada das pessoas ao estádio, com o acesso a rampas e pisos táteis para que possam acessar as arquibancadas para assistir à partida.

Ao mostrar a paixão das pessoas com deficiência pelo futebol, os benefícios que o esporte trouxe às suas vidas e as adaptações que os estádios fizeram para que elas pudessem

frequentá-los, o programa conduz tanto torcedores quanto equipe diretiva dos clubes de futebol a promoverem acessibilidade às pessoas com deficiência e, além disso, o respeito e aceitação dessas pessoas. Ainda, sensibiliza para o entendimento de que o sentimento de amor pelo clube é o mesmo das pessoas normais, mostrando as pessoas com deficiências como normais, devendo ser incluídas nesse espaço social.

Entendo que as participações discutidas nesta dissertação de um modo geral, mas em especial as que são dirigidas às pessoas sem deficiência, conforme trouxe nas duas últimas seções, parecem buscar produzir subjetividades inclusivas (Menezes, 2011):

[...] as subjetividades que nomeio como inclusivas são, então, aquelas que se ocupam de si e dos outros para que todos tenham condições de investimento em si na busca do desenvolvimento de habilidades, competências e aprendizagens a partir da racionalidade neoliberal, procurando incluir-se nas redes de consumo dessa sociedade e nelas permanecer. São subjetividades que não poderão cessar nunca de se auto investir, afinal, a iminência da exclusão as acompanhará permanentemente; por isso, o que se busca é a condição de um estado inclusivo, e não uma condição de inclusão, uma vez que, no modo de vida da sociedade contemporânea, a conquista dessa condição não é garantia de sua permanência. (p.34)

Entendo que, ao buscarem sensibilizar os telespectadores para que se ocupem das necessidades das pessoas com deficiência, enfatizando suas capacidades, as atrações analisadas pretendem conduzir subjetividades inclusivas, ou seja, sujeitos que se preocupam consigo e com o próximo. Essa preocupação precisa ser permanente, pois são necessários inúmeros investimentos para que as pessoas com deficiência, nesse caso, além de serem incluídas, permaneçam incluídas. Talvez por isso tenhamos tantas participações no recorte temporal analisado, como uma maneira de convocar/conduzir subjetividades inclusivas constantemente.

Reforço que, ao fim e ao cabo, as ações de inclusão das pessoas com deficiência ocorrem para que todos possam fazer parte do jogo neoliberal. Nas palavras de Menezes (2017): “incluímos para possibilitar que, pelo menos minimamente, todos desenvolvam condições de concorrência, de maneira que ninguém escape ao jogo econômico do neoliberalismo.” (p. 107). Assim, as ações que mostrei nesta seção colaboram para que os sujeitos beneficiados possam participar do jogo neoliberal, circulando pela sociedade e consumindo bens e serviços.

Por fim, nesta seção, procurei demonstrar as diferentes pautas em que foram tratadas as necessidades das pessoas com deficiência – seja em relação à acessibilidade, seja quanto às necessidades básicas de locomoção – ou exaltadas as suas capacidades. Com essas pautas, as atrações buscaram sensibilizar os telespectadores, convidados e plateia para que ajudem as

peças com deficiência, promovendo distribuição de cadeiras de rodas ou consumindo filmes para melhor conhecer essas pessoas; enfim, apontam-se diferentes formas de ajuda para que essas pessoas participem da vida em sociedade. Para finalizar, por meio da ideia “conhecer para perceber semelhanças”, expressa pela apresentadora do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, essa atração mostrou que as pessoas com deficiência estão próximas da normalidade, possuindo capacidades, sonhos, desejos e necessidades semelhantes às das pessoas sem deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não somos borboletas, mas, assim como elas, passamos por metamorfoses. Acredito que nenhum termo defina melhor esses dois anos que vivi no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Em 2017, quando ingressei, já conhecia um pouco de Foucault, já tinha feito um trabalho de conclusão de curso usando suas ferramentas e participado de grupos de estudos. Porém, não tenho vergonha de admitir que cheguei com uma ideia, mas não com um projeto fechado. Queria pesquisar os efeitos da inclusão de pessoas com deficiência nas pessoas normais. Como eu ia fazer isso, ainda não tinha bem definido.

Durante os dois anos de curso, tive a oportunidade de conhecer mais sobre Foucault, inclusive sobre sua vida íntima, e também sobre outros autores. Tive aula com professores que jamais imaginei conhecer pessoalmente. Isso foi muito interessante para ampliar meus horizontes e visões sobre o autor que estudo, a educação, a vida. Com essas experiências, lembrei-me do que um professor da época do cursinho pré-vestibular dizia: “Todo mundo merece estudar na UFRGS”. Foi o que senti nesse período – uma vontade de compartilhar os aprendizados e vivências com outras pessoas. Por isso, acho que todos aqueles que quiserem deveriam poder usufruir de tudo que a universidade pública, gratuita e de qualidade nos oferece.

Posto isso, esta investigação surgiu de uma inquietação com a multiplicação de reportagens e notícias veiculadas em programas de televisão relacionadas à pessoa com deficiência. Eram novelas, concomitantes com programas específicos para tratar de pessoas com deficiência em canais fechados, inúmeras reportagens em programas de entretenimento, quadros e reportagens em programas esportivos, enfim, eram materiais para todo lado. Com tantos materiais, foi necessário fazer cortes, delimitar o que seria analisado e refinar ferramentas. Esse trabalho resultou nesta dissertação, que traz um olhar diante dos inúmeros olhares que poderiam ser dirigidos para os programas analisados; reconheço que as ferramentas e noções exploradas poderiam ser muitas outras, e escolhemos norma e seus correlatos, modos de subjetivação e governmentação. Utilizo o plural porque as delimitações foram feitas a muitas mãos, entre grupo de orientação e banca de qualificação.

A partir dessas delimitações, definimos que os programas a serem analisados seriam *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*, pois neles a pessoa com deficiência fala de sua vida, ou outra pessoa sem deficiência a expõe, de modo que nessas falas podemos perceber estratégias de governmentação, dentre elas, os modos de subjetivação. Assim, o

problema desta pesquisa foi: quais estratégias de governo estão presentes nos programas *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular* quando tratam das pessoas com deficiência? Para ajudar a responder essa pergunta, mobilizei um objetivo geral: analisar as estratégias de governo que estão presentes nos programas televisivos *Encontro com Fátima Bernardes* e *Esporte Espetacular*. Com a definição de problema e objetivos desta pesquisa, construí esta dissertação buscando respondê-los. Para isso, escrevi quatro capítulos. Nos três primeiros, apresentei a metodologia e o embasamento teórico; no último, fiz as análises e operei com as ferramentas.

As problematizações foram divididas em três categorias: (1) história de vida, (2) educação e mercado de trabalho e (3) ações solidárias. A primeira contempla as duas atrações, com falas em que as pessoas com deficiência comentam sobre sua vida e os diversos aspectos relacionados a ela. E foi dividida em três subcategorias, de acordo com os assuntos mais abordados nas atrações, são elas: as tecnologias assistivas como uma possibilidade de borramento de fronteiras, o esporte como aliado no enfrentamento e superação das dificuldades impostas pela deficiência e, a vivência da sexualidade enquanto uma conquista alcançada. Na segunda, restrita ao programa *Encontro com Fátima Bernardes*, trabalho com as falas que se referem à educação e ao mercado de trabalho como espaços fundamentais para a pessoa com deficiência. Por fim, na terceira, volto a trabalhar com as duas atrações, trazendo participações de pessoas sem deficiência que expõem suas ações de auxílio em prol das necessidades das pessoas com deficiência.

Nesses materiais, percebi uma tentativa de normalização das pessoas com deficiência mediante um borramento de fronteiras, que ocorre quando a apresentação dessas pessoas é feita. Elas são apresentadas com características e problemas semelhantes aos de quaisquer pessoas. Ainda, há uma condução das condutas por meio da sensibilização de que as pessoas com deficiência devem participar de todos os espaços da sociedade, usufruindo de bens e serviços e circulando pelo espaço urbano. E, portanto, fazendo parte do jogo neoliberal.

Ao fim, destaco que a mídia exerce uma condução das condutas dos telespectadores, operando modos de subjetivação por intermédio da participação de pessoas com deficiência, nos programas analisados. Importa destacar que tal participação não é desinteressada, mas conexas a modos de compreender a pessoa com deficiência como aquela que é capaz de se superar constantemente.

Destaco que chegar até a conclusão deste trabalho não foi uma tarefa fácil. Inúmeros desafios foram enfrentados em sua construção. Quero salientar aqui um deles, não como forma de vitimismo, mas como uma resistência que enfrentamos dentro da universidade.

Próximo do encerramento do primeiro semestre do curso de mestrado, meu orientador teve um problema de saúde, o que tornou as orientações mais difíceis. Para que ele tivesse tranquilidade em relação a isso, entramos com um pedido de coorientação no programa. Minha coorientadora foi a professora Roseli Machado, que trabalha nesta universidade e tem um currículo compatível com o exigido pelo Programa para o ingresso de seus professores. Porém, não foi aceito que ela me coorientasse oficialmente, e a orientação foi feita durante todo o trabalho, de forma extraoficial, tendo sido fundamental para que chegássemos até aqui.

Ainda sobre resistência, penso que outro fato importante deve ser mencionado. Quando entrei no mestrado, vivíamos uma situação política conturbada, mas os direitos das pessoas com deficiência ainda não eram contestados. Pelo contrário, essas pessoas passaram a ter mais evidência, muito fortemente, em uma busca por respeito e por direitos ainda negados. Entendo que ter esse espaço e essa visibilidade na mídia é importante para essas pessoas. Entretanto, não posso deixar de comentar que, a partir de 2019, a situação dos direitos dessas pessoas começou a se modificar. Digo isso porque a Secretaria que tratava da inclusão no MEC, a SECADI, foi fechada, e não há nenhum projeto sobre o que será feito a partir disso.

No momento atual, os trabalhadores da educação em geral vivem um momento de incertezas, pois não há planos e metas estabelecidos para essa área no governo. As pessoas com deficiência, que conquistaram o direito de estudar na escola regular e fazer o atendimento educacional especializado nela, também passam por esse momento. Porém, curiosamente, na mídia, essa situação não se alterou. Mesmo eu tendo acompanhado menos durante o processo de escrita desta dissertação, continuo notando a mesma proliferação de notícias, reportagens, aparições e exibição de bons exemplos. Neste momento, entendo que essa continuidade na mídia é uma forma de resistência. Por isso, diante da situação atual, vejo que o trabalho que desenvolvi proporciona uma possibilidade de problematizar o caráter pedagógico da mídia e como isso é feito. Entendo que a mídia, sim, educa. Neste trabalho, educa em busca de uma sociedade inclusiva em um momento em que a sociedade e o poder público caminham na contramão.

Nesse sentido, reconheço que este trabalho é relevante para a área da Educação por problematizar um espaço que não é o escolar, mas que também proporciona aprendizados. Para os Estudos Culturais, contribui por estudar um artefato cultural que, mesmo com os inúmeros avanços tecnológicos, ainda é presente no cotidiano dos brasileiros, propiciando diversos aprendizados.

Acredito que o presente trabalho colabora para que novas pesquisas possam ser feitas, utilizando outros conceitos e outras abordagens. Por exemplo, problematizar a constante

participação das pessoas com deficiência na mídia como um movimento de resistência e oposição aos desmanches que estão sendo feitos nos seus direitos. Ou pensar na responsabilização dos pais das crianças com deficiência pelo seu desenvolvimento. Aqui também é reforçado o que já li em outros trabalhos, como a responsabilização dos professores pelo desenvolvimento das crianças com deficiência; talvez alguns trechos desta dissertação possam ser utilizados para reforçar isso. Esses discursos são constantes na fala dos pais, mas, no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, foram proferidos por pessoas públicas. Enfim, cada pessoa que dirigir o seu olhar para esta dissertação, com as suas lentes teóricas, enxergará diferentes modos de utilizá-la e de ultrapassá-la, explorando novos trabalhos e recortes.

Por fim, considero que, além da possibilidade de colaborar com outros trabalhos, esta investigação também pode ter uma continuidade, indo além do que já trabalhei aqui. Se hoje fosse continuá-la, exploraria o forte borramento de fronteiras que constatei. Para isso, precisaria aprofundar-me em outros autores que estudam questões semelhantes na contemporaneidade, como Bauman. É outra possibilidade, uma ideia para o futuro.

REFERÊNCIAS

BASTIDORES DA TV, *São Paulo: Audiências consolidadas de segunda-feira (29/01)*. Disponível em: <<http://www.bastidoresdatv.com.br/audiencia/sao-paulo-audiencias-consolidadas-de-segunda-feira-29-01>> acesso em 29/01/2018.

BASTIDORES DA TV, *Audiências consolidadas de terça-feira por faixa horária (30/01)*. Disponível em: < <http://www.bastidoresdatv.com.br/audiencia/audiencias-consolidadas-de-terca-feira-por-faixa-horaria-30-01>> acesso em 30/01/2018.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

BRASIL. Decreto nº42. 728, de 3 de dezembro de 1957. Institui a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro. *Brasília: Presidência da República*, 1957.

BRASIL. Decreto nº44.236, de 1º de agosto de 1958. Institui a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais. *Brasília: Presidência da República*, 1958.

BRASIL. Decreto nº48.961, de 22 de setembro de 1960. Institui a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais. *Brasília: Presidência da República*, 1960.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Brasília: Presidência da República*, 2001.

BRASIL. Decreto nº3.956/2001, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. *Brasília: Presidência da República*, 2001.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 2, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

BRASIL. *Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo. Seção I, p.8-9, Brasília, DF, 4 mar. 2002.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Brasília: Presidência da República, 2002.*

BRASIL. Portaria nº 2.678, de 24 de setembro de 2002. Aprova o projeto da Grafia Braille para a Língua Portuguesa e recomenda o seu uso em todo o território nacional. *Brasília: MEC, 2002.*

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida. *Brasília: Presidência da República, 2004.*

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta as Leis nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Brasília: Presidência da República, 2005.*

BRASIL. Decreto 6.094/2007. Plano Metas Compromisso Todos pela Educação. *Brasília: Presidência da República, 2007.*

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. *Brasília: Presidência da República, 2009.*

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. *Brasília: Presidência da República, 2009.*

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. *Brasília: Presidência da República, 2011.*

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Brasília: Presidência da República, 2012.*

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Brasília: Presidência da República, 2015.*

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC; SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 7 de maio de 2018.

CARNEIRO, Thiago Rodrigo. *Faixas salariais x Classe Social – Qual a sua classe social?* Disponível em: <<https://thiagorodrigo.com.br/artigo/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge/>> acesso em 26/03/18.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORRÊA, Camila Bottero. *A inclusão como estratégia de governo: a condução da conduta dos sujeitos normais*. 129f, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

COUTINHO, Karyne Dias. *A emergência da psicopedagogia no Brasil*. 219f. , 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

DUTRA, Isabela. *Infantocracia: deslocamentos nas formas de compreender e viver o exercício do governo infantil na racionalidade neoliberal*. 144f, 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FERREIRA, R. S et al. Tecnologia assistiva e suas relações com a qualidade de vida de pessoas com deficiência. *Revista Terapia Ocupacional*. Universidade de São Paulo, 2017, jan/abr, 28(1):54-62.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*. UFRGS, Porto Alegre, v.22(2), p.59-80, jul/dez,1997.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A paixão por trabalhar com Foucault. In: COSTA, M.V (Org.) *Caminhos investigativos I: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; RABINOW, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. Curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: VMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974- 1975)*. São Paulo: VMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24ed. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

GLOBO, Personagem Benê. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/malhacao/2017/personagem/bene/> Acesso em: 01/07/2018.

GLOBO, Personagem Estela. Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraiso/personagem/estela/> Acesso em 01/07/2018.

G1 ECONOMIA, Kantar Ibope atualiza representatividade de cada ponto de audiência de TV. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/kantar-ibope-atualiza-representatividade-de-cada-ponto-de-audiencia-de-tv.ghtml> Acesso em: 20/04/2018

HAAS, Fabricio Luis. *Monstros que educam e pouco assustam: diferença e normalização em divertidas animações*. 100f, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2015.

INCLUSÃO JÁ. *Leis e documentos*. Disponível em: <https://inclusaoja.com.br/legislacao/> Acesso em: 07/05/2018.

LAURINDO, Roseméri. *O jornalismo diversional de Fátima Bernardes*. São Paulo: Primavera Editorial, 2015.

LINHARES, Rosimary Maria. *Contribuições da telenovela à inclusão social de alunos com deficiência: um estudo de caso a partir da recepção da telenovela América*. 140f, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOCKMANN, Kamila. *Inclusão escolar: saberes que operam para governar a população*. 130f, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOCKMANN, Kamila. As práticas de inclusão por circulação: formas de governar a população no espaço aberto. *Cadernos de Educação* – UFPEL (Online), v.1, p.20-36, 2016.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de Inclusão e Governamentalidade. *Educação e Realidade*. UFRGS, Porto Alegre, v. 34(2), p.153-169, mai/ago, 2009.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (Orgs). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte, Autêntica, 2009b, p.107-130.

LOPES, Maura Corcini; FABRIS, Eli Henn. *Inclusão e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LOPES, Maura Corcini. ; RECH, Tatiana Luiza. Inclusão, biopolítica e educação. *Educação*. PUCRS, Porto Alegre, v. 36, n.2, p.210- 219, maio/ago., 2013.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Acima de tudo, que a escola nos ensine. Em defesa da escola de surdos. *Educação Temática Digital*. Campinas/SP, v.19, n.4, p. 671-704, out/dez, 2017.

MACHADO, Roseli Belmonte. Paraolimpíadas e Políticas de Inclusão: novas formas de governo dos corpos. *Revista Querubim*, v. 2, p.129-136, 2011.

MACHADO, Roseli Belmonte. *A inclusão como rede: uma análise de práticas de professores de Educação Física na Contemporaneidade*. 309f. , 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. *Dispositivos da maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. 180f, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MEMÓRIA GLOBO, *Encontro com Fátima Bernardes*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/encontro-com-fatima-bernardes.htm>> Acesso em: 20/05/2018.

MEMÓRIA GLOBO, *Esporte Espetacular*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/esporte-espetacular-esporte-espetacular-45-anos-FF80808167808624016784210640095D.htm>> Acesso em: 28/01/2019.

MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. *A maquinaria escolar na produção de subjetividades para uma sociedade inclusiva*. 189 f, 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2011.

MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. Práticas de subjetivação no imperativo inclusivo. In: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos (org.). *Inclusão e aprendizagem: contribuições para pensar as práticas pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2017.

MUNDO ESTRANHO. *Como é medida a audiência de TV?* Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/tecnologia/como-e-medida-a-audiencia-de-tv/>> Acesso em 20/04/2018.

OLIVEIRA, Sandra de; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Práticas in/exclusivas e os modos de ser professor(a) na Contemporaneidade. In: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos (org.). *Inclusão e aprendizagem: contribuições para pensar as práticas pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2017.

PAIVA, Luciana Laureano. Corpos amputados e protetizados: “naturalizando” novas formas de habitar o corpo na contemporaneidade. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.). *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. 2ed, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

PONTIN, Bianca Ribeiro. *Discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos através de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade*. 73f., 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

RECH, Tatiana Luiza.. A emergência da inclusão escolar no Brasil. In: THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina. (Org.). *Políticas de Inclusão: gerenciando riscos e governando as diferenças*. 1ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, v. 01, p.19-34.

RECH, Tatiana Luiza. *Da escola à empresa educadora: a inclusão como uma estratégia de fluxo-habilidade*. 259f. , 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ROSSO, Aline; FORMETIN, Claudia Nandi. *Encontro com Fátima Bernardes: Uma análise sobre a perspectiva cultural da mulher no programa*. *Revista Vincci – Periódico Científico da Faculdade SATC*, v.2, n.2, p.75-94, ago/dez. 2017.

SACRAMENTO, Igor. A formação televisiva de experiências traumáticas do Programa *Encontro com Fátima Bernardes*. In: *XXV Encontro Anual da COMPÓS*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 07 a 10 de junho de 2016.

SANFELICE, Gustavo Roese; SCHMIDT, Saraí Patrícia. Mídia e Educação: Possibilidades de (des)encontro. *Atos de Pesquisa em Educação (FURB)*, v.8, p.129-141, jan./abr.,2013.

SERON, Bruna Barboza; ARRUDA, Gustavo Aires de; GREGUOL, Márcia. Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(3), 214 – 221, 2015.

SCHMIDT, Saraí Patrícia. *Ter Atitude: escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global*. 167f, 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHOPKE, Ricardo. *I Prêmio ID_BR, Sim à Igualdade Racial*. Disponível em: <http://almanaquevirtual.com.br/i-premio-id_br-sim-a-igualdade-racial/> Acesso em 23/05/18.

SILVA, Érica Danielle. *Movimentos identitários e políticas de inclusão na mídia: a (d)eficiência em tela*. 183f. , 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

SILVA, Gisele Ruiz. HENNING, Paula Corrêa. Entre leis, decretos e resoluções... A inclusão escolar no jogo neoliberal. *Revista Diálogo Educativo*, Curitiba, v.14, n.13, p.843-864, set./dez. 2014.

SILVA, Laianny Martins. *Programa Encontro com Fátima Bernardes: Um espaço para cidadania?* 205f. , 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SIQUEIRA, Ivana. Introdução. In: LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). *História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil*. Brasília: Secretaria dos direitos humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos das Pessoas com deficiência, 2010.

SOARES, A.H.R *et al.* *Jovens portadores de deficiência: sexualidade e estigma*. Ciênc. Saúde coletiva. Vol.13, n. 1. Rio de Janeiro, jan./feb., 2013.

TARDELLI, Raquel Terzoni. *A televisão, o surdo e a escola: relações possíveis*. 106f, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2008.

THOMA, Adriana da Silva; KRAEMER, Graciele Marjana. *Políticas de in/exclusión de las personas con discapacidad. El caso de Brasil*. Barcelona: Editorial UOC, 2017.

THOMA, Adriana da Silva; KRAEMER, Graciele Marjana. Inclusão no Ensino Superior: Subjetivação e Governo das Diferenças. In: LOUREIRO, C.B; KLEIN, R.R. (Org.) *Inclusão e aprendizagem: contribuições para pensar as práticas pedagógicas*. Curitiba: Appris, 2017b.

TV DIÁRIO. *Perfil dos telespectadores do Programa Encontro com Fátima Bernardes*. Disponível em: <http://www.tvdiario.com.br/comercial/index.php?option=com_content&view=article&id=298:encontro-com-fatima-bernardes&catid=44:programas> Acesso em 30/01/2018.

VASCONCELLOS, Alice Sonaglio; FINOQUETTO, Leila Cristiane; MACHADO, Roseli Belmonte; FREITAS, Débora Duarte. *Inclusão e Educação Física no Município de Rio Grande: Reflexões sobre as percepções dos Educandos com Deficiência*. Movimento (UFRGS), v. 22, p.835 – 848, 2016.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LAROSSA, J.; SKLIAR, C.(Org.) *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-34.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e Contemporaneidade: um olhar foucaultiano. In: BOTH, Valdeir; CARBONARI, Paulo César (org.). *Michel Foucault: diálogos sobre política, educação e ética*. Passo Fundo: IFIBE, 2016. p.37-48. ISBN: 978-85-8259-037-9.

VEIGA-NETO, Alfredo.; LOPES, M.C. Inclusão como dominação do outro pelo mesmo. In: *VII Colóquio Internacional Michel Foucault*, 2011, São Paulo. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/TEMPORARIOS/veiga-neto-lobes-inclusao-como-dominacao.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2018.

WEBTV brasileira. *Nos EUA, Fátima Bernardes conta como acabou com a “TV Globinho”*| *Press Award 2018*. 2018 (35m04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rf22PZR6avE>> Acesso em: 22/05/18.